

UM ESTRANHO EM MINHA VIDA

(The Perfect Stranger)

Anne Gracie



França, 1818

Eu juro te amar, respeitar e ser fiel... e depois te conhecer!

Com sua natureza livre e espírito aventureiro, Faith Merridew abriu mão da estabilidade e da segurança pelo homem que acreditava ser o grande amor de sua vida. Mas tudo o que ele fez foi destruir sua reputação e seus sonhos... Até seu caminho cruzar com o de Nicholas Blacklock, que se ofereceu para salvar o bom nome de Faith com um casamento de conveniência.

Veterano da batalha de Waterloo, Nick guarda um terrível segredo. Embora seja capaz de comandar uma legião de soldados com a simples autoridade de sua voz, suas ordens são sumariamente ignoradas pela doce e meiga esposa. E à medida que se conhecem melhor, Faith pouco a pouco consegue despertar em Nick sentimentos que ele julgava soterrados para sempre em seu coração: carinho, alegria... e amor!

Digitalização: Vicky

Revisão: Ana Ribeiro





Querida leitora,

No terceiro livro da série Irmãs Merridew, a fabulosa Anne Gracie conta, com senso de humor e picardia, a história de duas pessoas solitárias que encontram o amor nos braços um do outro. É um romance arrebatador e apaixonante, com um toque de misticismo e que comprova que o amor opera milagres!

Leonice Pomponio
Editora

Copyright O 2006 by Anne Gracie Originalmente publicado em 2006 pela The Berkley Publishing Group

PUBLICADO SOB ACORDO COM THE BERKLEY PUBLISHING GROUP.
NY, NY - USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: The Perfect Stranger

EDITORA Leonice Pomponio
ASSISTENTE EDITORIAL Patrícia Chaves
EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Silvia M. Caldiron Rezende

Copidesque: Roberto Pellegrino

Revisão: Luiz Chamadoira

ARTE Mônica Maldonado
ILUSTRAÇÃO Hankins + Tegenborg, Ltd.

COMERCIAL/MARKETING Silvia Campos

PRODUÇÃO GRÁFICA Sonia Sassi
PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.

© 2007 Editora Nova Cultural Ltda.
Rua Paes Lime, 524 - 10º andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP
www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR Donnelley Moore

Capítulo I

Calais, França, Setembro de 1818

Vozes de vários homens ecoavam na escuridão. Faith Merridew se levantou. Uma luz se aproximava do local onde ela se escondia.

— Onde você está, minha pombinha? — O homem parecia embriagado.

— Você tem certeza de que ela está aqui? — Um segundo homem indagou. Eles conversam em francês.

— Eu a vi entrando e sei que não saiu. Está esquentando o nosso ninho. — O sujeito que respondeu soltou uma risada rouca. Mais dois riram também. Talvez três ou mais; não dava para ter certeza.

Faith vestiu seu casaco de lã, calçou as botas e resolveu que não esperaria mais nenhum minuto.

Logo adiante, a cidade repousava. Mas ela não tinha intenção de voltar para lá. A cidade estava cheia de homens como aqueles. Homens cruéis que queriam se aproveitar dela.

Sua única alternativa era fugir para a direção da praia.

— Lá embaixo! — Eles a avistaram e começaram a perseguição.

Não adiantava mais se preocupar com o barulho. Faith correu o mais rápido que podia, passando por arbustos e gramados. Sua saia se enrascava em galhos e espinhos, dos quais ela ia se livrando em cego desespero, sem perceber os arranhões em suas pernas. Atrás dela, seus perseguidores.

Faith tropeçou numa raiz e foi ao chão. Caída, ela buscava pelo ar, que parecia fugir. Finalmente, recuperou o fôlego e no mesmo instante se levantou e retomou sua fuga desesperada. Nesse momento, o silêncio da noite foi rompido por uma melodia suave e não muito distante.

Onde havia música havia pessoas. Pessoas que poderiam ajudá-la. Não havia outra opção.

A música, que já tinha sido seu refúgio, ultimamente era sua ruína.

Arriscando tudo, Faith tomou o caminho da praia. Pedacos de troncos e pedras castigavam seus pés a cada passo. Não muito distante, seus perseguidores. Ela correu para salvar sua vida, correu na direção da música.

Era um pequeno acampamento com uma fogueira acesa no centro.

Uma figura solitária, sentada próxima ao fogo, tocava a música suave; o som de cordas espanholas ecoava na noite. Um enorme cachorro se ergueu das sombras. Faith ficou paralisada, temendo o animal.

— Lá embaixo! — As vozes de seus perseguidores se aproximavam cada vez mais e

nada seria pior daquilo que planejavam fazer com ela.

— Ajude-me! — Faith suplicava, desesperada. — Ajude-me... eu lhe imploro!
A música parou. Os olhos do imenso cachorro refletiram na noite e ele rosnou.

— Quietos, Wulf!

O cão se calou imediatamente.

— Ajude-me! — Faith insistia, quase sem fôlego.

Milagrosamente, o homem conseguiu entendê-la e estendeu-lhe a mão.

— Venha, pequena — foi tudo o que ele disse.

Sua voz era calma, serena e inspirava segurança. Apesar de não ser possível visualizar-lhe o rosto com clareza, Faith segurou a mão estendida com todas as suas forças. Ele era alto e sólido, e aquela voz, ela pensou, transmitia força e proteção.

O terreno irregular a fez tropeçar e cair nos braços do desconhecido. Ele a segurou com firmeza contra o peito, mas o impacto o derrubou de costas no chão e, por um momento, os dois ficaram deitados, o corpo de Faith sobre o do homem. Seus braços fortes e musculosos ao redor dela. Seu cheiro era bom, um aroma natural de limpeza.

O cão latiu novamente, mas agora sua ameaça foi para a escuridão da noite. Os perseguidores estavam por perto.

Enquanto procurava se recompor, Faith tentava buscar as palavras em francês para explicar sua situação. Mas elas lhe fugiam devido ao nervosismo. Ela se ajoelhou na areia ao lado do homem e ergueu as mãos no ar como numa posição de prece.

A enorme silhueta se ergueu na sombra da fogueira.

— Mademoiselle? — A voz dele era grave e profunda.

— Desculpe, desculpe — Faith murmurou. — As palavras me escapam. Oh, Deus! — Não podia ver o rosto dele, mas o dela estava iluminado com a luz do fogo.

— A senhorita é inglesa?

— Sim, eu sou. O senhor também? — Pelo sotaque, Faith percebeu que ele também era inglês, e isso ou algo mais, misteriosamente, a fez sentir-se segura.

O cão latia, desesperado.

— Aqueles homens... estão se aproximando.

Ele apenas olhou para os lados e estendeu a mão para ela.

— A senhorita consegue se levantar? — As palavras e o gesto eram de um cavalheiro.

Faith assentiu, apesar de suas pernas estarem trêmulas. Ele a ajudou com mãos firmes e gentis. O cachorro continuava latindo sem parar.

— Chega, Wulf! — O cão se calou e o silêncio prevaleceu. Na praia três silhuetas corriam.

— Eles estão atrás de mim.

— Foi o que pensei. Mas por que a estão perseguindo? A senhorita roubou algo?

— Não! — Faith respondeu, indignada. — Eles querem... Eu acho que... Acho...

— Já entendi. Sente-se aqui perto do fogo. Eu cuidarei deles.

— Mas são três ou mais!

O sorriso dele era selvagem.

— Ótimo!

Ótimo? Faith encarava a face nas sombras, tentando ver melhor. O que ele quisera dizer com ótimo?

Uma voz bradou:

— Ei, meu caro! A mulher é nossa!

— Oui, devolva-a para nós e não haverá problema — outro gritou.

— A mulher é minha.

O cachorro latiu em seguida, como para reforçar as palavras de seu dono.

Faith estremeceu. Será que agora ela teria de fugir de mais um? Faith não pertencia

a ninguém. Desde que havia fugido de Felix, vários homens tentaram se apoderar dela pela força. Parecia um pesadelo sem-fim que piorava cada dia.

Um dos perseguidores gritou:

— A vagabunda é nossa. Nós a encontramos primeiro. Se você quiser, pode ficar com ela depois que nós a usarmos.

Eles planejavam compartilhá-la? Oh, Deus! Faith olhou ao redor em busca de uma arma, uma faca, ou até mesmo um pedaço de pau, mas não havia nada. Só lhe restava sair correndo de novo. Sorrateiramente, foi se levantando, mas o homem a seu lado segurou-a pelo pulso e disse:

— Pare. Prometo que não lhe farei nenhum mal. Não precisa fugir.

— A mulher é minha e não vou dividi-la — ele gritou para os outros. Para Faith, disse baixinho: — Está vendo aquele alforje perto do violão? Há um par de pistolas dentro dele. Pegue-as para mim. Não posso tirar os meus olhos daqueles porcos.

— Nós a encontramos primeiro — um dos sujeitos gritou, furioso.

— Se você a quer, então venha pegá-la. Mas saiba que terá de me matar primeiro.

E, para assombro de Faith, ele sorriu outra vez. Uma risada de escárnio ecoou na escuridão.

— Bah, inglês, somos três e você é só um. Vai virar comida de peixe.

O protetor de Faith sorriu, e seu sorriso parecia dizer "veremos!"

Assim que encontrou as pistolas, ela correu para colocá-las nas mãos dele. Na distância, seus perseguidores pareciam discutir algo.

As pistolas foram verificadas. Faith observava, impressionada, a calma do homem. Era alto e tinha ombros largos, mas será que seria páreo para três?

Aquele estranho, cujo nome Faith desconhecia, iria arriscar sua vida por ela. Não lhe parecia justo se acovardar e permitir que ele e seu cachorro a defendessem sozinhos. Nas últimas semanas, Faith tinha decidido que aprenderia a se cuidar sozinha e que não iria depender de mais ninguém. Era chegado o momento de colocar em prática sua resolução.

Ela se aproximou da fogueira, escolheu um galho com a ponta incandescente e o puxou. Buscando todas as suas forças, Faith deu um passo à frente e se colocou junto de seu herói desconhecido.

— Lutarei ao seu lado! — ela avisou, agitando seu galho incandescente.

Seu protetor riu.

— Ótimo, agora seremos três contra três! Um homem, uma mulher e um cachorro! Venham, seus porcos, vamos ver do que vocês são capazes.

Faith agitava o galho. Faíscas dançavam na escuridão e, pela primeira vez, ela pôde ver o rosto de seu defensor. Seus traços eram fortes. Os cabelos negros e espessos precisavam de um corte. O queixo anguloso, com a barba por fazer. Os olhos brilhavam, refletindo as chamas.

Ele ergueu as duas pistolas.

— Perderam a coragem, fanfarrões? Então voltem para o lugar de onde nunca deveriam ter saído, ou venham experimentar um pouco do metal inglês.

Faith mal podia respirar. Era um blefe, claro. Pois como poderia acertá-los na escuridão? Se alguém era um alvo fácil, esse alguém era ela; sua silhueta iluminada pela fogueira.

Da outra parte, apenas o silêncio.

— Muito bem, o senhor venceu — um deles falou. Passos pesados se moveram na direção oposta à deles. Faith respirou aliviada.

— Não se mexa — seu herói a alertou. Ela ficou paralisada.

— Jogue esse galho e se abaixe por um momento — ele ordenou com gentileza. — Fique fora da linha de fogo.

Faith jogou o galho na areia e se agachou. O cachorro estava de orelhas em pé, e

seu dono, não menos atento. O silêncio era total.

Ela quase morreu de susto quando ouviu um tiro, seguido por um grito de dor e por xingamentos.

— Você teve sorte, inglês, mas não poderá atirar em três direções.

— Será um prazer — ele respondeu e atirou na direção da voz. Mais xingamentos em resposta.

— Maldição, inglês! Como você pode atirar assim no escuro?

— A sorte está do meu lado e posso ver na escuridão — ele respondeu calmamente, agitando a outra pistola no ar; em seguida, falou para Faith: — Me dê um galho incandescente.

Quando passava o galho para ele, uma faca brilhou à luz das chamas. Os pescadores não eram os únicos armados com facas. O inglês agitava o galho flamejante no ar como se fosse uma batuta. Faíscas se espalhavam para todas as direções.

— Venham, seus covardes! Quero olhar para vocês! — Ele deu um passo à frente e Faith fez sinal de que ia segui-lo. — Afaste-se! — Foi a ordem que ela recebeu.

Então ele continuou agitando seu galho cada vez mais rápido num espetáculo fascinante. Seu controle e ferocidade eram hipnóticos.

De repente, arremessou o galho contra uma silhueta nas sombras, enquanto os outros dois se atiravam em cima dele. Com um soco, o inglês se protegeu de um. E acertou outro. Faith mal podia ver o que estava acontecendo; eram apenas sombras e sons horripilantes, sons de punhos esmagando a carne, de ossos sendo quebrados e gritos de homens lutando.

Por incrível que pudesse parecer, seu herói estava vencendo.

Mas os três não desistiram tão facilmente e só depois de muita luta se deram por vencidos.

— Fique com ela, inglês. Espero que ela lhe passe alguma doença! — O grupo desapareceu na escuridão da noite.

Homem, mulher e cachorro esperaram até o som de passos desaparecer.

— Eles se foram — disse o inglês.

— Tem certeza?

— Sim. Beowulf não relaxaria se ainda houvesse algum sinal de ameaça. Não é mesmo, Wulf? — O cão olhou para seu dono e depois para Faith. Um rosnado expôs dentes assustadores que a fizeram estremecer. A criatura era enorme.

— Não se preocupe. Ele não gosta de mulheres, mas não morde. Agora, me diga, a senhorita está bem?

— Sim, obrigada. Mas e o senhor não está ferido?

— Eu? E claro que não.

— Obrigada por me salvar.

— Nicholas Blacklock a seu dispor. — Ele estendeu a mão para ela se levantar e Faith a segurou, trêmula.

— Fique calma. Está tudo bem. Venha, vamos nos sentar perto da fogueira. A senhorita consegue andar?

— Sim, é claro. — Faith virou-se na direção da fogueira, mas suas pernas fraquejaram. Quando se deu conta, estava sendo carregada.

Nick percebeu a surpresa nos olhos dela.

— Por que não me disse logo que o seu pé está machucado?

Faith não estava acostumada, pois Felix nunca a carregara em seus braços.

O vestido verde que ela usava estava esfarrapado e expunha algumas curvas femininas. O tecido de seda muito delicada indicava que a roupa fora bela um dia. Seu casaco, por outro lado, era grosso, rústico e pesado, de lã caseira. Uma estranha combinação.

O cheiro de Faith era agradável, e o corpo de Nick reagiu da mesma maneira como havia reagido quando ela o derrubara no chão. Com excitação. Intensa e imediata.

Ainda bem que estava escuro. Nick se esforçou para desviar seus pensamentos. Mulher tola! O que, afinal, estava fazendo naquela região da França? Um desencontro amoroso? Ele duvidava. Apesar de suas roupas estranhas, ela não parecia ser do tipo.

A moça devia ter berço. Sua pronúncia era pura, aristocrática, sem marcas de regionalismos.

Nick a colocou sobre um cobertor perto do fogo e a observou por um tempo. Com as mãos ainda trêmulas, Faith tentava ajeitar suas roupas e os cabelos. Muito magra, seu rosto estava sujo, arranhado e com manchas roxas.

Um resquício de beleza pairava naqueles grandes olhos assustados, emoldurados por cílios longos e negros. Olhos azuis e claros como água cristalina eram um convite para qualquer homem se afogar. Mas Nick não tinha intenção alguma de se afogar nos olhos de nenhuma mulher.

E havia a boca. Ele mal podia olhar para aqueles lábios macios e vulneráveis, os mais convidativos que já vira.

— Obrigada. Desculpe, eu não tinha a intenção de... — A voz dela estremeceu e Nick se preparou para ouvir um ataque histérico.

Faith, porém, o surpreendeu ao respirar fundo e retomar o controle.

— Sinto muito por havê-lo envolvido nessa confusão, mas eu não tinha a quem recorrer. O senhor foi tão corajoso ao se arriscar daquela maneira por mim! Muito obrigada...

— Bobagem! — Ele a interrompeu bruscamente. — Eu sou, ou melhor, eu fui um soldado. Não me importo de lutar, e aqueles porcos não foram páreo o suficiente.

O lábio inferior de Faith ainda tremia. Nick tirou um frasco de dentro de seu casaco.

— Tome um gole. Isto vai acalmá-la.

— Oh, mas eu...

— Até mesmo os soldados mais valentes podem ficar trêmulos depois de uma batalha. Não discuta. Beba.

Faith o olhou desconfiada.

— Não estou planejando embebedá-la. Tome logo uns dois goles. Vai lhe fazer bem. A bebida acalma e espanta o frio.

— Não estou com frio — Faith respondeu, mas apanhou o frasco mesmo assim.

Nick se agachou e alcançou a saia dela.

— Pare com isso! O que está fazendo? — Faith gritou, tentando bater na mão dele.

Nick segurou-lhe as mãos.

— Não seja boba! Como poderei examinar o seu tornozelo se não erguer a sua saia?

— Mas por que o senhor quer examinar o meu tornozelo?

— Porque ele está machucado, é claro!

— Na verdade, está doendo muito — ela admitiu.

Nick apanhou o frasco que Faith havia deixado cair e insistiu:

— Vamos, beba um pouco. Vai ajudá-la a suportar a dor.

Ela abriu a tampa e levou o frasco aos lábios. O líquido ardente desceu queimando por sua garganta, fazendo-a tossir e engasgar.

— O que é isto? — Faith perguntou ao recuperar o fôlego.

— Conhaque. Não é exatamente uma bebida feminina, mas lhe fará bem depois do susto que levou.

Havia algo de especial na maneira como ele falava; algo de atraente. Dissera que havia sido um soldado. Um oficial, ela concluiu, por causa do tom de comando na voz de Nicholas.

Agora que a queimação do primeiro gole já tinha passado, um calor crescia dentro de

Faith. Seus músculos estavam relaxando e seu sangue se aquecendo.

— Obrigada. — Ao devolver o frasco, percebeu que ele ferira a mão durante a luta.
— Sua mão...

— Não foi nada. — Nick levou o frasco à boca e tomou um gole prolongado. — Qual é o seu nome?

Ela hesitou.

— Faith... Merrit — declarou. Não seria prudente revelar seu verdadeiro sobrenome. Já era ruim o suficiente que tivesse se desgraçado. Não seria justo manchar a reputação de suas irmãs também.

— Então srta... Merrit — A pausa deliberada demonstrou que ele estava desconfiado —, posso ver o seu tornozelo agora?

Faith teve um sobressalto quando as mãos de Nick deslizaram sob a saia e tocaram a pele macia atrás de seu joelho.

— O que o senhor pensa que está fazendo?

— Tentando desamarrar a sua liga para tirar as meias.

Ela abaixou a cabeça, humilhada. Nenhuma mulher de respeito andava sem meias.

— Minhas meias estavam cheias de buracos.

— Entendo. — Ele ergueu-lhe a saia até a altura dos joelhos. Sentindo-se envergonhada e exposta, Faith tentou abaixá-la um pouco, mas Nick a deteve apenas com um olhar.

A luz da fogueira refletia nas pernas dela enquanto ele desamarrava as botas. Faith sabia o que ele devia estar pensando. Nenhuma dama de verdade usaria botas tão surradas e rústicas.

— Meus sapatos eram muito delicados. Eu os troquei por estas botas — ela murmurou.

Gentilmente, ele retirou as botas. Faith gemeu e Nick recuou.

— Como a senhorita chegou a esta situação?

Ela desviou o olhar, sem responder.

— Quem cuida da senhorita?

— Eu mesma.

Ele resmungou algo e tirou suas próprias botas e o casaco. E quando Faith, assustada, se indagava o que mais Nicholas tiraria, ele se aproximou e a pegou em seus braços.

— O quê?

— Calma, vou levá-la para o mar. A água salgada vai arder como fogo, mas limpará seus pés e pernas. Será a única maneira de avaliar seus ferimentos.

— Tive de erguer a saia quando estava correndo. O tecido acabou se enroscando em alguns galhos, por isso fiquei neste estado.

— Ah, sim! Protegeu um vestido velho em vez de pensar nas próprias pernas. Muito sensato.

— Não foi isso — Faith explicou com dignidade. — Minha saia estava se enroscando na vegetação, atrapalhando a minha fuga.

— E os pés? Eles estão cheios de bolhas.

— Percorri um longo caminho — ela ia continuar sua explicação, mas então parou. Não devia satisfações a ninguém, exceto à sua família.

Eles percorreram calados o caminho até a praia.

— Segure-se bem, pois vai arder muito — Nick avisou.

Faith ofegou quando a água salgada e fria atingiu seus vários arranhões e ferimentos. Mas ela não iria gritar de maneira alguma. Todas as mulheres da família Merridew eram capazes de suportar a dor sem chorar. Era um legado do severo avô.

— Melhorou? — Nick perguntou.

Ainda sem poder falar, Faith concordou com um gesto de cabeça.

— Vou colocá-la sentada naquelas pedras e ver a situação dos seus pés. — Ele a fez sentar em cima de umas pedras à beira-mar. — Mantenha-os na água. Sei que está gelada, mas vai ajudar a diminuir o inchaço.

Com extremo cuidado, Nick examinou-lhe os pés muito machucados. A situação não era nada boa, por isso os ferimentos ardiam tanto.

— Mantenha os pés dentro da água o máximo que agüentar. Depois a senhorita se aquecerá ao lado da fogueira. Sei que está doendo, mas o sal cura. Não saia daqui que eu já volto.

Nick deixou Faith sentada nas pedras como uma sereia.

— Está melhor? — Nicholas Blacklock perguntou a Faith.

— Sim, obrigada. O senhor estava certo. A água do mar ajudou muito.

— Acho que a senhorita está com frio agora. Vamos para junto da fogueira?

Nick a levou de novo em seus braços. Era a primeira vez que um homem a carregava. Aquilo era... muito bom.

Ao se aproximarem do fogo, Faith sentiu um aroma maravilhoso. Seu estômago vazio roncou alto e ela olhou sem jeito para o sr. Blacklock.

— Meus amigos voltarão logo.

— Seus amigos?

— Não tem o que temer — ele disse. — Stevens, meu cavalariaço, e Mac, meu antigo sargento. — Delicadamente, Nick a colocou sobre um cobertor. — A senhorita jantará conosco, é claro.

Faith estava tão faminta que não tinha condições de recusar, ainda que fosse por uma questão de educação.

— Obrigada.

— Ótimo. Agora, deixe-me ver o seu tornozelo.

Sem cerimônia, ele ergueu-lhe a barra da saia e examinou os ferimentos. Ela sentiu-se menos embaraçada dessa vez ao expor tornozelos e panturrilhas, mas a sensação de ter os pés e as pernas desnudas ainda era estranha. Nick abaixou a cabeça para olhar mais de perto e seus fartos cabelos negros ficaram a alguns centímetros dos seios de Faith.

— Ótimo. A água salgada cumpriu seu papel. Agora, só um pouquinho de ungüento. — Ele percebeu-a desconfiada. — Não se preocupe, é ungüento para cavalos, mas faz bem para humanos também.

Nick mergulhou os dedos num pote que estava ao lado e, com muito cuidado, espalhou o medicamento no tornozelo de Faith. O ungüento era frio e seu cheiro fez com que os olhos dela ficassem marejados. À medida, porém, que ele a massageava, o calor ia aumentando, e a dor, desaparecendo.

As mãos de Nicholas eram grandes e calejadas, mas nem por isso eram desajeitadas ou pesadas. Faith olhou para o tornozelo ferido e lembrou-se do som brutal que ouvira quando havia tropeçado numa pedra.

As mãos de Felix eram longas e elegantes, mas também fortes e calejadas pelo violino. No entanto, elas nunca tocaram em Faith daquela maneira. Porém não valia a pena revirar o passado. Ela era a única culpada pelo engano que cometera. E tudo por causa de um sonho. O sonho... ainda tinha um gosto amargo em sua boca.

Anos antes, quando Faith e suas irmãs viviam sob a terrível guarda de seu avô, ela e sua irmã gêmea tiveram o mesmo sonho. Acordaram ao mesmo tempo, no meio da noite, e compartilharam seus sonhos, que eram muito semelhantes em todos os aspectos, mas com apenas uma diferença: no sonho de Hope, seu homem valsava no mesmo ritmo do coração dela; no de Faith, em vez de valsar, seu homem tocava um instrumento. Em comum, as duas tinham a certeza de que ambos os sonhos haviam sido enviados por sua

falecida mãe, que, em seu leito de morte, prometera que todas as suas filhas encontrariam o amor verdadeiro e teriam dias de muita felicidade.

Algum tempo depois, elas fugiram do avô e foram para Londres. Hope encontrara o homem de seu sonho, o querido Sebastian, e estava casada com ele havia três meses. Na mesma semana, Faith ouvira Felix tocando e, ao escutar seus gloriosos acordes, havia achado que ele era o homem de seu sonho. Mas o sonho se tornara um pesadelo...

O estômago de Faith roncou novamente, chamando-a de volta ao presente.

— Acho que o cozido vai queimar. O senhor não deveria dar uma olhada?

Nick terminou de lhe enfaixar o tornozelo e olhou para suas próprias mãos sujas de unguento.

— Que tal a senhorita dar uma olhada enquanto eu lavo as mãos? Coloque o pé no chão devagar e veja como está o curativo.

Faith se levantou e já se sentia muito melhor. O cheiro do cozido era ótimo e convidativo, e ela já nem se lembrava há quantos dias não fazia uma refeição decente.

Enquanto aguardavam a chegada dos outros dois, Nick apanhou seu violão e começou a dedilhar alguns acordes. Suas mãos se moviam suavemente sobre as cordas e seu olhar estava perdido nas chamas da fogueira.

— Se o cozido estiver queimado, a culpa é sua, Stevens.

Faith se assustou ao perceber que dois homens se aproximavam. Um deles, baixo e mirrado, tinha aproximadamente cinqüenta anos e profundas cicatrizes no rosto. O outro, de barba vermelha, talvez não passasse dos trinta e era enorme. Muito mais alto que Nicholas.

O menorzinho olhou espantado para Faith.

— Boa noite, senhorita. — Mas a prioridade dele era outra. Destampou o fumegante caldeirão, inalou o cheiro agradável, mexeu com a colher e olhou para ela sorrindo. — Obrigado por ter cuidado do meu cozido, senhorita.

— Como o senhor sabe que fui eu?

O homem sorriu de novo.

— Porque o sr. Nicholas nunca se lembra de fazer isso.

— Não fale assim, companheiro — Nicholas interveio, indignado. — Srta. Merrit, o nome do cozinheiro é Wilfred Stevens, e o gigante barbado é o sr. Dougal McTavish, conhecido como Mac.

Faith cumprimentou os dois homens, e o sr. Stevens deu um caloroso sorriso ao apertar a mão dela com vigor. Já o sr. McTavish parecia mais com uma muralha, parado ao lado da fogueira, ignorando a mão que Faith lhe estendia e olhando-a de cima a baixo.

Ela estremeceu e logo imaginou o que se passava na cabeça do homem. Com certeza, a idéia que ele fazia a seu respeito era a mesma que a dos homens que a haviam perseguido até ali.

— Mac? Esta é a srta. Merrit — Nicholas repetiu.

O grandalhão a cumprimentou com relutância.

— Como vai? — Em seguida, ele olhou para Nick. — O que aconteceu, capitão? O senhor parece ter se metido numa briga.

Nicholas contou sobre o desentendimento com os visitantes indesejáveis, deixando de lado todo seu heroísmo para enaltecer a façanha de Faith ao segurar o galho incandescente. Mas nem assim Mac se convenceu da inocência dela.

— É sempre assim, carne podre atrai verme.

— Basta! — Nicholas o repreendeu.

— Bem, vou verificar se os visitantes indesejáveis já se foram mesmo. — Mac saiu para a escuridão.

Faith ficou assustada com a hostilidade do grandalhão.

— Não se preocupe, senhorita — Stevens disse enquanto mexia o cozido, muito animado. — Mac sofreu uma decepção amorosa e agora parece um urso ferido. Mas ele é como um cachorro que só late e não morde.

— Acho melhor não latir mais na minha frente — Nicholas disse num suave tom de ameaça quando o grandalhão retornava de sua busca.

Mac entendeu o recado.

— A senhorita gostaria de um pouco de vinho? — O gigante ofereceu, cordialmente.

Como o sr. Blacklock conseguia isso ainda era um mistério para Faith. Nick nunca alterava a voz, as palavras saíam suavemente e nem por isso ele perdia a autoridade. Seus homens lhe obedeciam sem pestanejar.

Stevens estendeu a ela uma tigela com cozido e um pedaço de pão.

— Coma, senhorita, enquanto está quentinho.

— Obrigada, sr. Stevens.

Depois que todos estavam servidos, Faith fechou os olhos e deu início às preces de agradecimento, mas o barulho das colheres a interrompeu bruscamente.

— Srta. Merrit, a senhorita poderia fazer os agradecimentos, por favor? — Nick pediu.

De repente, o silêncio era absoluto e os outros dois aguardavam como se nunca comessem antes dos agradecimentos.

Com a face muito corada, Faith retomou a prece rapidamente, liberando todos, inclusive ela, para saborearem o cheiroso cozido.

— Talvez a srta. Merrit gostaria de uma xícara de chá, Stevens — Nicholas sugeriu depois que todos já tinham terminado de comer.

Chá! Faith nem mesmo se lembrava havia quanto tempo não tomava um chá desceite. O chá francês era diferente e Felix detestava a bebida. Ele só tomava vinho ou café.

— A senhorita gostaria? — Stevens indagou.

— Eu adoraria, obrigada.

Emoções surgiram do nada e Faith conteve as lágrimas que inundavam seus olhos. Vinha agüentando firme até então e não seria agora que iria permitir que suas emoções explodissem; sobretudo na frente de estranhos.

Nicholas Blacklock a observava. Ela era um mistério para ele. Jovem, bem-nascida e, apesar da frágil constituição, tinha escapado de três brutamontes e agora ainda lutava para conter suas emoções.

Não que Nick nunca tivesse conhecido mulheres de caráter. Pelo contrário, a mãe se encarregara de apresentá-lo aos melhores partidos, e, durante a guerra, ele havia conhecido as filhas de excelentes famílias. Mas mesmo assim a srta. Merrit superava a todas.

O que ou quem a tinha arrastado para aquela situação?

Nicholas estava determinado a desvendar o mistério que envolvia a srta. Merrit. Assim, logo que ela terminou de tomar o chá, ele fez um sinal para que seus homens os deixassem a sós.

— Agora, srta. Merrit, acho que é hora de conversarmos um pouco.

— Desculpe, já é tarde e eu já deveria ter ido embora. — Faith se levantou. — Sempre lhe serei grata por ter me salvado a vida, sr. Blacklock. E, por favor, transmita meus agradecimentos ao sr. Stevens pelo delicioso jantar.

— Vou acompanhá-la. — Nick se levantou.

— Não é preciso, obrigada. Minha casa não fica muito longe daqui e já me sinto mais segura. Tenho certeza de que aqueles homens já se foram.

— Acho que esse orgulho não tem ajudado muito a senhorita, não é?

Após um longo silêncio, ela respondeu:

— O senhor também está sem recursos. Senão, por que estaria dormindo na praia, também?

Nick fechou os olhos por um momento. Deus, ela também estava dormindo na praia!

— Estou fazendo isso por escolha própria.

— Então o senhor não foi obrigado.

Ele sorriu.

— De certa forma, fui, pois no exército fazia parte da rotina dormir sob as estrelas, e acho que no fim me acostumei a isso.

Mas tudo que ele sabia era que precisava fazer aquilo, pois permanecer na Inglaterra, vendo os sonhos de sua mãe morrerem novamente, o mataria.

— Então o senhor não vai me deixar voltar para o meu canto junto com meu orgulho arruinado?

— Não, apesar de seu orgulho não estar nada desgastado, srta. Merrit. Depois, a senhorita há de concordar que o meu canto é bem mais seguro do que o seu.

Faith hesitou. Ela desejava imensamente saber o que se passava na mente dele, mas isso era quase impossível.

— Não tenho intenção de deixá-la partir desprotegida, portanto a senhorita aceitará a minha companhia. — Uma contração muscular contorceu o rosto de Nick.

— O que foi isso?

— Nada. Apenas uma dor de cabeça. — Mas seu semblante ainda estava contorcido e as palavras lhe custavam um enorme esforço para sair.

— O senhor está doente.

Nick começou a balançar a cabeça, mas logo parou devido à dor que o movimento lhe causava.

— Estou apenas com dor de cabeça. Perdoe minha grosseria, mas... — Ele cambaleou na direção de uma pilha de cobertores próxima à fogueira e se ajeitou sobre um deles. — Por favor, fique conosco... Meus homens cuidarão da senhorita. — Em seguida, seus olhos se fecharam; a dor parecia lancinante.

Faith olhou ao redor em busca de ajuda. McTavish apareceu.

— Qual é o problema dele, sr. McTavish?

Mas este a ignorou e imediatamente apanhou um cobertor e o colocou sobre Nicholas. Stevens também se aproximou e reforçou a fogueira com mais gravetos.

O sr. Blacklock abriu os olhos, segurou o pulso do gigante escocês e disse:

— A senhorita fica conosco. — E fechou os olhos de novo.

— Não se preocupe, companheiro. Cuidarei dela. — McTavish se virou para Faith: — A senhorita fica conosco. — Depois ele lhe estendeu um cobertor com um olhar que indicava que ela não deveria ousar desobedecer às ordens do capitão Blacklock.

Mas Faith não tinha a menor intenção de partir e deixá-lo agora, quando ele parecia muito doente, pois sua face estava pálida e sua expressão de dor não cedia. Ajoelhou-se ao lado de Nicholas. Será que ele havia se ferido durante a briga e agora estava naquela situação por culpa dela?

Faith percebeu que ele suava frio. Apanhou seu lenço, ainda encharcado de água salgada, e enxugou a testa de Nick. De olhos fechados, ele parecia mais jovem do que ela havia imaginado. Talvez tivesse menos de trinta anos.

Faith percebeu que McTavish a observava com suspeita.

— Espero que a senhorita não se importe de dormir sob as estrelas — Stevens disse gentilmente enquanto terminava de rearranjar a fogueira.

— Qual é o problema do sr. Blacklock? — ela indagou, preocupada.

Stevens abriu a boca para explicar, mas foi interrompido por McTavish;

— Cale-se, tagarela! Se ele quiser que ela saiba, vai lhe contar amanhã cedo!

— Ele estará bem amanhã, então?
— Sim, estará melhor — o escocês grandalhão respondeu.
— A dor de cabeça irá passar senhorita. Não se preocupe — Stevens completou. — Durma aqui, perto do fogo.
— Obrigada, sr. Stevens.
— Stevens apenas, se a senhorita não se importar. Sou o cavaleiro do sr. Nicholas.
— Se prefere assim, está bem, então.
— Sim, eu prefiro. Bem, se a senhorita já tem tudo de que precisa, vou me acomodar. Boa noite.

Faith desejou boa-noite para os dois e procurou se acomodar no cobertor. Antes, porém, ainda deu uma última olhada em Nicholas.

Ele estava mais calmo, talvez a dor tivesse dado uma trégua. Seu perfil másculo era iluminado pela luz do fogo. Parecia ser uma pessoa gentil enquanto dormia, menos carrancudo.

Beowulf rodeou seu dono umas três vezes antes de se deitar ao lado dele e fechar os olhos após um grande bocejo.

— Cachorro fiel — Faith disse.

O cão abriu os olhos e a encarou, mostrando os dentes, como se a avisasse de que era melhor manter distância.

— Bravo como o dono — ela acrescentou num murmúrio.

Faith se acomodou sob o cobertor e permaneceu de olhos abertos observando as estrelas. Pouco à frente, as ondas do mar iam e voltavam num ritmo constante, e logo ela também adormeceu.

Um barulho a despertou no meio da noite. Com cuidado, Faith ergueu a cabeça e olhou em volta. Não dava para ver nada. Beowulf estava sentado de orelhas em pé, observando seu dono. A enorme criatura se levantou e andou ao redor de Nicholas.

Faith se aproximou para ver qual era o problema. O cachorro rosnou, mas ela não lhe deu atenção. Nicholas parecia agitado e sua cabeça se movia de um lado para outro. Sua expressão era de agonia, porém o motivo não parecia ser mais a dor. Um pesadelo talvez. Faith sabia muito bem como eram os efeitos dos pesadelos. Sua irmã gêmea costumava ter com frequência.

Ela tocou na testa dele. O suor frio havia passado. Com carinho, tentou acalmá-lo.

Os olhos de Nicholas se abriram, mas ele parecia não enxergar nada.

— Calma, foi só um sonho.

Nick olhava ao redor, assustado.

— Calma, estão todos seguros. Não aconteceu nada. Pode voltar a dormir.

A mão dele segurou a de Faith com firmeza, e Nick a encarou fixamente por um momento, então seus olhos se fecharam de novo. Sem soltar a mão dela, suspirou e relaxou segurando-a contra o próprio peito.

Faith tentou livrar sua mão várias vezes, mas ele a segurava com mais força ainda. E ela acabou adormecendo sem conseguir se esquivar.

Nick acordou com os primeiros raios de sol, experimentando uma rara sensação de contentamento e um gosto amargo na boca. Sentia-se feliz, bem-disposto, excitado.

Espreguiçou e só então percebeu uma pequena mão feminina que repousava sobre seu peito. A razão para seu estado de excitação ficou clara. Não era um sonho, e sim um corpo macio de mulher deitado a seu lado, aninhado e protegido. Íntimo.

Quem era aquela? Ele não se lembrava de ter se deitado com nenhuma mulher; mas então os acontecimentos da noite anterior começaram a surgir em sua mente. A briga, a garota assustada, o jantar em volta da fogueira e...

Do resto, Nick não se lembrava. Foi então que ficou claro o motivo do gosto amargo na boca. Ele tivera outra crise. Tão seguida. Droga!

A sensação de contentamento desapareceu, apesar de seu corpo ainda estar bem alerta. Nick se sentou devagar. Seu movimento a perturbou e Faith se encolheu, murmurando algo enquanto dormia.

Por que será que ela havia se aproximado dele durante a noite? Nick ainda estava de calça e camisa, portanto nada tinha acontecido entre eles. Talvez fosse o frio. Ou o medo. Necessidade de proteção, provavelmente.

A seu lado, o rabo agitado de Beowulf o avisava de que ele também estava desperto e pronto para um passeio. Nick se espreguiçou outra vez. Ele precisava limpar a mente. Olhou para o próprio corpo, que ainda se encontrava alerta. Um banho gelado resolveria o problema.

— Vá buscar Mac — Nick sussurrou para o cão, que obedeceu no mesmo instante.

Com cuidado para não despertar a senhorita, Nick se levantou e olhou-a. Ela estava encolhida, dormindo profundamente. Só era possível ver a ponta rosada de um nariz e cachos loiros espalhados. Com certeza, ela estava exausta depois da perseguição da noite anterior.

Apesar do sol, ainda fazia frio. Nick pegou seu casaco e pôs por cima de Faith. Esta dormiu por mais quatro horas, tempo suficiente para ele decidir o que iria fazer com ela. Uma coisa estava clara; Faith não poderia continuar sozinha.

Um escocês resmungão se aproximava. Nick sorriu. Wulf costumava acordar Mac com várias lambidas no rosto.

Faith despertou com os cheiros de homem e de café em suas narinas. Existiriam no mundo aromas mais fortes? Ela os inalou profundamente, com luxúria, e quando se sentou, percebeu que estava enrolada num casaco masculino. Do sr. Blacklock? Imediatamente, notou que Nicholas não se encontrava mais deitado e que não havia nenhum sinal dele ou do cachorro.

— Dormiu bem, senhorita? — Stevens perguntou, agachado ao lado da fogueira, preparando o café.

Considerando as condições da cama improvisada, Faith havia dormido muito bem.

— Tem água quente na chaleira. Caso a senhorita queira se lavar antes do desjejum, pode ir atrás daquele arbusto. Ninguém irá incomodá-la. O sr. Nicholas e Mac estão lá embaixo na praia. O sr. Nicholas queria nadar um pouco.

— Nadar? — Estava muito frio para um mergulho. Faith apanhou a chaleira com água quente e seguiu na direção de uma pequena encosta, onde fez sua higiene matinal.

Suas roupas estavam um verdadeiro desastre, mas ela se limpou como pôde. Prendeu os cabelos para trás, assumindo um certo ar de dignidade.

Seu rosto continuava inchado e um espelho era a última coisa que Faith desejava naquele momento, pois seu rosto devia estar todo manchado devido às longas horas de exposição ao sol e às picadas dos mosquitos.

Não tinha pensado em sardas de sol quando vendera seu gorro. Pensou apenas no dinheiro que conseguiria. E na comida que poderia ser comprada.

Sardas, picadas de insetos e fome. Por falar em fome... aquele bacon cheirava muito bem.

— Café, senhorita? A comida ficará pronta em minutos. O sr. Nicholas e Mac devem estar chegando. — Stevens estendeu-lhe uma xícara com café quentinho.

Faith sentou-se ao lado da fogueira, sorvendo o café aos poucos. Era incrível o que um estômago cheio, uma boa noite de sono, uma xícara de café e companhia podiam fazer para o espírito de uma pessoa. No dia anterior, ela não tinha nada. Mas agora constatava que era verdade o que as pessoas diziam, que um novo dia trazia novas

esperanças.

Se o sr. Blacklock era realmente o cavalheiro que parecia ser, pagaria uma passagem para que ela pudesse voltar à Inglaterra. Que saudade de seu lar, onde era amada, onde estavam suas irmãs, tio Oswald e tia Gussie.

Mas será que seu lar seria o mesmo depois de tudo que se passara? Quando ela retornasse, estaria marcada como uma mulher rejeitada e arruinada. Não havia como escapar das conseqüências de sua própria negligência.

Não era fácil se imaginar como alvo dos olhares maldosos e curiosos das pessoas. Olhares incriminadores, chamando-a de pervertida. Aquilo a feria profundamente. Sentia necessidade de explicar a todos que havia sido ludibriada, que imaginara estar se casando por amor.

Mas seu precioso e romântico sonho agora soava como uma desculpa esfarrapada.

Faith tomou o último gole de café e jogou na areia o pó que restara no fundo da xícara. Ele logo se misturou à areia e desapareceu por completo.

Que bom seria se seus erros pudessem desaparecer também tão facilmente. Nunca mais seria capaz de retornar à sua antiga vida. Uma nova teria de ser iniciada.

Charity e Edward poderiam acolhê-la, ajudá-la a encontrar algo que ela pudesse fazer em algum canto remoto da Escócia, onde não seria reconhecida por ninguém. Ou, então, poderia ajudar a irmã a cuidar do bebê, sua sobrinha Aurora. E Prudence, sua segunda irmã, logo também teria um bebê. Os bebês eram sua paixão e Faith sonhara em ter o seu também...

Outro sonho desfeito. Nenhum homem de bem iria querer desposá-la, agora.

Os murmúrios de Stevens chamaram-na de volta à realidade.

— Droga! Eles devem pensar que a senhorita ainda está dormindo.

Faith olhou para a praia, na mesma direção em que Stevens olhava.

— Não olhe, senhorita!

Ela o encarou, surpresa.

— Desculpe, eu não tive a intenção de gritar. — Ele moderou o tom e sorriu, embaraçado. — Por favor, não olhe para a praia, senhorita. A cena não é adequada para uma dama.

Stevens espetou uma fatia de pão num garfo e o entregou a Faith.

— Faça uma torrada na fogueira enquanto eu vou avisar aqueles dois que a senhorita já acordou. E não olhe para a praia, senhorita. Confie em mim.

Stevens desceu correndo para a praia.

O garfo escorregou da mão de Faith.

Nicholas e seu amigo escocês tinham acabado de sair da água e caminhavam na areia na direção de uma pilha de roupas. O vapor emergia de seus corpos. Faith engoliu seco.

A torrada se queimou e ela nem percebeu. Estava simplesmente atordoada demais com o reflexo do sol da manhã nos corpos masculinos molhados.

Molhados e nus. Nicholas Blacklock e McTavish encontravam-se totalmente nus e caminhavam pela praia rindo e conversando, sem pudores e orgulhosos de suas magníficas masculinidades.

O cheiro de torrada queimada exalava forte no ar, mas Faith nem percebia.

Não que ela tivesse olhos para o vigoroso escocês barbudo. Era o sr. Blacklock quem estava atraindo toda sua atenção.

O homem era uma verdadeira estátua grega em movimento. Seus cabelos negros e molhados escorriam para trás, brilhando à luz da manhã. Suas pernas eram longas e fortes, e o peito, largo e musculoso. Faith observava os movimentos dos músculos enquanto Nick se movia, ágil e cheio de vida. A pele brilhava. Era a bela nudez masculina que desfilava na praia, vindo em sua direção.

A torrada pegou fogo.

Capítulo II

A torrada, senhorita! Faith levou um susto.

— Oh, céus! Desculpe.

— Deixe estar, senhorita. Tome, pegue outra fatia de pão.

Ainda bem que o calor da fogueira servira de desculpa para o rubor da face de Faith. O que eles poderiam pensar dela? Olhando para um homem nu. Uma verdadeira dama teria aceitado a sugestão de Stevens e virado o rosto.

Faith tentava se concentrar na torrada, mas ocasionalmente seus olhos se viravam para a direção dos dois homens que se aproximavam, agora vestidos. Mesmo de roupa, Nicholas ainda era magnífico.

Mesmo vestido! Como ela estava depravada! Faith colocou a torrada no prato, passou manteiga e espetou outra fatia.

Na noite anterior, ela havia visto nas sombras da fogueira, sua silhueta forte. Por ser um grande guerreiro conseguiu salvá-la.

Nessa manhã, seu corpo reluzia à luz do sol e ele parecia um deus que acabara de emergir das ondas, poderoso, alegre, cheio de vida.

Vestindo apenas uma calça e uma camisa branca, Nicholas era a essência da força e da masculinidade.

— O café está quase pronto — Stevens disse quando eles chegaram. — Temos bacon, a senhorita está preparando torradas, e os ovos estão quase cozidos.

— Bom dia, srta. Merrit — Nicholas a cumprimentou e alegremente.

Por um momento, Faith não se lembrava que havia lhe dado um nome falso.

— Bom dia, sr. Blacklock, sr. McTavish.

Mac respondeu com um murmúrio estranho que Faith achou melhor pensar que se tratava de uma saudação escocesa. Seus olhos voltaram para o sr. Blacklock e só então ela pôde perceber que os olhos dele era muito azuis, e sua pele, bronzeada. Provavelmente, devido ao hábito de ficar nu ao tomar banho de mar.

Nick sentou-se ao lado de Faith, colocou o dedo em seu queixo e virou-lhe o rosto contra o sol como se a examinasse. Ela reagiu.

— Sei que devo estar parecendo uma assombração.

— Não, os arranhões estão cicatrizando, o inchaço melhorou e as manchas estão quase sumindo.

— Quase sumindo?

— Sim, quase. Sua cicatrização é boa.

Ele tirou a mão do queixo, fazendo-a descer na direção da barra da saia. Faith largou a torrada no mesmo instante para segurar a saia.

— Meus pés estão ótimos, obrigada. Nicholas retrocedeu.

— Espero que a senhorita tenha dormido bem.

— Sim, obrigada. Muito bem, melhor do que eu esperava. E o senhor se recuperou da indisposição de ontem?

— Sim, estou bem. — O tom de sua voz deixou claro que o assunto se encerrava ali.

— A água estava boa? — Faith corou ao se lembrar da imagem de Nicholas saindo do mar. — Stevens me contou que o senhor foi nadar. Não que eu o tenha visto nadando. Quero dizer...

Stevens a salvou de maiores constrangimentos ao anunciar que o café finalmente estava pronto.

— Agora, srta. Merrit, acho que já é hora de a senhorita me contar a sua história — Nick disse, assim que eles terminaram de tomar café.

— Minha história?

— A senhorita entendeu o que eu quis dizer. Quero saber como uma jovem dama inglesa bem-nascida veio parar aqui sozinha, faminta e dormindo a céu aberto. A mercê de vilões e outros perigos. Prometo que tudo que disser aqui ficará entre nós.

Faith murmurou algo que soou como um agradecimento.

— Vamos, livre-se logo desse fardo! Como a senhorita chegou a essa situação?

Ela o encarou com um olhar frio e penetrante, e Nick percebeu que seria melhor atenuar o tom.

— Quero dizer, quem foi o responsável por tudo que está lhe acontecendo?

— Eu sou a única culpada.

Ele não podia acreditar; o bom senso indicava o contrário.

— Mas como?

— Eu me apaixonei na Inglaterra, mas Felix é... Bem, achei que fosse um violinista húngaro. Pedi-me em casamento, quero dizer, me convidou para fugir com ele! E... e então... eu fugi!

— Entendo.

Maldito romantismo, Nicholas pensou.

Stevens, que estava ao lado, interferiu:

— A senhorita não pensou nas possíveis consequências?

— Eu estava apaixonada e acreditei nele.

— Mas com certeza a senhorita sabia dos comentários que surgiriam.

— Na verdade, não. Isso já aconteceu na minha família. Meus pais fugiram para a Itália para se casarem. Cresci ouvindo essa história. Eles foram muito felizes juntos até o dia em que...

A fogueira estalava e as ondas do mar ecoavam ao fundo.

— A senhorita disse que achou que ele era um violinista húngaro. E não era? — Nick indagou.

— Não! Bem, Felix é um violinista muito talentoso, mas não húngaro, e sim búlgaro.

— E que diferença isso faz?

— Na verdade, nenhuma. O importante é que tem cinco filhos! Cinco!

— Cinco filhos? Suponho que a senhorita não goste muito de crianças.

— Eu gosto. Mas o problema não foram elas.

— Então qual foi?

— Felix é casado. A esposa e os filhos vivem na Bulgária. Ele mentiu para mim.

— E a senhorita descobriu isso quando ele não quis se casar?

— Não, Felix casou comigo. Eu nunca viveria com um homem que não fosse meu marido.

— Mas a senhorita disse...

— O fato foi que imaginei que tivéssemos nos casado. Mas o casamento foi forjado.

— E como ele conseguiu?

— Subornou um padre para usar a igreja e pediu a um amigo que se passasse por padre e celebrasse a cerimônia.

Nick cerrou os punhos. Sua vontade era socar o miserável.

— Como a senhorita descobriu a farsa?

— Estávamos completando um mês de casados e eu queria celebrar. Felix estava ocupado, então decidi levar algumas flores à igreja. Levei uma garrafa de licor para o padre também. Mas quando perguntei por ele... fui recebida pelo verdadeiro padre e... bem, tudo veio à tona. O padre contou que não sabia o que Felix iria fazer na igreja e... — As palavras lhe fugiam.

— O que a senhorita fez, então?

— Assim que cheguei em casa, enfrentei Felix. No fundo, eu achava que tudo não passava de um mal-entendido. Mas ele não negou absolutamente nada. Então descobri que Felix nunca me amou; nunca se importou realmente comigo.

Nick permaneceu calado, aguardando que Faith terminasse de contar.

— Tudo não passou de uma aposta.

— Uma aposta? — Nick estava mais que indignado.

— Sim. Ele apostou com uns amigos que fugiria comigo. Na verdade, qualquer outra garota londrina bem-nascida teria feito o mesmo. Mas eu fui a mais tola de todas. Pensei que havia encontrado o verdadeiro amor, como minha mãe.

Houve um longo momento de silêncio. Na cabeça de Nicholas, só havia o desejo de acabar com o miserável que arruinara a vida de uma doce criatura por causa de uma simples aposta!

— Seus pais não perceberam nada?

— Meus pais morreram quando eu tinha sete anos.

— Mas ninguém tentou impedir o impostor?

— A verdade é que Felix estava usando o nome de uma família húngara muito importante. A família Rimavska é muito rica e tradicional, portanto ninguém duvidou dele. Meu tio avô...

Faith não terminou o que estava dizendo, porém Nick juntou os fatos. O último tutor foi o tio-avô. Isso fazia sentido. Somente uma menina mimada e criada por um tio idoso seria facilmente ludibriada.

— Na verdade — ela continuou —, ele não era Felix Vladimir Rimavska, e sim Yuri Popov.

— Vou estourar os miolos do maldito! — Stevens murmurou. — Mas isso ainda não explica como a senhorita chegou a essa situação de abandono. O violinista farsante a abandonou sem nenhum centavo?

— Oh, não. Yuri queria que eu continuasse amante dele. Não achava que a esposa e os filhos dele fossem um impedimento para seus prazeres. Afinal, estavam na Bulgária.

— O sujeito não tem nenhuma vergonha! — Stevens exclamou.

— Não. Yuri não demonstrou nenhuma quando percebeu que as suas mentiras foram desmascaradas. Apesar de saber que a minha reputação estava arruinada e que nunca mais eu poderia retomar minha antiga vida. Pensou que eu não teria outra escolha senão continuar ao lado dele. Muitas pessoas souberam que nós havíamos fugido para casar. Hoje, mal posso acreditar na tolice que fiz. Achei que seria a experiência mais romântica da minha vida. Pensei até que meus pais teriam aprovado se estivessem vivos.

— O que a senhorita fez então? — Nick perguntou.

— Assim que ele saiu para um concerto, eu fiz minhas malas e saí. Peguei a primeira carruagem de aluguel que encontrei e fui embora de Paris.

— A senhorita deixou Paris rumo a Londres, à noite, e desacompanhada?

— Eu não tive escolha.

— Mas como?

— Veja bem! Eu estava aborrecida e queria sair de Paris quanto antes. Agora eu sei que fiz algo perigoso e estúpido.

— O que aconteceu então, senhorita? — Stevens quis saber.

— Depois que o último passageiro desceu, ouvi o cocheiro e o seu assistente fazendo planos de me assaltarem e depois... bem, os senhores devem imaginar o que mais. Falavam em francês e pensavam que eu não entendia. Escapei deles pulando da carruagem em movimento, mas tive de deixar minha bagagem para trás. E foi assim que fui encontrada pelos senhores.

Nicholas tinha certeza de que Faith estava omitindo alguns detalhes. Ele era um soldado e sabia reconhecer uma história mal contada.

— A senhorita pulou de uma carruagem em movimento e à noite? — Nicholas indagou, espantado.

— O luar iluminou o meu caminho e fiquei escondida num vinhedo, até que eles pararam de procurar por mim.

Nick fechou os olhos. Deus todo-poderoso, ela realmente pulara de uma carruagem em movimento, num território desconhecido e à noite!

— Sua tola! A senhorita podia ter se machucado seriamente!

— Sim, mas não me machuquei. Por outro lado, se não tivesse feito isso, teria me machucado muito mais.

Faith tremia ao se lembrar do medo que passara naquela noite terrível ao pular da carruagem em movimento e ter de se esconder por horas, num lugar estranho; para depois, sozinha, se ver em algum canto no norte da França, usando um vestido de seda fino, sapatos delicados, um xale e um gorro que mal servia para protegê-la do frio.

— Onde, exatamente, a senhorita estava? — Stevens indagou.

— Em Montreuil!

— Mas como a senhorita veio parar aqui, então? — perguntou Nick.

— Andando.

— É por isso que seus pés estão nessa situação!

Embaraçada, Faith escondeu os pés embaixo da saia.

Com dignidade, ela prosseguiu:

— Troquei os meus sapatos e o meu xale com a esposa de um camponês por este par de botas e o casaco. — E por um prato de sopa e pão, mas Faith não iria contar essa parte da história; era muito humilhante.

— A troca foi boa. Meus sapatos não teriam agüentado a caminhada.

— Ninguém lhe ofereceu um abrigo? Algum tipo de assistência?

— Não. — Ela ergueu a cabeça. — As pessoas, quando vêem uma jovem a pé, usando um vestido de seda sujo e botas grosseiras... entendem mal. Acharam que eu era uma...

— Sabemos o que pensaram.

Faith corou.

— Por isso, não pedi nada para ninguém. Mesmo assim, tentei falar com umas damas inglesas em Calais, mas elas também pensaram mal de mim. — Faith abaixou a cabeça e ficou olhando para ao chão. Sabia que teria de se acostumar com o desprezo das damas da sociedade.

— Esqueça essas inglesas estúpidas — disse Nicholas, aborrecido. — A solução para os seus problemas está clara.

— É mesmo? — ela indagou, incrédula. — O que está tão claro? O senhor poderia me esclarecer?

— A senhorita se casará comigo.

— Casar com o senhor? — Faith ficou chocada com a solução inusitada.

Faith explodiu numa mistura de fúria e lágrimas e saiu correndo em direção à praia. Será que Nicholas imaginava que ela era tão ingênua a ponto de cair de novo numa

manobra como aquela?

Lembrou-se da maneira gentil como ele cuidara dela na noite anterior e chorou ainda mais. De raiva, claro! Arrogante como era, nem mesmo merecia as lágrimas que estavam sendo derramadas.

Mas uma coisa era certa, ele não era um homem pobre. Mesmo dormindo sob as estrelas, suas roupas e botas eram da melhor qualidade, e viajava com um criado. Seu vocabulário demonstrava se tratar de uma pessoa culta, que freqüentara boas escolas e tinha berço.

Mas por que um cavalheiro bem-nascido iria pedir em casamento uma mulher que havia acabado de confessar sua própria ruína? Era inconcebível. Ridículo. E Faith não ficaria mais ali para servir de chacota.

Pois, mesmo que não fosse essa a intenção de Nicholas, ainda assim magoava. Que mulher em sã consciência casaria com um estranho que ela acabara de conhecer?

Só lhe restava ir embora, sem nem mesmo se despedir de ninguém. Mas o problema era que seus poucos pertences tinham ficado no acampamento. Não lhe restava outra opção senão retornar e apanhar suas botas e casaco.

De cara amarrada, Faith marchou de volta, determinada a apanhar seus pertences e partir com dignidade.

O acampamento estava deserto, apesar de tudo permanecer no mesmo lugar. A fogueira ainda ardia; na verdade, algo estava queimando, e o cheiro era horrível. Faith espiou por entre a fumaça e ficou indignada com o que viu.

Eram suas botas sendo consumidas pelas chamas.

Ela olhou ao redor em busca do culpado, mas o local encontrava-se deserto. Como Nicholas ousara queimar suas botas? Agora, estava presa ali, pois andar descalça seria impossível. Mas quando pusesse as mãos em Nicholas Blacklock, ela iria... iria... Iria forçá-lo a comprar botas novas.

Faith avistou Stevens pescando e seguiu na direção dele, em busca de uma satisfação.

— Onde está o sr. Blacklock, Stevens?

— Foi para a cidade com Mac.

— Ele queimou as minhas botas!

— Sim, senhorita, eu vi.

— Mas elas eram boas!

— Sim, senhorita, foi exatamente o que eu disse ao sr. Nicholas.

— Ele não tinha o direito. As botas eram minhas!

— Sim, senhorita. Mas acho que foi por isso que ele as queimou.

Faith cerrou os punhos, tomada de ódio.

— A senhorita sabe pescar?

— Não, eu não sei.

— Veja como se faz. É fácil. — Stevens entregou-lhe uma linha de pescar. E quando ela estava quase dizendo que não tinha a menor vontade de pescar naquele momento, ele continuou: — Agora que temos mais uma boca para alimentar...

Faith, então, se pôs a pescar. Passado algum tempo, ela percebeu que Stevens a observava com o canto dos olhos.

— Pois não?

— Não foi nada, senhorita. Eu ia apenas comentar como pescar acalma. Porém mudei de idéia.

A ela só lhe restou rir.

— Desculpe, Stevens. Eu não quis ser rude, só queria falar com o sr. Blacklock. Estou furiosa com ele, mas não quis descontar minha raiva em você.

— Está tudo bem, senhorita.

Eles continuaram pescando por mais algum tempo, e o que Stevens falara realmente aconteceu, pois Faith acabou se acalmando um pouco.

— Não ligue para a teimosia do sr. Nick, senhorita. Desde criança, ele sempre faz o que pensa ser o correto, sem se importar com a opinião dos outros.

Ela bufou e continuou pescando. Teimosia! Nicholas que fosse praticar sua teimosia com os seus!

— Eu o conheço desde que ele nasceu.

Stevens conseguiu despertar a curiosidade de Faith.

— Conhece-o há tanto tempo assim?

— Desde quando o sr. Nick conseguiu escapar da babá e fugir para o estábulo. Ele ama os cavalos. — A varinha de pesca de Stevens foi fisgada. — Espertalhões! Comeram a isca e se foram — disse ele, colocando outra isca na ponta do anzol e jogando, em seguida, a varinha na água. — O sr. Nicholas tem a mesma idade do meu filho, Algy.

— Você tem um filho?

— Tive. Ele morreu na guerra. Quando o sr. Nicholas foi enviado para a guerra, meu filho o acompanhou. Eles cresceram juntos e eram amigos inseparáveis. O sr. Nicholas colocou Algy no seu próprio regimento.

— Sinto muito pela perda do seu filho, Stevens. Imagino que os dois tenham pensado que o exército seria uma grande aventura.

— Não. O sr. Nicholas foi forçado a se alistar. Sir Henry estava furioso com ele, pois o sr. Nick tinha aprontado mais uma das suas travessuras. O velho senhor achou que o exército serviria para lhe ensinar uma lição.

— Que tipo de travessura?

— Coisas sem importância que os moleques fazem. Mas o pai dele ficou furioso e queira que o sr. Nicholas fosse mais parecido com o irmão e com o próprio sir Henry.

Stevens fez uma pausa para verificar sua isca.

— O sr. Nicholas ficou com muita raiva por ter sido forçado a ir para o exército. Ele nunca matou uma mosca. O sr. Nick e o meu Algy eram muito jovens na época. Se não fosse por Mac, ambos teriam morrido logo na primeira batalha.

— Mac?

— Não se engane com o amargor de Mac. Ele é um bom homem, senhorita. Aquele escocês imenso tem um coração de manteiga.

Ela não podia acreditar. Stevens sorriu.

— É difícil de acreditar, eu sei, porém Mac arriscou sua própria vida ao mergulhar num rio para salvar um cão vira-lata que havia sido lançado amarrado a uma pedra. E Mac teria se afogado se o sr. Nick não tivesse ajudado. Tudo por causa de um cachorro! — Ele olhou para o acampamento. — Era Beowulf. O sr. Nicholas, Mac e Algy se apegaram àquela coisa feia e se tornaram grandes amigos, mesmo quando o sr. Nick já era um oficial e os outros dois não passavam de soldados rasos. A melhor coisa que aconteceu ao sr. Nick e ao meu Algy foi Mac. Eles tinham a mesma idade, a diferença é que Mac já era um soldado desde os doze anos.

— Doze? — Faith ficou chocada.

— Sim, ele começou como garoto do tambor. — Stevens riu. — o exército está cheio de garotos escoceses; é isso ou morrer de fome. Então quando os meus garotos chegaram, Mac já estava lá. Ele mesmo mostrou aos dois o acampamento militar e lhes deu dicas de sobrevivência. Eram três garotos de apenas dezesseis anos.

Stevens ficou calado por um momento, pensativo.

— Sir Henry Blacklock estava certo. O exército realmente mudou o sr. Nick. Matou algo dentro dele. Matou seus melhores amigos, incluindo o meu Algy. Foi então que eu fui para a Espanha a fim de me juntar ao sr. Nick. — Ele acrescentou num tom de brincadeira.

— Pensei que poderia cuidar dele, mas agora, o sr. Nick e Mac é que cuidam de mim. Veja, algo está puxando a sua linha.

— O que eu faço?

Todos os outros pensamentos fugiram da mente de Faith enquanto ela lutava para pescar seu primeiro peixe. Stevens entrou na água, segurando uma pequena rede. Após muitos risos, gargalhadas e vários respingos, Faith e Stevens olhavam, orgulhosos, para o peixe, e já pareciam dois amigos.

— É uma beleza, não é, Stevens?

— Com certeza, senhorita. Agora pegue isto. — Ele lhe entregou uma faca.

— Mas não temos que assá-lo primeiro?

Stevens riu.

— Sim, mas antes é preciso matá-lo, depois tirar as escamas e a barrigada.

— Eu? — Faith perguntou, horrorizada.

— Sim. A senhorita pescou e agora mata e limpa.

— Mas eu nunca matei ninguém na minha vida! Nem mesmo uma aranha. Nem sei por onde começar.

Para desânimo dela, Stevens nem se mexeu. Ele era um cavaliço, não um cavalheiro.

— É importante que a senhorita aprenda a pescar, isso pode lhe ser útil um dia.

Faith estava quase desistindo, porém reconsiderou a idéia ao lembrar que havia prometido para si mesma nunca mais depender de ninguém. Observou como Stevens fazia com seus peixes, e tentava repetir, sem muito sucesso, todo o procedimento. Mas quando Stevens percebeu que ela acabaria estragando o peixe em vez de limpá-lo, resolveu intervir:

— Deixe que eu termino. A senhorita, provavelmente, nunca mais terá de pescar nenhum peixe em toda a sua vida, não agora que irá se casar com o sr. Nicholas.

— Eu não vou me casar com ele. Tenho certeza de que o sr. Nicholas não quis dizer isso. Não podia estar falando sério.

— O sr. Nicholas não costuma brincar com assuntos sérios.

— Bem, eu não vou me casar com ele! A idéia é ridícula!

Stevens parou de descamar o peixe e a encarou.

— A senhorita não me parece louca. Por quê, então, não se casaria com ele? O sr. Nicholas é um homem de bem, é o melhor que eu conheço.

— Talvez, mas eu o conheço há apenas algumas horas.

— Para uma dama sozinha fora do seu próprio país, a senhorita é muito exigente.

Faith corou.

— Só porque estou temporariamente em dificuldades, não quer dizer que devo me casar com o primeiro estranho que aparece.

Stevens retomou seu trabalho, calado.

— Já me meti numa tremenda enrascada por haver julgado mal uma pessoa. Eu não quis insultar o seu patrão, mas não pretendo pular da frigideira quente para o fogo.

— Meu Deus, senhorita! O sr. Nicholas não é o fogo! É um homem bom, dos melhores! Se eu fosse a senhorita, pularia com os dois pés e me agarraria firme nele! — Stevens jogou os restos dos peixes no mar. — Não entendo a sua dúvida. O sr. Nicholas lhe ofereceu um bilhete premiado. A senhorita não tem de fazer nada; ele lhe dará tudo!

Faith mordeu o lábio.

— Este é o problema. Ainda que ele tenha mesmo pensado nessa possibilidade, o que não acho que seja possível, eu não poderia aceitar uma troca tão injusta e absurda.

— Não se aflija com isso, senhorita. Pesque mais um pouco. Será uma boa oportunidade para pensar melhor sobre o assunto.

Faith pescou. E pensou. E pescou um pouco mais. Stevens estava certo, a pescaria

relaxava e proporcionava longas horas de sossego e paz para pensar na vida.

Nick e Mac voltavam para o acampamento. Mac carregava alguns pacotes e dizia pela terceira vez:

— Não acredito que o senhor pretende mesmo fazer isso, capitão. É uma loucura.

— Eu não acho.

— Ela ficará interessada apenas no seu dinheiro! Conheço o tipo! Aproveitando-se da sua boa natureza com aquela história patética! Garanto que já deve ter ludibriado muitos homens.

— Ela é uma dama em apuros, Mac.

— Duvido! Usando aquele vestido de seda que beira a indecência. O senhor não está acostumado às artimanhas das mulheres, esse é o seu problema.

A opinião de Mac geralmente era confiável, mas não quando se tratava de mulheres. Não desde que uma certa senhorita de Talvera havia levado tudo que ele possuía. Até então o escocês grandalhão tinha um coração mole, socorrendo viúvas, órfãos e todos que estivessem em apuros, incluindo Beowulf. Mas Pepita despedaçara o coração dele. Mac tinha se tornado amargo com as mulheres desde então.

— Bem, admito que com aquela cara inchada e cheia de sardas, a garota precisa mesmo de algum ardil.

— O inchaço vai desaparecer e os ferimentos vão cicatrizar — disse Nick. — E ela não tem sardas, são manchas de sol que sumirão. Quando voltar para a Inglaterra, ficará mais bonita. De qualquer maneira, você não terá de olhar para ela por muito tempo Mac, pois vou enviá-la para minha mãe.

— E o senhor acha que sua mãe aceitará uma mulher como aquela? Tenho certeza de que com o tempo a fulaninha acabará envergonhando o bom nome da sua família.

— O que ela fará, Mac?

— Sairá flertando ou coisa pior!

Pepita havia feito exatamente isso com o pobre Mac, e ainda fugira com outro, levando todo o dinheiro dele.

— Ela não irá me envergonhar com outro homem. E depois de um tempo, isso não fará mais diferença.

Houve um momento de silêncio.

— Ela já fugiu com um homem, e quem sabe se foi a primeira vez? Talvez a confusão com aqueles sujeitos na praia, ontem à noite, tenha ocorrido por culpa dela, que deve ter mudado de idéia no último momento. As mulheres são instáveis.

— Algumas são. Mas não a sita. Merrit. Acho que ela não está escondendo nada, exceto pelo nome falso.

— Viu?

— Agora que você já disse tudo que pensava sobre ela, Mac, chega. Não vou ouvir mais nenhuma insinuação sobre a srta. Merrit, pois ela será minha esposa.

— Mas... capitão, ela é uma...

— Eu disse chega!

Depois disso, Mac não tocou mais no assunto, porém seu silêncio era como ele: grande e cheio de desaprovação.

Faith pescou muitos peixes ainda e aproveitou o momento para refletir enquanto os homens voltavam da cidade. Ela sentiu um friozinho no estômago quando avistou Nicholas Blacklock chegando. Parecia relaxado, despreocupado e confiante.

Sim, era fácil imaginá-lo como um oficial de comando. Tinha o porte e uma leve arrogância inconsciente; um instinto natural. Instinto que com certeza fora usado para controlar seus soldados, para decidir o que era melhor para todos.

Se ela escolhesse permanecer ao lado dele, com certeza Nicholas Blacklock a dominaria também.

— O senhor queimou as minhas botas! — Faith o acusou no exato momento em que ele chegou.

— Era preciso. — Seu tom de voz não demonstrava nenhum traço de arrependimento.

— Mas elas eram minhas!

Nick olhou os pés dela.

— As botas lhe fizeram bolhas. Por falar nisso, como estão seus pés?

Faith escondeu-os sob a barra da saia.

— Não é da sua conta. O senhor não tinha o direito de queimar as minhas botas.

— Eu sei. Mas foi um impulso que não pude conter.

— Bem, o que vou fazer sem as minhas botas agora? Não posso andar descalça por aí.

— Eu sei. — Ele olhou para Mac e fez um sinal.

Mac colocou vários pacotes ao lado de Faith e saiu em direção à fogueira.

Nicholas se abaixou, apanhou um dos pacotes e o entregou a ela.

Desconcertada, Faith o segurou. Era impossível adivinhar o conteúdo.

— Vamos, abra.

Ela abriu o embrulho lentamente e seus olhos se encheram de lágrimas ao ver o que ele havia lhe trazido.

— Espero que sirvam. Tive de adivinhar o tamanho. Serviriam, Faith sabia, pois pareciam que tinham sido feitas sob medida.

— A senhorita não gostou?

— Adorei. Muito obrigada. Elas são lindas! — Era um bonito par de botinhas azuis, delicadas e macias.

— Experimente, então.

— Vou lavar os pés primeiro. Não quero estragá-las.

Nick deu de ombros e olhou para Stevens, que observava a cena.

— Como foi a pescaria? — Ele olhou de volta para Faith e perguntou. — A propósito, será amanhã de manhã.

— O que acontecerá amanhã de manhã? — ela respondeu com uma pergunta.

— O casamento. Está tudo acertado para amanhã cedo.

— Mas nós não discutimos nada a respeito. Eu nem mesmo disse se aceito me casar com o senhor.

— Mas o que ainda precisa ser discutido? — Nick estendeu-lhe a mão. — Vamos caminhar na praia, então, e conversar.

Sua mão grande e forte a segurou com firmeza e Faith sentiu-se presa e protegida ao mesmo tempo.

— Não acredito que o senhor tenha falado a sério!

— Mas eu sempre falo a sério.

— Não entendo por que o senhor quer se casar comigo.

— Não desejo me casar com a senhorita. Não desejo me casar com ninguém. Será apenas uma cerimônia, uma mera formalidade. Depois, admita: a sua atual situação não é nada confortável.

Faith não queria admitir nada. Só precisava voltar para a Inglaterra quanto antes e retomar sua vida, ainda que as coisas nunca mais voltassem a ser como antes.

— Mas me casar com um estranho é ridículo.

— Sei que pode parecer, porém é a melhor solução para o seu caso. — Nick estava muito calmo, o que a aborrecia ainda mais.

— Solução para quem? O que o senhor ganhará com isso?

Ele franziu a testa e então disse:

— Será um casamento apenas de fachada, é claro. — O que Nick queria dizer era que a união não seria consumada.

— Seria possível?

— Sim, é claro. Depois do casamento, eu a enviarei para a Inglaterra, onde a senhorita estará segura e protegida. Nós continuaremos nossas vidas separadamente.

Por alguma razão, Faith achou a situação ainda mais estranha.

— Mas por que o senhor faria isso por mim?

— A senhorita está brava comigo?

Ela estava, mas raiva era apenas uma das emoções que sentia naquele momento, e não tinha esperanças de conseguir se livrar delas enquanto Nicholas estivesse ali parado com aquela expressão de esfinge.

— Não sei exatamente o que estou sentindo — Faith declarou.

Quem realmente era Nicholas Blacklock?, ela pensou. Não sabia nada a seu respeito, exceto que ele tinha salvado sua vida num ato heróico.

— Desculpe. Não sei o que fazer.

— Não há muito o que pensar.

— Como não! Eu quase destruí a minha vida por confiar num homem que pensava conhecer.

— Sou um homem de palavra e fui um oficial do exército de Wellington. A senhorita pode confiar em mim. Mas se for preciso, dou-lhe um tempo para pensar. Um momento de reflexão lhe fará bem.

— É mesmo? — A calma de Nicholas a deixava ainda mais nervosa. — Então é melhor eu ficar sozinha um pouco, não? — Faith ergueu a barra da saia e se afastou, caminhando na beira do mar e aproveitando os raios de sol que incidiam agradavelmente em seu rosto.

Nick permaneceu parado no mesmo lugar, apanhando pedrinhas e jogando-as ao mar, como se não estivesse preocupado com nada.

A senhorita pode confiar em mim, as palavras dele martelavam na cabeça de Faith.

O último homem que lhe dissera isso a havia enganado terrivelmente. Mas a proposta de casamento de Nicholas Blacklock se parecia mais com uma ordem do que com um pedido. Não havia o menor indício de emoção.

Faith, no entanto, prometera a si mesma que nunca mais colocaria seu destino nas mãos de outro homem. Não seria louca agora de confiar num estranho.

Por outro lado, sua vida se encontrava num tal estado de desordem que era difícil imaginar o que de pior poderia lhe acontecer.

Será um casamento de fachada, Nick dissera.

Se era realmente verdade, o que ele iria lucrar oferecendo a ela seu nome de presente? Com certeza havia alguma coisa por detrás daquilo. Nenhum homem no mundo faria um casamento como aquele sem nenhum interesse.

Faith voltou para o local onde ele a aguardava e disse a Nick.

— O senhor não sabe nada sobre mim. Posso ser uma criminosa.

— Bobagem! Eu sei julgar as pessoas.

— Como pode ter tanta certeza?

— Acredite, eu sei que não é uma criminosa. — A expressão de Nick era serena e calma. — Quanto a mim, se a senhorita está curiosa para saber o que eu lucrarei desposando-a, para começar, digo que farei minha mãe feliz.

— Sua mãe?

— Sim. Ela quer que eu me case quanto antes e já me apresentou a todas as damas disponíveis.

— E por que o senhor não se interessou por nenhuma delas? Nick se lembrou das

damas que sua mãe tinha lhe apresentado e não podia imaginar nenhuma delas recusando um pedido de casamento dele.

— Foi ruim, não foi? — A voz macia de Faith interrompeu-lhe os pensamentos.

Ele sorriu.

— O processo foi infeliz e minha mãe não conseguiu a nora que tanto queria.

— Havia alguma moça da preferência dela?

— Não, qualquer uma serviria, contanto que eu me casasse. — Nick apanhou um punhado de areia, abriu os dedos e observou-a cair lentamente. — Eu já devia ter me casado desde a morte de meu irmão Henry, três anos atrás. Agora, sou o último da minha linhagem e minha mãe quer um neto. Um herdeiro.

Ele percebeu o que Faith estava imaginando.

— Contudo, quando lhe fiz a proposta, eu não estava pensando num herdeiro para a família Blacklock. Não me importo com isso. Essa era obrigação de meu irmão Henry. Eu simplesmente pensei que a senhorita precisa de um marido, e que minha mãe quer uma nora, assim eu poderia matar dois coelhos de uma só vez.

— Mas o que sua mãe dirá quando souber que o nosso casamento não é de verdade?

— Ela não precisa saber. Meu primo herdará tudo quando eu morrer, mas minha mãe ficará bem amparada. Assim como a senhorita.

— Eu não posso aceitar a sua caridade.

— Não é caridade. Seria uma troca de favores entre nós.

— Sua mãe é inválida e precisa de alguém que cuide dela?

— Não, ela é saudável e tem muitos amigos. Não estou à procura de uma enfermeira ou acompanhante.

— Então não entendo! Eu teria a minha reputação salva e um lar em troca do quê?

— O tom de Faith se atenuou. — Desculpe se pareço rude ou ingrata, mas a minha última experiência me ensinou a não confiar totalmente nas palavras das pessoas.

— A senhorita está certa de me questionar. Para começar, não há muito para eu lhe oferecer. Não sou um partidão, se é isso que está pensando. A senhorita terá somente o meu nome, um lugar para viver e uma boa mesada. E eu teria... — Nick franziu a testa, pensando na melhor maneira de convencê-la.

Convencê-la?, Nicholas pensava. Mas porque teria de convencê-la? Faith não significava nada para ele. E ainda assim, queria se casar com ela, pois sabia que aquela seria a única maneira de protegê-la de sua própria insensatez. Nick não poderia continuar sua jornada tranquilo sabendo que não tinha feito nada para ajudá-la.

— Nos últimos meses, minha mãe só tem falado sobre o meu casamento. Mas em vez de casar, eu saí da Inglaterra solteiro. E saí às pressas.

— Entendo.

— Não, a senhorita não entende. O problema é bem maior do que parece. Somente agora percebi quanto a minha atitude deve ter magoado minha mãe. Se eu enviar uma noiva para ela, acho que servirá como um pedido de desculpas pela minha saída abrupta.

Houve um breve momento de silêncio antes que Faith pudesse dizer algo.

— O senhor não acha que seria mais fácil mandar umas flores com uma cartinha carinhosa?

— A senhorita está zombando de mim?

— Desculpe. — Ela ainda ria. — É que nunca me imaginei como um pedido de desculpas vivo. Acho que preciso de um tempo para me acostumar com a idéia. Diga, eu terei de ir embrulhada para presente e com um bilhete espetado na saia? Ou terei de repetir seu pedido de desculpas como se fosse um papagaio? Devo avisá-lo de que nunca fui muito boa para declamações.

Nick não se lembrava da última vez em que alguém ousara rir dele.

— A senhorita é muito atrevida!

— Sim, senhor — Faith responde de uma maneira doce que não o enganou.

— Quero apenas satisfazer minha mãe e lhe mostrar que suas tentativas de fazer me casar não foram em vão e que não sou o filho ingrato que ela pensa que sou.

— Mas o senhor ainda seria um ingrato fazendo um casamento de fachada, já que sua mãe deseja um neto.

Nick apenas negou com um aceno de cabeça. A lógica dela fazia sentido!

— Digamos que eu aceite me casar e vá para a Inglaterra — prosseguiu Faith. — Estou curiosa para saber o que o senhor fará enquanto isso.

— Eu? — Ele deu de ombros. — Continuarei a minha jornada, é claro.

— Sei. Mas para onde? Para Paris?

— Não. Seguiremos até a costa da Espanha e então viajaremos para o interior.

Nicholas hesitou antes de explicar sua rota.

— Na Espanha, visitarei alguns lugares onde lutei na última guerra e perdi alguns amigos.

— O senhor sente falta dos seus amigos.

Ele realmente sentia muita falta deles, mais do que podia explicar.

— E quando terminar a sua viagem, voltará para casa? Para sua mãe e para mim? Isso se eu me casar com o senhor, é claro.

Nick atirou uma pedrinha ao mar.

— Acho que não voltarei para casa. Minha jornada irá continuar. A senhorita estará livre se quiser.

— Não entendo. Está dizendo que poderemos anular o casamento?

— Estas são as minhas condições. Agora escolha.

Os pensamentos de Faith estavam confusos. Aquilo parecia errado. Não era assim que as pessoas se casavam; sem amor, sem se conhecer. Por outro lado, ela havia se casado por amor e arruinado sua vida.

— Sei que não é o ideal, mas gostaria de receber uma resposta ainda hoje. É que não temos muito tempo.

— O senhor não precisa se preocupar, que eu não vou atrasar a sua viagem — Faith disse, mesmo sabendo que soava como ingratidão. — Sei que pode parecer bobagem, pois não tenho escolha, mas não recebi um pedido formal de casamento e...

— A senhorita tem escolha, sim! — Nick se abaixou e apanhou outra pedra. — Queira me desculpar. Estou tão ansioso para casar que nem levei em conta os seus sentimentos. Mas sempre há uma alternativa.

— Eu sei, mas não no meu caso.

Nick ia dizer algo, porém Faith o impediu tocando-lhe os lábios com dois dedos.

— Sei que devo parecer ingrata e geniosa... — Os lábios dele estavam frios e contraídos; e sua respiração era quente sobre os dedos dela. Uma estranha sensação tomou conta de ambos. Faith retirou a mão imediatamente e não terminou o que ia dizer.

— Tenho o hábito de tentar resolver os problemas quando deparo com um. Resquícios dos tempos de exército. Oh, Deus, desculpe novamente, não quis dizer que a senhorita seja um problema. Não foi isso. — O tom de Nick era de arrependimento. — Posso parecer insensível, mas saiba que ficarei honrado em me casar com a senhorita.

Faith sentiu algumas lágrimas deslizando por seu rosto. Honrado em se casar com uma mulher sozinha e de reputação arruinada. Ele era mesmo um cavalheiro.

— Se a senhorita concordar, nos casaremos com uma cerimônia civil. Atualmente, na França, os casamentos podem ser realizados por uma autoridade da cidade, pelo prefeito, por exemplo. O normal é esperar três semanas para que os papéis corram, mas... — Nick esfregou os dedos indicando que tudo fora acertado por meio de um pagamento extra. — Arranjei tudo para amanhã. Será, portanto, apenas uma cerimônia civil. Se a senhorita

concordar.

Faith permanecia calada. Ela sonhava com uma igreja enfeitada de flores, coisas de que todas as mulheres fazem questão.

— Então, srta. Merrit, aceita casar-se comigo?

Tinha chegado o momento da verdade. Faith o encarou por um longo tempo. Nicholas a encarava também, mas seus olhos azuis não demonstravam nenhuma emoção.

— Srta. Merrit? — Tocou-lhe a mão. — Eu lhe dou minha palavra de que nada de mau irá lhe acontecer. — A voz dele era profunda e sincera.

Faith fechou os olhos e segurou com firmeza as mãos de Nick. Elas eram fortes, quentes, um pouco calejadas. Ela sentiu-se segura.

— Sr. Blacklock, se tem certeza de que é o que realmente deseja, ficarei honrada em me casar com o senhor. E do fundo do meu coração, estou muito agradecida por isso. Sei que não mere...

— Psiu! — Nick ergueu as duas mãos dela e as beijou. — Obrigado por aceitar o meu pedido.

Um tremor tomou conta de todo o corpo de Faith. Ele tinha beijado suas mãos como se ela estivesse lhe fazendo um favor, e não o contrário.

— Muito bem, senhorita! — Stevens disse quando eles retornaram para o acampamento e fizeram o anúncio. — É a coisa certa a fazer. A senhorita não vai se arrepender e, de agora em diante, esqueça o passado e siga em frente, de cabeça erguida.

Faith respondeu com um sorriso trêmulo. Sim, ela tomara a decisão certa. No momento em que havia segurado nas mãos de Nicholas e dito "sim", ela soubera disso.

— Bem, o casamento será amanhã às nove horas — informou Nick. — Espero que não seja muito cedo para a senhorita, mas o prefeito...

— Não é muito cedo.

— Ótimo. A senhorita irá dormir numa hospedaria na cidade. Já está tudo acertado. Stevens lhe fará companhia.

— Ah, mas eu estou feliz aqui no acampamento.

Nick se lembrou de como ficara excitado, naquela manhã, quando despertou sentindo o corpo macio de Faith em contato com o seu. Havia lhe prometido um casamento casto, portanto dormiria melhor sabendo que ela estava bem longe dele.

— Bobagem! Stevens ficará feliz de poder dormir numa cama. E acho que a senhorita também irá apreciar a possibilidade de tomar um banho decente, ter um bom jantar e se deitar numa cama confortável.

— Ah, um banho civilizado! — Faith suspirou, e Nick teve uma breve visão dela nua tomando banho.

— Mas eu gostaria de jantar aqui, se o senhor não se importar. Nunca comi um peixe pescado por mim.

— A senhorita pescou também?

— Stevens me ensinou. A princípio, achei que a atividade seria enfadonha, mas depois que peguei o primeiro peixe, descobri que era muito gostoso e acabei pescando sete ao todo.

— Sete? Excelente! Nesse caso, a senhorita deve mesmo jantar conosco. Eu ainda me lembro do primeiro peixe que pesquei. Era pequeno e quase sem espinhos, e foi assado numa fogueira; ou, melhor dizendo, queimado. Porém nós comemos com muito gosto.

— Mal posso esperar para comer meu primeiro peixe também, mas espero que não queime. — Houve uma pequena pausa. — O senhor disse "nós". Quem lhe fazia companhia?

O momento alegre se foi como se uma nuvem negra tivesse Pousado sobre Nick.

— Eu... eu preciso falar com Stevens sobre os preparativos.

— Mas...

Ele se afastou, fugindo do assunto.

— E estes outros pacotes? Devo colocá-los em algum lugar? — Faith perguntou.

— São seus — Nick disse bruscamente. — Cuide deles.

Viu-o se afastar desanimado. O que ela havia dito de errado? Um minuto antes, ele estava rindo, e no seguinte, aquela reação inesperada.

Então Faith dirigiu seu interesse para os pacotes que Nick dissera serem todos dela. Nicholas Blacklock era um homem estranho, arrogante, rude, que a havia deixado irada ao queimar suas botas. No entanto a surpreendera a ponto de fazê-la chorar ao lhe dar um par novo. Faith sentou-se na areia e começou a abrir os pacotes.

O primeiro era pequeno; dentro dele, meias de seda, muito finas, como as que ela costumava usar. O segundo continha roupas de baixo; tudo branquinho e delicado. Faith corou ao imaginar o sr. Blacklock e o sr. McTavish escolhendo itens tão íntimos para ela.

Por fim, o último pacote: sabonete! O cheiro era muito bom. Havia também uma escova de dentes, um pente e vários lencinhos bordados a mão.

Havia ainda mais duas caixas onde Faith encontrou dois vestidos novos. Um azul-celeste e outro cor-de-rosa. Eram simples e confeccionados em tecido de delicado algodão. Mas isso não fazia nenhuma diferença para Faith, pois o que importava era que teria roupas limpas e decentes para vestir, depois de tomar um banho com sabonete perfumado.

De qualquer maneira, tanto Faith como as irmãs nunca se importaram muito com roupas, uma vez que cresceram sob a batuta austera do avô, que jamais havia permitido que as netas usassem vestidos enfeitados ou coloridos. Pois, para ele, roupas chamativas serviam apenas para atrair a atenção dos homens, o que não condizia com uma mulher digna. Somente depois que Faith e as irmãs se mudaram para Londres, elas descobriram a vaidade, embora de uma maneira contida e discreta.

Mesmo assim, a beleza das irmãs Merridew chamara a atenção dos rapazes londrinos, sobretudo a de Faith e a de sua irmã gêmea, Hope. Mas Faith não se sentia confortável ao ser observada. Acreditava que as pessoas a olhavam mais por curiosidade, devido à semelhança das gêmeas, e não por sua beleza. As duas eram o espelho uma da outra, com os mesmos olhos azuis e belos cabelos dourados.

— Aquela não é a hospedaria onde eu vou dormir? — Faith perguntou ao ver Stevens seguir na direção da hospedaria, enquanto ela e Nick, de braços dados, passavam pelo local sem diminuir o ritmo. Mac e seu cachorro tinham ficado no acampamento.

— Sim — Nick respondeu.

— Então para onde estamos indo?

— O monsenhor Curé quer conhecê-la antes do casamento.

Faith levou um susto.

— O padre quer me conhecer? Mas o senhor disse que o prefeito celebrará o casamento.

— Sim, porém o monsenhor Curé me ajudou a cuidar do assunto e, quando ele insistiu que queria conhecer a senhorita, não pude recusar.

— Mas não estou vestida de maneira adequada para visitar um padre!

— Ele não vai se importar. Eu lhe contei um pouco sobre a sua situação.

— Contou sobre a minha situação? — Faith puxou a gola do casaco para cima. — Ele deve estar pensando o pior.

— Provavelmente. Foi por isso que eu a trouxe para o monsenhor a conhecer e, assim, acalmá-lo.

Faith se virou.

— Aonde a senhorita vai?

— Para a hospedaria.

— Mas nós não temos tempo. Além do mais, o padre não irá se importar com a sua aparência.

— Eu me recuso a passar pelo julgamento de um sacerdote! Já fui julgada o suficiente nos últimos dias.

— Ele está nos esperando, vamos logo.

— Não me importo.

Nicholas a segurou com firmeza pelo braço.

— Chega de confusão! Se o monsenhor for rude com a senhorita, prometo que sairemos de lá no mesmo instante. Mas pode ficar tranqüila que ele não será. É uma pessoa muito gentil.

Os dois seguiram para a casa do padre, atrás da igreja.

Nicholas bateu na porta, e uma senhora idosa os atendeu. Era a criada de monsenhor Curé.

A mulher olhou para Faith de cima a baixo com um ar de reprovação. Obviamente, ela também sabia da história. Aquele olhar doeu em Faith mais do que um tapa no rosto.

Capítulo III

A mulher os conduziu a uma sala onde o padre os aguardava com um sorriso estampado no rosto. Depois de se sentarem, ele olhou para Faith com um ar solene.

— Então, mademoiselle, os senhores irão se casar amanhã de manhã, certo?

— Sim, monsenhor.

— O sr. Nicholas me contou um pouco sobre a sua história. Foi uma sorte os senhores terem se encontrado, não?

— Muita sorte, monsenhor. — Faith não tinha nenhuma intenção de se justificar.

A criada voltou e colocou sobre uma mesinha de centro uma bandeja com um bule de chá e um prato com biscoito.

— Que beleza — disse monsenhor Curé. — Os ingleses gostam de chá, não é?

Mademoiselle se importaria de nos servir, por favor?

Faith serviu o chá sem se importar com os olhares críticos da criada e do padre. Fez o máximo para ignorá-los. Quanto mais rápido eles tomassem o chá, mais rápido ela poderia ir embora dali.

— Então mademoiselle é inglesa. E o sr. Blacklock me contou que a senhorita voltará para a Inglaterra depois do casamento. Para fazer companhia à mãe dele.

— Sim, para fazer companhia para minha mãe — Nicholas concordou.

Faith continuou calada enquanto o padre a encarava de uma maneira desconcertante. Mas ela decidira que não iria perder o controle da situação.

— Mademoiselle contou ao sr. Blacklock que foi ludibriada com um casamento falso.

Faith não gostou do tom.

— Como o senhor mesmo disse, eu fui ludibriada.

Nicholas pousou a mão sobre a dela e Faith não sabia se era um sinal para acalmá-la ou uma ordem para que se calasse. Na dúvida, ela tirou a mão com rispidez.

— Onde foi o casamento?

— Em Paris. Na igreja Saint Marie-Madeleine.

— Ah, na igreja Saint Marie-Madeleine. E quem é o padre lá?

— A qual padre o senhor se refere? Ao falso padre que celebrou o casamento e que se apresentou como padre Jean, ou ao verdadeiro padre que recebeu o suborno para que isso acontecesse? Este se chama Père Germaine.

— Ah, sim, o padre Jean Père Germaine. Eu o conheço. Um sujeito gordo, alegre e de cabelos brancos.

— Não — Faith disse bruscamente. — O padre Père Germaine que eu conheci era alto, magro e careca.

Monsenhor Curé franziu a testa.

— E não foi esse Père Germaine que celebrou o casamento?

— Não, foi o falso.

— E onde os proclamas foram anunciados?

Faith meneou a cabeça.

— Não sei. A primeira vez em que visitei a igreja Saint Marie-Madeleine foi no dia do meu casamento. Falso casamento.

— E naquele dia não foi assinado nenhum registro na igreja?

— Não, não assinei nada.

— Então, mademoiselle, não vejo nada que os impeça de se casarem. A senhorita descreveu o verdadeiro Père Germaine. Vou reportar ao bispo sobre o acontecido.

O padre a olhou direto nos olhos.

— Agora gostaria de saber se a senhorita se casará com o sr. Blacklock de livre e espontânea vontade.

— Sim.

— Ele não a coagiu de alguma maneira?

— Não.

O padre se aproximou de Faith e tocou a mancha roxa em sua face.

— Ele não é o responsável por isto, eu espero. — O olhar do sacerdote era firme e penetrante, e Faith sentiu que estava lhe oferecendo proteção.

— Não, padre, ele não é o responsável por isso — ela disse carinhosamente. — Este homem salvou a minha vida.

— Muito bem. — O velho padre sentou-se de novo.

Faith respirou aliviada enquanto o monsenhor discutia os detalhes do casamento com Nicholas.

Ela tomou todo o chá e se levantou.

— Monsenhor, estou com calor por causa do chá. O senhor se importa se eu for lá

fora tomar um pouco de ar?

O padre olhou para Nicholas, que não disse nada.

— Como desejar, mademoiselle. Marthe lhe mostrará o caminho.

— Obrigada, mas eu sei onde fica a saída — Faith respondeu rapidamente. Não desejava o olhar reprovador da senhora atrás dela. Tudo o que queria era um pouco de paz e tranquilidade, e sabia onde encontrar.

Faith saiu da casa e entrou direto na igreja. O cheiro familiar de incenso mandou-a de volta ao passado, quando ela era uma menininha e seus pais, e às vezes Concetta, a ama delas, a levavam à igreja da vila onde eles moravam, na Itália. Sua mãe costumava ir lá para rezar, apesar de não ser católica.

Faith se ajoelhou e rezou. Seus pais tinham morrido havia mais de doze anos, mas ela ainda sentia muita falta deles.

— Cometi um grande engano, mamãe — sussurrou. — Pensei que havia encontrado o verdadeiro amor. Mas eu me enganei.

Faith sabia que sua mãe a perdoaria, apesar do desapontamento que teria, pois tinha prometido às filhas que a vida delas seria repleta de alegria e amor.

— Vou me casar amanhã, papai. Ele é um homem bom, eu sei. Mesmo sem me conhecer, está fazendo isso para me ajudar. Não sei se estou tomando a decisão certa... — Faith sentia as lágrimas escorrendo.

Ela não sabia por quanto tempo ficara de joelhos ali no escuro, mas, finalmente, sentindo-se em paz, levantou-se para encarar seu destino. Antes, porém, parou diante de um altar, onde havia muitas velas acesas. Cada uma delas significava um desejo, uma oferenda ou um agradecimento. Faith teve vontade de acender uma vela para seus pais, mas se conteve ao se lembrar de que não tinha dinheiro.

Foi quando viu uma sombra mexer-se na escuridão, assustando-a.

— Quem está aí?

O vulto se moveu na direção da luz. Era Marthe, a criada do padre.

— Pensei que a senhorita era inglesa — disse a criada em francês. — Não sabia que na Inglaterra também existem católicos.

— Alguns — Faith respondeu em francês. — Eu sou inglesa e não sou católica.

— Mas conhece os nossos rituais. Percebi que queria acender uma vela.

Emocionada, Faith apenas concordou com a cabeça. As palavras lhe fugiam.

— Não sabia que os protestantes também acendem velas.

— Nasci na Itália. Minha ama acendia velas na igreja e nos explicava o significado.

Aquilo parecia trazer conforto.

— Realmente traz — Marthe disse, emocionada. — Está precisando de conforto?

Faith apenas mordeu o lábio inferior.

— Então por que não acendeu uma vela?

— Porque não tenho dinheiro.

— Mas se tivesse acendido uma vela, ninguém teria visto. E para quem seria a vela?

Faith hesitou. Não tinha vontade de dividir seus sofrimentos com uma estranha.

— Para meus pais.

— Eles morreram?

Faith assentiu com os olhos marejados.

Marthe não disse mais nada, apenas se aproximou, depositou algumas moedas na caixinha, escolheu duas velas e as entregou a ela.

— Acenda-as para eles. Esperarei lá fora.

Quando Faith retornou para a casa do padre, monsenhor Curé a olhou com uma expressão severa.

— Marthe me contou que a senhorita foi rezar na igreja. — Aquilo soou como uma

acusação. — Ela também disse que a senhorita queria acender umas velas, mas não tinha dinheiro.

Faith concordou sem nada dizer.

Ele continuou em italiano:

— Marthe falou que a senhorita conhece o catolicismo. E que nasceu na Itália. Posso perceber que está me entendendo, portanto tudo isso deve ser verdade. A senhorita foi batizada?

Faith respondeu num italiano claro e perfeito:

— Fui batizada na igreja da cidadezinha onde morávamos, na Itália.

Ao ouvir isso, o padre abriu um sorriso largo e trocou o italiano pelo inglês:

— Sr. Blacklock, agora tenho certeza de que posso casá-los. Deixe que o prefeito celebre a cerimônia civil, mas depois me procurem e eu os casarei diante de Deus. Sua noiva foi batizada numa igreja verdadeira.

Nicholas ergueu a sobrancelha.

— Se for esse o desejo da srta. Merrit...

— Eu gostaria de me casar na igreja, mas a decisão é do meu futuro marido também.

— Para mim não faz diferença. — Nick olhou para o padre. — Dez horas está bem para o senhor? A cerimônia civil será às nove.

Assim que o padre fez um gesto concordando, alguém bateu na porta. Nicholas se levantou.

— Deve ser Stevens vindo buscar a srta. Merrit para levá-la à hospedaria.

— À hospedaria? — monsenhor Curé indagou. — Ela não pode dormir lá. Não fica bem. Deve ficar aqui. Marthe irá acompanhá-la.

— Mas... — Faith começou. Não desejava passar a noite sob olhares severos da sra. Marthe.

— Está tudo acertado — o padre insistiu.

— Obrigado, padre — disse Nick. — É preferível que ela durma aqui. Apesar de o meu criado Stevens estar designado para lhe fazer companhia, creio que aqui a senhorita estará mais segura. Depois, uma mulher precisa da companhia de outra na véspera do casamento.

Nicholas pegou a mão de Faith, fez uma reverência e beijou-a carinhosamente.

— Estaremos aqui às oito e quinze para apanhá-la, srta. Merrit. Durma bem, minha querida.

A gentileza e o galanteio dele trouxeram lágrimas aos olhos de Faith, impedindo-a de dizer algo.

— Fique tranqüilo, sr. Blacklock, nós cuidaremos bem dela.

O dia das núpcias amanheceu claro e azul. Faith se levantou, lavou-se e colocou um de seus vestidos novos. Na noite anterior, para sua surpresa, Marthe havia providenciado um banho agradável com direito a sabonete e loção perfumada. Agora, aproveitava a agradável sensação de vestir algo novo e limpo. O ato era simbólico, Faith pensou. Representava o começo de uma nova existência. De agora em diante, ela guardaria de sua vida antiga apenas o que lhe interessava.

As roupas velhas foram embrulhadas para serem jogadas no lixo. Faith as entregaria a Marthe, que poderia lhes dar o destino que quisesse.

Marthe bateu na porta.

— Mademoiselle já acordou? Faith foi abrir.

— Bom dia, sra. Marthe.

— A senhorita não se parece uma noiva!

Faith encolheu os ombros. Ela também não se sentia uma noiva.

— O fato de ser um casamento apressado não justifica que a senhorita não precise

ficar bonita para o seu noivo. Usou o sabonete que eu lhe dei? — Marthe se inclinou para sentir o cheiro.

— Usou. Muito bem.

A mulher andou pelo quarto e seus olhos se fixaram no vestido velho abandonado num canto. Não houve nenhum comentário a respeito.

— A senhorita deve estar agradecida pelo noivo que arranjou!

— Estou.

— Então mostre! É seu dever fazê-lo feliz e agradá-lo em todos os sentidos.

Faith sentiu o rubor lhe subindo à face e não sabia para onde olhar. Será que Marthe estaria se referindo ao que ela estava imaginando?

— A noiva deve estar bonita no dia de seu casamento. A senhorita é linda, mas o vestido... A cor é boa, porém o corte...

— É o único que tenho. Minha bagagem foi roubada. O sr. Blacklock comprou este vestido e um outro cor-de-rosa para mim.

— Faith passou as mãos sobre o vestido azul. — Não me importo que seja simples.

Marthe bufou e, sem dizer uma palavra, saiu do quarto. Faith prendeu os cabelos e arrumou suas coisas, mas antes que pudesse sair, Marthe estava de volta, carregando um potezinho, um ramalhete de pequenas rosas frescas e uma fita de cetim branca.

— Não olhe assim! São apenas algumas coisinhas, flores do jardim e um pedaço de fita.

Marthe começou pelo pote, passando um creme sobre as manchas do rosto de Faith. Em seguida, aplicou um pó cor de pele para finalizar. Quando ela estendeu o espelho para Faith, esta mal pôde acreditar na mudança. Era um milagre. Seu rostinho de antes havia voltado, sua pele estava aparentemente clara e sem marcas. Faith sorriu, agradecida.

Marthe continuou colocando a fita em volta de sua cabeça e prendendo nela as pequenas flores, que acabaram compondo uma grinalda muito delicada.

— Agora está melhor. A senhorita se parece mais com uma noiva. Sua mãe ficaria muito feliz.

Faith não conseguia falar e simplesmente abraçou a senhora, que, a princípio, permaneceu tensa, mas depois se soltou e retribuiu o afago.

— Agora desça, mademoiselle, para tomar seu café e depois ir para o casamento civil. Estarei aguardando para a verdadeira cerimônia na igreja.

Pontualmente às oito e quinze, Nicholas Blacklock estava à porta de monsenhor Curé.

— Sua noiva já o aguarda — disse o padre. — Lá vem ela.

Stevens e Mac ficaram sem palavras ao verem Faith. Nick sentiu algo que se parecia com um soco no estômago. Ela estava maravilhosa. Stevens precisou dar um cutucão em Nicholas para que ele despertasse e fosse ao encontro de sua futura esposa.

— A senhorita está exalando perfume — Nick disse ao beijar a mão de Faith.

— E por causa da grinalda de flores naturais — ela explicou numa voz doce. — Foi a sra. Marthe quem me arranjou. E estou usando azul porque minha mãe se casou de azul.

Faith tinha se arrumado especialmente para o casamento. Nicholas ficou sem palavras.

— O senhor terá a vida toda para admirar sua escolhida — disse o velho padre. — O tempo está correndo e o prefeito cobrará pelo atraso. Vejo-os na igreja, mais tarde.

Monsenhor Curé se recusou a permitir que os noivos entrassem juntos na igreja.

— Mademoiselle será conduzida por um destes dois cavalheiros. — Ele olhou para Mac, que virou o rosto.

— Eu a levarei. — Stevens deu um passo à frente.

— Ótimo! Agora, os dois cavalheiros podem entrar.

Mac, praticamente, marchou ao lado de Nick

— O senhor vai se arrepender disso, capitão! Ainda dá tempo de desistir. Tudo que precisamos fazer é continuar andando e sairmos pelos fundos.

— Não vou abandonar minha esposa no altar.

Mac bufou.

— Ela não é sua esposa ainda!

— A cerimônia do prefeito decorreu dentro da lei.

— Aquele prefeito não me engana. Não acreditei naquele casamento.

— Mas eu acreditei.

— Mas, capitão, como o senhor pretende dar a ela seu nome e seus bens? O senhor não a conhece.

— Meus bens estão na Inglaterra, Mac. Não preciso deles.

— Mas... e sua mãe?

— Minha mãe está bem amparada. A srta. Merridew... Eu sabia que o nome que ela havia dado não era o verdadeiro. A srta. Merridew... Não, agora é sra. Blacklock, não? Bem, ela será muito do agrado de minha mãe, que queria uma nora.

— Ela queria um herdeiro, não apenas uma nora.

— Primeiro uma coisa, depois a outra. Metade de um pão é melhor do que nada.

— Mas...

— Basta! — O tom de Nicholas foi cortante. — O que está feito está feito. Chega de discussão, Mac. De hoje em diante, exijo que minha esposa seja tratada com todo o respeito.

Foi uma ordem que Mac aceitou com relutância.

Faith parou na entrada da igreja. Ela sabia que já estava casada, mas agora aconteceria a verdadeira cerimônia. Suas mãos estavam trêmulas. Tocou no braço que Stevens lhe oferecera e com a outra mão segurou a saia.

— Um momento, mademoiselle. — Marthe se aproximou. — A senhorita gostaria de usar isto? — Ela deu um pequeno embrulho para Faith, que o abriu cuidadosamente. Pétalas de rosas secas caíam ao chão enquanto o embrulho era aberto. Faith se abaixou para apanhá-las, porém Marthe a impediu.

— Não, isso faz parte. Estas pétalas são do meu jardim.

Faith terminou de abrir o embrulho. Dentro, havia um delicado véu bordado. Ela o abriu com cuidado. A cor do véu era de um branco amarelado pelo tempo. Mesmo assim, seu estado era perfeito, e a delicadeza do bordado, impressionante.

— É velho, mas... — A idosa senhora disse.

— É lindo — Faith murmurou. — Nunca vi nada igual. Nunca. Gostaria de saber quem o fez. É muito antigo. Duvido que hoje em dia seja possível encontrar um trabalho tão delicado.

— Minha mãe o bordou. Ela era a melhor bordadeira da região. Fez esta peça para o meu casamento, há quase cinquenta anos. Mas o bom Deus nunca me abençoou com uma filha. Já é tempo de o véu de minha mãe enfeitar outra noiva. A senhorita irá usar?

Faith não conseguia falar. Assentiu e permaneceu parada enquanto Marthe arrumava o véu sobre sua cabeça.

O véu tinha cheiro de rosas, não de rosas frescas, mas um perfume mais antigo e durável. Era o aroma do amor. Os olhos das duas estavam cheios de lágrimas.

— Chega de lágrimas! Agora a senhorita está parecendo uma noiva de verdade. Seu marido ficará grato pela sorte dele.

Faith tinha suas dúvidas a respeito, mas preferiu não comentar.

— Gostaria que minha mãe e minhas irmãs pudessem me ver agora.

— Que bobagem! Não sei quanto a suas irmãs, mas tenho certeza de que sua mãe a

está vendo neste momento, e seu pai também. A senhorita acendeu uma vela para eles, lembra? Agora, vá, e não deixe seu futuro marido esperando. Esperar um pouco é bom, mas os homens são criaturas impacientes. Faith deu dois passos e olhou de novo para trás.

— Obrigada, Marthe. Nunca me esquecerei da sua gentileza. Marthe deu um sorriso e fez um gesto para que ela seguisse em frente.

— Vá, petite, seu homem a espera.

Faith respirou fundo, pegou no braço de Stevens e seguiu pelo corredor. A jornada parecia não ter fim. A igreja exalava o perfume de rosas e de cera de abelha. Havia apenas dois dias, Faith não tinha nada. Tudo lhe fora roubado, até mesmo sua fé na bondade das pessoas.

Agora, de repente, presentes lhe vinham de todas as direções. Quem poderia esperar que aquela senhora amarga que ela havia conhecido na noite anterior pudesse lhe dar tanto conforto?

O perfume das rosas era embriagante. Tão embriagante que ao fechar os olhos, Faith se imaginou na pequena igreja de St. Giles, onde sua irmã gêmea, Hope, havia se casado com Sebastian, dois meses antes, cercada de familiares, amigos e rosas.

Ela abriu os olhos e viu que não estava sozinha. O maior presente de todos a aguardava: Nicholas Blacklock; alto, moreno e solene.

— Eu os declaro marido e mulher. O senhor pode beijar a noiva.

Faith olhou para Nicholas. Ela sabia o que a esperava, pois fora beijada na cerimônia civil. Tinha sido um beijo rápido, superficial. Mesmo assim, memorável. O beijo quase impessoal causara um agradável arrepio em Faith que começou pelos lábios e se espalhou por todo seu corpo. O vago sabor dos lábios de seu marido permaneceu; o cheiro, a textura da pele dele, o brilho do olhar enquanto a beijava. Tudo ficara guardado em sua mente.

Nick ergueu o véu, e Faith examinava a face de Nick. Ele a enviaria para a Inglaterra no dia seguinte. Ela queria guardar cada detalhe daquele rosto.

Nick se aproximou para ajeitar o véu, e Faith pôde sentir o agradável perfume dele. Nicholas Blacklock, seu marido; tudo aquilo não parecia real. Ela só o conhecia havia dois dias, e de alguma maneira parecia que já fazia muito tempo.

Ele a segurou pela cintura com firmeza e posse. Trouxe-a para mais perto, tão perto que Faith sentia o calor do corpo másculo. Quase sem ar, ela ergueu o rosto e recebeu o beijo.

Os olhos azuis a possuíram, e Nick se inclinou e deu-lhe um beijo breve e, ao mesmo tempo, possessivo. Faith ficou zozza, encarou-o e provou o sabor dos lábios dele.

— Parabéns, meus filhos! — A voz do padre ecoou a distância.

Marthe e Stevens se aproximaram para cumprimentar os noivos. Mac não se moveu, sua expressão estava mais de acordo com um funeral do que para um casamento.

Faith corou; procurando se recompor, fez o melhor para agradecer os cumprimentos que recebia. A seu lado, Nicholas parecia calmo e sério como sempre.

Depois da cerimônia de casamento, todos foram para a casa de monsenhor Curé. Marthe havia preparado uma pequena recepção para os noivos.

— Vamos fazer um brinde aos recém-casados. — O padre abriu uma garrafa de champanhe.

Eles brindaram à felicidade dos noivos. Após o brinde, Marthe se retirou e, minutos depois, retornou com um embrulho e o entregou à noiva.

— O que é isto, outro presente? — Faith perguntou.

— Não abra agora. Deixe para hoje à noite, quando estiver sozinha.

— Mas a senhora já me deu tantas coisas!

— Isso não é nada. É apenas algo um tanto velho que não tem mais serventia para mim, mas que talvez sirva para a senhora.

A emoção tomou conta das duas novamente.

— Nada de choro, este é um dia de felicidade — Stevens interveio. — Eu também tenho uma lembrancinha para a senhorita, quero dizer, para a sra. Blacklock.

Faith hesitou antes de aceitar o presente de Stevens e olhou para Nicholas como se pedisse seu consentimento.

— Abra o presente — Nick disse.

Era uma pequena flauta de madeira, entalhada a mão.

— Sei que não é muito, mas a senhora me contou que gostava de música.

— É linda, Stevens. Tive uma igual quando era criança e a amava mais que tudo. Mas meu avô a esfaqueou. Ele não gostava de música.

Houve um momento de silêncio.

— Então toque para nós.

E Faith tocou. Aquela era a primeira vez em meses que ela tocava um instrumento. Depois que a música terminou, todos permaneceram calados, mas Nick quebrou o silêncio ao aplaudir o talento de sua esposa.

— Você toca muito bem.

Os outros se juntaram aos elogios, e Faith embrulhou com carinho o precioso instrumento. Nick tocou em seu braço.

— Vamos conversar lá fora. Tenho algo para lhe dizer em particular.

Os dois saíram para o pequeno jardim que ficava nos fundos da igreja. O local era aconchegante e romântico.

— Acho que foi daqui que a suas rosas saíram. — Nick apontou para um canteiro.

— Creio que sim — Faith respondeu sem jeito, como se fosse uma menininha aguardando o castigo por ter aceitado os presentes sem consentimento. Uma menina muito bonita, Nick pensou, admirado por não haver percebido antes toda aquela beleza que estava escondida embaixo de manchas roxas, sardas de sol e marcas de picadas de mosquitos.

Ele se colocou de frente para Faith, com as mãos cruzadas para trás.

— Desculpe. Eu não comprei um presente para você.

Faith não esperava mesmo ganhar nada dele ou de ninguém. Ela sorriu e disse:

— Pensei que estivesse bravo comigo por eu estar recebendo os presentes, uma vez que o nosso casamento nem é de verdade.

— Mas o nosso casamento é de verdade!

— O senhor sabe o que eu quis dizer. Não sou uma noiva de verdade, e o senhor não é um...

— Você é uma noiva linda.

Faith se calou e o encarou. Em seguida, sorriu. Um sorriso lindo e estonteante que secou a garganta de Nick.

— Obrigada — ela murmurou, trêmula. — Eu também me senti bonita com o lindo véu que a sra. Marthe me deu.

Não tinha sido o véu que a deixara bonita. Faith nem o usava naquele momento, e mesmo assim estava maravilhosa.

— Confesso que não pensei em lhe comprar um presente de casamento, mas farei isso ainda hoje. O que você gostaria de ganhar?

— Eu não quero nada. O senhor já me deu muito.

— Bobagem!

— O senhor me deu todas as roupas que estou usando. Até as bonitas botas.

— Isso não conta. Sou seu marido agora e tenho a obrigação de suprir todas as suas

necessidades. E pretendo também lhe dar um presente de casamento. Algo de que não esteja precisando mas que gostaria de ter. O que seria?

Pérolas, Nick pensou. Ou talvez um colar de safiras para combinar com os olhos dela.

— Mas eu não quero nada. Tenho tudo do que preciso.

Nick olhou-a incrédulo. Tudo que Faith tinha naquele momento eram as roupas que vestia e alguns poucos pertences que mal enchiam um pequeno saco. E mesmo assim achava que não lhe faltava nada!

Depois de pensar um minuto, ela disse:

— Que tal papel de carta, uma pena e um tinteiro? Preciso escrever algumas cartas.

— Vou lhe comprar uma maldita resma de papel de carta, mas não como presente de casamento!

— Não precisa ficar aborrecido por isso.

— Desculpe. Mas agora pense num presente apropriado. Faith o encarou.

— Algumas pessoas acham que os presenteados deveriam escolher o que querem ganhar. Outras pensam que o valor do presente está no cuidado que o outro teve ao escolhê-lo.

— Essas pessoas nunca ganharam um presente que tivessem realmente odiado — Nick retorquiu.

— O senhor está certo. Bem, existe algo que eu gostaria muito de ganhar, mas é um pouco caro e talvez o senhor não queira comprar.

— Não me importo com o preço. — Nick lembrou-se das palavras de Mac. Talvez fosse uma loucura dizer para uma mulher que ele mal conhecia que o preço não importava.

Faith hesitou.

— O senhor pode não gostar.

Aborrecido por haver se esquecido de comprar um presente para sua esposa, sobretudo quando todos, exceto Mac, tinham dado algo a ela, Nick declarou:

— Eu prometo, sra. Blacklock, que seja lá o que for, não ficarei aborrecido. Agora, diga logo o que é, e se for possível, comprarei ainda hoje.

Faith o encarou com seus grandes olhos azuis, respirou fundo e então disse:

— Então, o que quero é uma pistola.

Ela ouviu a respiração profunda de Nick e se adiantou com as justificativas:

— Minha mãe sempre carregou uma pequena pistola. Viajou muito pela Itália, e ter sua própria arma significava que poderia proteger a ela e a nós caso fosse preciso.

A expressão dele era muito séria e carrancuda. Com certeza estava chocado. Sem dúvida, pensava, como os outros cavalheiros de seu meio, que damas não deveriam andar armadas. Alguns homens até mesmo achavam a idéia ofensiva, como se a dama em questão não confiasse na capacidade de proteção de seu cavalheiro.

Mas as mulheres da família Merridew sempre carregaram uma arma. Sua mãe tinha uma. Sua irmã mais velha, Prudence, também. Hope, a essa altura, já devia ter ganhado uma do marido.

Faith cruzou os braços e assumiu uma postura agressiva. Sua segurança era mais importante e ela não iria abrir mão disso.

— O senhor carrega duas pistolas e sabe-se lá o que mais. O sr. McTavish e Stevens andam armados. Quero me proteger também, por isso preciso de uma arma.

Nick continuou calado e, quando Faith estava prestes a descarregar outra enxurrada de argumentos, ele disse:

— Posso lhe garantir que você seguirá em absoluta segurança para a Inglaterra. Por outro lado, compreendo seus medos, por isso acho que uma pequena pistola é uma ótima idéia. Mas não como presente de casamento.

Num impulso, ela o abraçou, agradecida.

— Oh, obrigada, Nicholas. Quero dizer, sr. Blacklock. O senhor não vai se arrepender, eu prometo que tomarei muito cuidado. Não imagina como me sinto feliz.

Nick sabia exatamente como Faith se sentia. Macia, quente e feminina. Sua esposa. Seus braços a envolveram com força.

Mas ela era sua esposa apenas no nome. Ele se esforçou para afastá-la gentilmente.

Cumprindo sua promessa, naquele mesmo dia Nick comprou uma pistola, e após o almoço foram para o campo, onde ele poderia ensiná-la a manejar a arma em segurança.

— Que linda pistola! — Faith exclamou quando a viu. — O trabalho de entalhe do cabo é muito delicado e as partes em metal são perfeitas. Eu tinha imaginado algo mais simples, e não uma pistola tão bonita.

— É uma arma e o que importa é a precisão — Nick disse. — Esta foi a menor que encontrei e me parece a de mais fácil manejo.

Faith dirigiu-lhe um olhar provocador.

— O senhor não gosta de coisas bonitas?

Nick fez o possível para ignorar a provocação e voltou-se para o assunto em questão, ensinando-a a manejar a arma.

— Ela foi feita para ser carregada numa bolsinha. Agora, vou lhe explicar como é o manejo.

— Mas eu...

— Não é difícil. Preste atenção.

— Mas eu não imaginei que fosse.

— Apenas escute e observe. Depois faça as perguntas. Primeiro coloque a pólvora... apenas um pouco... — Ele falava enquanto demonstrava. Faith observava calada. — Agora a bala. Depois soque com a vareta, que neste modelo fica oculta aqui.

— Que engenhoso!

— Agora está carregada. Vou lhe ensinar a fazer pontaria e atirar. — Pôs a arma nas mãos dela. — Encaixe o dedo aqui neste espaço, erga a pistola, mire num alvo e puxe o gatilho. Antes, porém, prepare-se para o impacto que se segue ao tiro.

Concentrada, Faith seguiu todas as instruções e, antes de atirar, perguntou:

— Assim?

— Mais um pouco para a direita. — Nick se aproximou dela por trás, pousou uma mão em sua cintura e com a outra posicionou a pistola. — Aquela posição em que você estava é boa para um duelo ou para soldados que vão encarar o inimigo de frente. No seu caso, é diferente, pois contará com a vantagem da surpresa. Agora, afaste as pernas e segure a arma com as duas mãos, se for possível.

— Mas é tão leve, tenho certeza que eu poderia...

— Sim — ele a interrompeu, impaciente. — Mas enquanto estiver aprendendo a atirar, segure com as duas mãos.

A pistola pendeu um pouco para a esquerda, então Nick segurou os braços da esposa e guiou-lhe as mãos para a direção correta.

Uma brisa suave soprou os cachos dourados de Faith, fazendo-os irem de encontro ao rosto dele. Aquilo era uma distração. Nick já havia ensinado vários soldados a atirar, mas nenhum deles tinha cachos dourados que cheiravam a rosas...

— Agora, prepare-se para o leve coice e aperte o gatilho. O barulho será um pouco alto; portanto, não se assuste.

Houve um estouro, seguido de uma nuvenzinha de pólvora. O coice foi leve e o corpo dele a amparou.

— Oh, o estouro foi mesmo alto, não? Mas eu adorei. Quando podemos fazer outra vez?

Faith se virou de frente para ele, ainda envolvida em seus braços. Havia um pequeno resíduo de pólvora na face dela, e Nick o removeu. Faith sorriu e, de repente, ele percebeu quanto estavam próximos. Seus lábios a centímetros dos dela.

Nick deu um passo para trás.

— Antes de carregá-la novamente, deve limpar o resíduo de pólvora usando esta escova. Vou lhe mostrar como se faz.

Depois de explicar como se fazia, ele entregou a escova e a arma para Faith.

— Você tem de manter sua arma sempre limpa, senão acontecerá o que chamamos "dar chabu". Primeiro vem um foguinho e depois não acontece nada.

Após a limpeza, Nick disse:

— Agora, carregue para eu ver.

Faith carregou a arma exatamente como ele tinha ensinado e sem a menor hesitação.

— Fiz tudo certo?

— Muito bem. Agora, veja se consegue acertar aquela rocha. Ela se virou e mirou, mas a arma balançou um pouco. Nick se conteve quanto pôde e então se aproximou e passou de novo os braços ao redor de Faith para mostrar como se fazia. Dessa vez ela se recostou confortavelmente no corpo dele.

— O barulho vai se repetir? — Faith murmurou, esfregando o rosto contra o de Nick.

Uma suspeita passou pela cabeça dele. Soltou as mãos dela e se afastou. Faith se virou com ares de inocente.

— Você já atirou antes, não foi? — Nick perguntou.

Ela riu.

— Sim, senhor, várias vezes.

— Por que não me contou?

— Eu tentei duas vezes! Mas o senhor não me ouvia. E o senhor estava gostando tanto de me ensinar que não tive coragem de interrompê-lo. Confesso que é um ótimo professor.

Nick cruzou os braços e lhe dirigiu um olhar severo.

— Então suponho que você pode acertar aquela rocha sem problemas.

— É muito fácil. Está vendo aquele galho espetado na areia? — Faith fez pontaria, atirou e acertou no galho.

— Acho que já treinamos o suficiente por hoje — Nick disse. — Uma tempestade se aproxima.

Ela olhou para as nuvens carregadas.

— Espero que o senhor esteja enganado. Odeio tempestades.

Nick tinha reservado dois quartos na estalagem. Mas apenas um deles havia sido ocupado na noite anterior; Stevens dormira lá, enquanto o quarto de Faith permanecera desocupado.

Mas para sua noite de núpcias, Nick planejava usar o quarto de Stevens e mandar seu cavaliário de volta ao acampamento, uma vez que não tinha intenção de compartilhar a cama com sua esposa.

Quando ele e Faith voltaram do acampamento, o vento estava mais forte e as nuvens carregadas encobriam o lugarejo. Stevens e Mac anunciaram que também dormiriam na hospedaria para fugirem da tempestade.

Mas, ao chegarem à hospedaria, eles descobriam que estava lotada. A tempestade forçara alguns navios a atracarem no porto local. Como resultado, todas as outras hospedarias da cidade também estavam lotadas.

Assim que Nicholas e Faith entraram, o dono da estalagem veio falar com eles.

— Bonjour, monsieur. Como o senhor pode ver, nós temos um problema, estamos com a lotação esgotada devido à tempestade que se aproxima. Gostaria de saber se sua

esposa se importaria de dividir o quarto, nesta noite apenas, com duas damas inglesas de muito respeito. São mãe e filha.

Nick não tinha objeção. Ele dividiria o outro quarto com Stevens e Mac.

— O que você decidir, minha querida. — Enquanto ele falava, um trovão estourou e Faith agarrou-lhe o braço, assustada.

— Madame? — O dono insistiu.

— É claro que não me importo de divi... — Mas quando ela olhou para as duas mulheres muito elegantes que o dono da estalagem havia apontado, seu sorriso congelou.

— O que foi? — Nick perguntou.

Lentamente, Faith soltou o braço dele e disse num tom calmo:

— Não foi nada. Eu não me importo de dividir o quarto.

Mas uma voz fria se fez ouvir:

— Olhe, mamãe, não é aquela mendiga que nós vimos na cidade e que veio falar conosco em inglês?

A velha senhora se virou e dirigiu a Faith um olhar de desprezo.

— Você quer dizer a prostitua que teve o desplante de nos dirigir a palavra? Vejo que ela conseguiu um protetor. Infelizmente, Lettice, os homens, mesmo os denominados cavalheiros, acabam abaixando o nível!

A mulher, então, virou-se para o dono da estalagem:

— Senhor, espero que essa criatura não vá passar a noite aqui. Achei que o seu estabelecimento fosse um lugar de respeito.

A alegria de Faith tinha desaparecido, mas Nicholas a amparou com firmeza.

— Precisarei dos dois quartos, senhor. Minha esposa se hospedou na casa de monsenhor Curé na noite passada, mas hoje ela vai ficar aqui. Por isso, precisaremos dos dois quartos, um para mim e minha esposa e outro para meus homens.

— Mas senhor...

Nicholas continuou num tom frio:

— Meu bom homem, não posso exigir que minha querida esposa abra mão da sua privacidade e conforto para duas mulheres de origem duvidosa.

— Francamente! — A senhora se manifestou. — O senhor não sabe com...

— Madame, não acho que tenhamos sido apresentados, portanto tenha a gentileza de não nos importunar — Nicholas declarou num tom frio. — Eu estava falando com este senhor, e não com a senhora. — A inglesa corou, enfurecida.

Ignorando-as, Nicholas pegou a mão de Faith.

— Venha, minha querida, vamos nos recolher em nosso quarto e nos refrescarmos antes do jantar.

A inglesa recuperou a pose e olhou para o infeliz estalajadeiro.

— Isso foi um ultraje! Como o senhor ousa dar preferência àquela vagabunda? Saiba que sou a lady Brinckat e exijo um quarto!

Nicholas seguiu com Faith e, ao chegar ao alto da escada, parou.

— Estalajadeiro.

O homem correu para o pé da escada com uma expressão esperançosa.

— Oui, monsieur?

— As senhoras podem dormir no meu segundo quarto, se desejarem.

— O senhor vai ceder o quarto dos seus homens para elas? Oh, merci, monsieur.

Nicholas deu um sorriso sarcástico.

— Mandar meus homens embora? Por causa de uma dupla de desconhecidas? Acho que não. Elas podem dormir com eles, se quiserem. Acho que meus homens não se importarão.

— Nunca imaginei que o senhor tivesse tanto senso de humor! — Faith exclamou assim que entraram no pequeno quarto.

Nick ergueu uma sobrancelha.

— Mas quem disse que eu estava brincando?

— Oh, mas não acredito que o senhor estivesse falando sério quando fez aquela proposta tão imprópria.

— Aquilo foi por conta das bobagens que elas disseram. — Nicholas abria uma garrafa de vinho que estava sobre uma mesinha junto de duas taças. — Aceita uma taça de vinho?

— Não, obrigada. Não gosto muito de vinho. Mas a mulher ficou furiosa e pensei que ela fosse explodir. — Faith ria muito e se sentou na cama alta, que era macia e parecia muito confortável.

Então ela congelou.

A cama. Havia apenas uma cama no quarto!

Olhou ao redor em busca de uma pequena cama ou de um sofá onde pudesse dormir. Mas havia apenas uma cadeira, uma mesinha, um armário e uma cama.

Faith olhou para Nicholas. Seu marido. Ele bebia seu vinho sem saber das preocupações dela.

— Um brinde à batalha que vencemos contra a megera, sra. Blacklock. — Nick ergueu a taça, esperando o brinde. — Você não está bebendo nada?

— Não, vou tomar uma xícara de chá. Obrigada por me defender, sr. Blacklock. Estou muito grata. — Faith realmente estava; mais do que ele podia imaginar.

— Não precisa agradecer. Você é minha esposa, Faith. Vou defendê-la em todas as situações.

Os olhos dela ficaram marejados de tanta emoção, mas antes que as lágrimas rolassem, Nick completou:

— Além do mais, o prazer foi meu. Não suporto mulheres afetadas como aquelas. E a filha era tão má quanto a mãe. Você já tinha se encontrado com elas antes?

— Sim, outro dia, na cidade. São as inglesas que me tomaram como uma qualquer.

— E mesmo assim, você ainda ia dividir o quarto com as duas?

— Bem, isso foi antes de tudo que disseram. Pensei que talvez eu pudesse explicar a minha situação para elas. Depois, não têm onde dormir e a tempestade está assustadora... Sei como é não ter um lugar onde dormir.

— Você perdoa com muita facilidade, sra. Blacklock.

De novo sra. Blacklock. Como se ela fosse mesmo a esposa de Nicholas. Ele mesmo havia lhe garantido que o casamento seria apenas de fachada. Mas estavam casados legalmente e os maridos têm seus direitos. E só existia uma cama ali.

Num canto do quarto, havia uma pequena lareira, e Faith ficou feliz por ter com que se ocupar acendendo-a.

Serviria para distrair seus pensamentos a respeito da cama. Era covardia, ela sabia, mas no momento não tinha outra saída.

Eles permaneceram sentados por alguns momentos, apenas ouvindo o barulho da tempestade.

— Você gostaria de jogar xadrez? — Nick perguntou.

Faith sorriu, recordando-se da agonia que eram as aulas de xadrez que seu avô ministrava a ela e a suas irmãs. Consistiam em horas a fio confinadas numa sala sendo forçadas a aprender o jogo apenas para o divertimento dele.

— Eu jogo um pouco, mas não sou muito boa. Mas, se o senhor quiser...

— Não se incomode. — Ele se levantou e caminhou pelo quarto.

Sua presença preenchia todo o pequeno cômodo. Lá fora, a tempestade, e ali dentro, o silêncio absoluto. Num esforço de tornar a situação mais agradável, Faith disse a primeira coisa que lhe veio à mente:

— Stevens me contou que seu pai o obrigou a ir para o exército.

Nick ficou imóvel e depois estremeceu.

— Eu era muito jovem. Meu pai achou que seria bom para mim. Mais tarde, descobri que a minha natureza estava mais de acordo com o exército do que eu imaginava.

As palavras de aparente aceitação dele foram ditas com amargor e num tom de rancor.

— Como foi que tudo aconteceu?

Nick foi em direção à porta.

— Se você não se importar, vou verificar se está tudo bem com Wulf e os cavalos. O cachorro fica louco com os trovões.

— Não me importo.

— Voltarei às sete para descermos para o jantar.

Era bobagem se incomodar com aquilo. Casados ou não, eles ainda eram estranhos. Não era problema dela o que Nick pensava do próprio pai. Afinal, também Faith tinha seus segredos.

Ela sentou-se junto à mesinha e se preparou para escrever as cartas para a sua família. Primeiro para a irmã gêmea, Hope, depois para Prudence, e, em seguida, para tio Oswald e tia Gussie.

Verificar o cachorro fora apenas uma desculpa. Nick tinha de sair daquele pequeno quarto com aquela única cama; com a chuva caindo lá fora, e lá dentro aquela voz doce.

Mas ele dera a palavra de que seria um casamento apenas de fachada, e era um ponto de honra não tocar em Faith. Mesmo que aquela voz macia e delicada lhe despertasse instintos havia muito adormecidos.

Assim que aquela maldita tempestade terminasse, Nick poderia mandá-la para a Inglaterra. Depois continuaria sua viagem para o sul da Espanha, e toda essa história de casamento viraria passado.

Nicholas só retornou para o quarto um pouco antes do jantar e, como bom cavalheiro, bateu na porta antes de entrar.

— O jantar será servido em quinze minutos. Você prefere que o seu jantar seja trazido aqui numa bandeja ou quer descer?

Faith abriu a porta para atender o marido.

— Prefiro descer.

A sala de jantar estava lotada de hóspedes, mas o local tinha sido dividido em duas áreas, uma para a classe alta e outra para as pessoas comuns. Os populares se serviam sozinhos; os outros eram servidos e pagavam um extra pelo privilégio. Quando Nick e sua esposa se dirigiam à área reservada à classe alta, viram que Stevens tinha sido recrutado para ajudar no serviço. Ele parecia afobado, mas estava feliz.

Nicholas meneou a cabeça, pensativo, enquanto puxava a cadeira para Faith.

— Ele é incorrigível. Não suporta ficar desocupado. Stevens gosta de se sentir útil.

Faith sorriu. Todos gostam de se sentir útil, ela pensou.

Lady Brinckat e sua filha já estavam sentadas. Alguém tinha cedido um quarto para as duas.

Quando Stevens passou por elas, Faith ouviu a garota dizer:

— Oh, mamãe, olhe para o rosto dele! Como é horrível!

O comentário se referia às cicatrizes do rosto de Stevens, Faith percebeu, horrorizada.

Lady Brinckat falou em voz alta:

— Desvie o olhar, minha querida. Se o patrão dele tivesse o mínimo bom senso, não permitiria que um sujeito deformado como ele ficasse à vista de todos. Principalmente de damas sensíveis.

A mulher estava usando Stevens para atingir Nicholas. Mas Faith não permitiria que

ninguém ofendesse Stevens daquela maneira. Ela se levantou e caminhou na direção da mesa de mãe e filha.

— Como ousa se referir dessa forma a um homem simples e gentil? — Faith acusou. — E ainda tem a coragem de se considerar uma dama! Deveria se envergonhar da sua falta de sensibilidade!

As duas mulheres a encaravam, abobalhadas. Faith as encarava de volta; dentro dela, pura emoção, e seus olhos brilhavam devido às lágrimas.

— Se fizer outra observação como essa sobre Stevens, prometo que darei uma surra nas duas! — Faith desejava ter dito algo pior, mas sua ira era tamanha que ela mal conseguia raciocinar e as palavras lhe escapavam.

Lady Brinckat e sua filha estavam pálidas e chocadas demais para responder algo. O silêncio foi quebrado pelo barulho de palmas. Todos olhavam para elas, e Nicholas Blacklock se levantou, aplaudindo sua esposa.

A porta da cozinha se abriu e uma senhora vestida de branco saiu de lá. Era a renomada chef da cozinha de quem o bom Stevens já tinha caído nas graças. Com as mãos nos quadris, ela perguntou em francês para o irmão, o dono da estalagem, o que estava acontecendo.

Ao ouvir a história, a mulher ficou enfurecida e marchou para a mesa de lady Brinckat. No caminho, ela parou, deu um abraço em Faith e beijou-a no rosto. Todos os presentes se levantaram e começaram a bater palmas de novo. Faith corou, embaraçada.

A francesa então encarou as duas inglesas.

— Sua velha vagabunda e filhinha! Eu não vou alimentar duas porcas como vocês! Fora daqui as duas, antes que eu as chute.

Chocadas pelas palavras chulas e pela ameaça, lady Brinckat e sua filha se levantaram no mesmo instante e se retiraram da sala, indignadas e com medo, pois perceberam que a francesa não estava fazendo uma ameaça vazia.

— Já vão tarde! — a chef declarou. — Agora, ma petite, meu irmão vai lhe servir nosso melhor champanhe. — Ela olhou para Nicholas, que ainda estava em pé. — Os amigos de Stevens são bem-vindos aqui.

Stevens disse algo no ouvido dela, que sorriu.

— Uma noiva? Por que você não me disse antes? — A mulher se virou e anunciou para todos: — Este belo casal contraiu núpcias esta manhã. Isso pede uma celebração.

E assim a festa começou. Com pratos maravilhosos que saíam da cozinha e deliciavam os presentes. E depois que todos estavam satisfeitos, músicos começaram a tocar. Mãos entusiasmadas afastavam as mesas e cadeiras; Faith e Nicholas foram levados para o centro do salão, e teve início a dança. A celebração encobria o barulho dos trovões que ecoava lá fora.

Depois de muito dançarem, Faith concluiu que já era hora de ir se deitar. Sussurrou no ouvido de Nicholas que estava cansada e que gostaria de se retirar. Sua voz estremeceu um pouco ao informá-lo. Ele sabia o motivo do nervosismo.

— Suba primeiro — Nick disse. — Tranque a porta. Eu vou dividir o quarto com Stevens e Mac. Não se preocupe.

Ela olhou-o aliviada e saiu de mansinho.

Mas quando Nick, uma hora depois, tentou sair discretamente, foi surpreendido por risos e comentários. Parecia que metade dos presentes havia visto Faith se retirar.

Um grupo de homens alegres e um tanto embriagados conduziu o noivo até a porta do quarto de núpcias. Alguns davam conselhos, outros riam muito. Nick esperava que sua esposa não estivesse ouvindo aquilo.

Dúzias de punhos batiam na porta do quarto de Faith, pedindo para que a noiva abrisse para seu marido. E quando ela finalmente abriu a porta e olhou nervosa para fora, vestindo uma camisola branca longa, bordada e enfeitadas com laços de cetim, Nick foi

empurrado para dentro do quarto, com saudações de boa sorte e algumas sugestões. Ele fechou a porta na cara daquela alegre turma.

Capítulo IV

O silêncio dentro do quarto era absoluto e o único ruído foi produzido pela noiva nervosa deitando-se na cama.

— Desculpe pelo tumulto — Nick disse.

À luz da vela, ele a viu enrolada nas cobertas.

— Não se preocupe. Vou esperar aqui até eles irem embora. Assim que o barulho acabar, eu irei para o outro quarto.

Mas o barulho continuou. O grupo de homens tinha decidido prosseguir a celebração ali mesmo no corredor dos quartos. Nicholas abriu a porta para espiar.

— Os senhores poderiam descer, por favor? Minha noiva não consegue dormir — ele falou num francês imperfeito.

O pedido foi recebido com muito riso e congratulações. Nick tentou novamente, mas tudo que dizia parecia entusiasmar ainda mais as pessoas. Ele entrou no quarto, fechou a porta e decidiu que a única opção seria esperar.

Uma hora se passou. Nick estava ficando com frio.

— Faith, você está acordada? Não houve resposta.

Ele tirou as botas e, em seguida, o paletó, apanhou o cobertor extra e se sentou na beirada da cama. Depois tirou a calça, a camisa e deitou-se cuidadosamente para não despertar Faith.

Mas ela estava acordada, embora imóvel.

Os lençóis eram frios e finos; as cobertas, pesadas. Não havia travesseiro. Nick tinha certeza de ter visto um. Ele começou a apalpar a cama e logo o encontrou. O travesseiro estava colocado no meio da cama, para servir de barreira entre os dois corpos.

Faith ficou ainda mais tensa, pois sabia o que Nick tinha encontrado. Só lhe restava esperar pela reação dele. Será que iria tirar o travesseiro e exigir seus direitos de marido? Provavelmente.

— Pode dormir, sra. Blacklock — Nick disse. — Sou um homem de palavra. A sua virtude está segura.

Faith ficou quieta e aos poucos foi relaxando. Nicholas recostou a cabeça e fechou os olhos. Dormir sem travesseiro não seria difícil.

Dormir ao lado de uma garota de pele macia como seda e que cheirava a rosas era outra questão.

Eles ficaram deitados lado a lado, separados por um travesseiro, ouvindo a tempestade e as vozes que ecoavam lá embaixo. A maioria dos homens dormia pouco em sua noite de núpcias, Nicholas refletiu ironicamente, mas não pela mesma razão que ele...

O sono finalmente os apanhou, porém Nick foi despertado durante a madrugada ao

sentir um corpo macio se aconchegando ao dele.

— Mudou de idéia? — Nicholas murmurou e se virou para acomodá-la em seus braços. Mas um relâmpago iluminou o rosto de Faith, e ele percebeu que sua esposa ainda dormia.

Mais trovões e relâmpagos se seguiram e ela se aninhou nos braços do marido. Nicholas então descobriu que Faith estava com medo, e não tentando seduzi-lo. A promessa dele ainda teria de ser mantida, ainda que seu corpo pedisse o contrário.

Mas uma promessa era uma promessa. Somente uma noite e Nick estaria livre. Menos de uma noite e Faith estaria longe, e a vida dele voltaria a ser como antes.

Faith despertou na manhã seguinte sentindo uma maravilhosa sensação de conforto e proteção. Permaneceu na mesma posição. Por um tempo, simplesmente para desfrutá-la. O mundo parecia calmo e quieto, e levou um tempo para que ela percebesse que a tempestade havia passado. Faith não tinha vontade de se mover, até que a consciência a trouxe de volta à realidade. Ela estava casada com um homem chamado Nicholas Blacklock. E hoje regressaria à Inglaterra, para suas irmãs e tio. O melhor a fazer era se apressar, pois estava pronta para voltar para casa e encarar as consequências de seus atos. Ainda de olhos fechados, Faith se espreguiçou.

Mas congelou ao esbarrar num corpo masculino, forte, quente, deitado ao seu lado.

Ela não tinha apenas se casado com um homem chamado Nicholas Blacklock, encontrava-se na cama com ele!

O peso do braço de Nick fazia pressão sob suas costas, prendendo-a contra o corpo dele. Para completar, algo pressionava sua coxa, e certamente não era o travesseiro...

— O que o senhor pensa que está fazendo?

Nick resmungou e se esticou um pouco.

— Para com isso! O senhor prometeu!

Ele abriu os olhos assustado.

— Acho que finalmente consegui dormir — Nick murmurou.

Faith tentou se esquivar do abraço, mas ele a segurou com mais força.

— O que o senhor está fazendo?

— Bom dia, sra. Blacklock.

— Bom dia — ela respondeu enquanto tentava se desvencilhar de Nick.

— Espero que você tenha dormido bem.

— Dormi, obrigada. Agora, o senhor poderia... — Faith o empurrou com as mãos contra o peito dele.

— A tempestade não a incomodou?

Faith negou com a cabeça, visivelmente perturbada pela intimidade que a posição provocava.

— Você não tem medo de tempestades?

— Não. Eu tinha quando era criança — ela respondeu, firme.

— Os trovões não a assustam, então?

— Não sou mais uma criança para me assustar com tais coisas.

— Certo, você não é mais uma criança, e sim uma mulher casada.

— Sim. Mas, por favor, agora eu gostaria de me levantar.

— Ainda não. Há uma pequena questão que diz respeito às suas obrigações de esposa.

— Obrigações de esposa? Mas o senhor prometeu...

— Toda esposa tem uma obrigação matinal a cumprir com o marido. Tenho certeza de que você sabe do que se trata.

Faith sabia muito bem do que se tratava. Tinha algo a ver com a parte do corpo dele que instintivamente exercia pressão contra a sua coxa. Os braços de Nick continuavam ao redor da sua cintura.

— O senhor não está querendo insinuar...

— Claro que estou. — O brilho nos olhos dele se intensificou.

Ela tentava se esquivar, mas, com gentileza, uma mão de Nick amparou-lhe a cabeça de volta, e os lábios dele se aproximaram dos da esposa.

Os lábios de Nick eram quentes e firmes, e seu gosto se espalhou por todo o corpo de Faith.

E, de repente, ela se viu livre.

— Bom dia, sra. Blacklock — ele disse se afastando.

Um beijo. Era a isso que Nick se referia como uma obrigação matinal de esposa. Somente um beijo. Faith sorriu aliviada. Porém, apesar do alívio, uma estranha sensação de desapontamento surgiu. A de ser dispensada.

Nick calçou as botas, levantou-se e vestiu a camisa.

— Vou me barbear e ficar com uma aparência mais apresentável. Depois pedirei que tragam água quente para você. Prefere tomar o café da manhã aqui?

O tom frio com que ele falou, como se nada de íntimo tivesse acabado de acontecer, ofendeu-a profundamente; e algo em seu íntimo a fez perder a calma.

— Por que o senhor tirou o travesseiro?

Nick parou.

— Eu não mexi em nenhum travesseiro. Você passou por baixo dele e veio me abraçar durante a noite.

Faith ficou boquiaberta.

— Eu fiz isso?

— Acho que o seu medo de trovão ainda não foi totalmente superado. Na noite passada, você se aproximou de mim dormindo e se encostou tremendo a cada trovão que ecoava. Tudo que eu fiz foi abraçá-la com a intenção de lhe oferecer conforto.

Faith olhou para a roupa de cama desarrumada e lá estava o travesseiro, quase caindo no chão.

Nick se aproximou da porta, então parou e voltou. Encarou-a por um momento, franziu a testa e disse:

— Não tire nenhuma conclusão sobre os acontecimentos da noite passada ou desta manhã. Sei que as mulheres gostam de fantasiar os fatos, mas saiba que este casamento não passa de um acordo e nada mais. Não há sentimentos envolvidos.

O tom dele endureceu:

— Você não é nenhuma menina inocente e sabe que a reação que eu tive esta manhã é normal para qualquer homem saudável, particularmente para um homem que tem vivido em celibato por algum tempo. Não imagine que sinto algo por você. Pois não sinto. E não imagine que você sente algo por mim, porque não é possível. Partiremos depois do café. Você me entendeu?

Faith engoliu em seco e concordou. A mudança em Nicholas Blacklock era espantosa. De marido provocador para militar frio.

— Vou providenciar seu café, sra. Blacklock. Depois a acompanharei até o porto. Já comprei uma passagem para o próximo navio que parte para a Inglaterra. — Ele fechou a porta assim que saiu.

Mortificada, Faith cobriu a cabeça com a coberta e não queria mais ter de sair dali.

Nick havia deixado bem claro que o casamento de ambos não passava de um acordo, mas ouvir da boca dele daquela maneira foi um choque.

Em poucos dias Faith estaria na Inglaterra, contando para a sua família que na verdade não tinha se casado com Felix. O que não seria fácil. Mas o mais difícil seria revelar que agora se casara com um estranho que havia conhecido na praia. Era difícil de explicar até mesmo para si mesma.

Para completar, ainda havia a mãe de Nicholas.

Como Nick esperava que ela pudesse voltar para a Inglaterra e assumir uma vida confortável à custa dele? Faith tremeu só de pensar.

Conforto? Conforto frio, sem um marido ou filhos para amar.

Nicholas tinha um lado oculto que a irritava. De repente, o homem dócil se transformava no militar frio e autoritário.

Porém, apesar de ter confessado que não sentia nada por ela, ele a protegera, não apenas do brutal ataque daqueles três homens que a perseguiam, mas também do escárnio público de pessoas como lady Brinckat. Nick era uma pessoa gentil e sensível, e suas mãos eram capazes de produzir uma bela música. E ele a tinha protegido dos trovões, na noite passada. Embora seu corpo estivesse desejoso e firme contra o dela, Nick se contivera em nome de sua palavra da honra.

Mas deixara claro que não era para Faith sentir nada por ele. Como isso seria possível?

No altar, ela havia prometido amá-lo e respeitá-lo. Será que Nick esperava que sua esposa mantivesse apenas uma parte da promessa?

O que seu marido planejava fazer na Espanha? Parecia ser algo sério e muito triste, pois dissera que iria visitar lugares onde milhares de homens que ele conhecera haviam morrido. Nick tinha sido um soldado. Talvez ainda fosse um, viajando com seu sargento e o cavaleiro. Quem sabe não estaria em uma missão secreta?

Faith se enrolou nas cobertas, sentindo o cheiro do corpo de seu marido nos lençóis. Ela não havia se casado com um sonho, e sim com Nicholas Blacklock, um homem honrado e corajoso. Se ele apresentava alguns aspectos que a assustavam, possuía outros que a tocavam.

Nicholas Blacklock poderia até não sentir nada por ela, mas era evidente que a desejava... Faith jamais esqueceria a estonteante sensação causada por aquele corpo másculo e rijo de encontro ao seu. Assim como o brilho desejoso nos olhos dele.

Foi apenas quando estavam chegando ao cais que Faith criou coragem de dirigir a palavra a Nicholas.

— Eu não vou para a Inglaterra — ela anunciou, solene.

— Que bobagem é essa?

— Vou com o senhor.

— Você não pode vir comigo. Suba no navio.

— Se o problema é dinheiro, eu tenho um dote. Posso enviar para a Inglaterra uma cópia da certidão de casamento, e meu tio me enviará o dinheiro para onde quer que eu esteja.

— Dinheiro não é o problema!

— Então o que é?

Nick olhou-a com frustração e também para as pessoas no cais.

— Faith, não vou ficar aqui discutindo isso. Lembre-se do que eu disse esta manhã sobre o propósito do nosso compromisso. Você não pode vir comigo, e isto é tudo.

— Não aceito ser enviada para a Inglaterra como uma bagagem desprezada.

— Mas esse foi o nosso acordo! De você ir morar com minha mãe.

— O senhor concordou! Eu não. — Faith cruzou os braços. — Não posso aceitar tudo de sua parte sem lhe dar nada em troca.

— Irá embarcar nesse navio agora, sra. Blacklock!

Faith ergueu o rosto e se encheu de coragem.

— Eu me recuso!

Nicholas olhou para ela e a levantou em seus braços. Ignorando a resistência de Faith, ele marchou na direção do navio.

— A cabine privada da sra. Blacklock? — perguntou para o oficial que estava

recepcionando os passageiros.

O homem apontou a direção, e Nicholas seguiu sem se importar com os olhares ou com o esforço de Faith para se soltar. Ao entrarem na cabine, ele a colocou no chão e disse:

— A passagem já está paga e a sua bagagem já foi despachada. — Antes que ela pudesse recuperar o fôlego, Nick jogou um saquinho de veludo em cima da cama. — Acho que isso será suficiente para as suas despesas até chegar à casa de minha mãe. Já enviei uma carta para o capitão, pedindo que ele providencie seu transporte assim que o navio chegar à Inglaterra.

— Mas eu não quero ir para a Inglaterra. Quero ficar com o senhor. Por que não posso?

— Você está fantasiando as coisas, Faith.

— Não estou! Quero construir um futuro a seu lado. Tenho certeza de que, se tentarmos...

— Nós dois não temos futuro! — O tom dele era frio. — Ponha isso na cabeça; nós não temos futuro. Isso é impossível!

— Como o senhor pode saber se não tentamos?

— Eu sei. — Nick moderou o tom antes de continuar: — Agora, vamos nos despedir como pessoas adultas.

— Mas...

— Você sabe qual foi o combinado.

Faith sabia que ele estava certo sobre esse aspecto.

Nicholas a beijou. Sem romantismo algum. Era apenas um beijo de despedida, mas mesmo assim, provocou-lhe arrepios por todo o corpo.

Era melhor assim, Nick disse para si mesmo pela vigésima vez, tentando banir de sua memória a imagem de um par de olhos azuis molhados de lágrimas e de lábios macios e trêmulos de emoção. Depois que terminou de beijá-la, ele usou seu lenço para enxugar as lágrimas de Faith, sabendo que estava apenas prolongando o momento.

Logo as lágrimas secariam. Logo ele não passaria de uma lembrança para ela, um estranho que Faith havia conhecido por acaso e que a ajudara mandando-a de volta para casa em segurança. Ela poderia construir seu futuro sem ele.

— Capitão, o senhor prefere acampar ou passar a noite aqui na cidade? — Mac perguntou assim que eles deixaram o porto. Nick decidiu não esperar a partida do navio.

— Eu prefiro acampar — Nick respondeu. — Parece que a noite vai ser agradável.

No dia seguinte, eles seguiriam para a Espanha. O caminho pela costa era mais longo, mas Nick sentia algo especial pelo mar, que possuía o poder de renovar seu espírito.

— O senhor fez a coisa certa, capitão. As mulheres amarram os homens. O melhor é se livrar delas.

Nick permaneceu calado.

— Não sei... Estou sentindo falta dela — Stevens declarou. — a sra. Faith tem algo de especial e doce.

— Sim, todas elas têm algo de doce, e o melhor é se manter longe do pacote completo — Mac respondeu com amargura.

— A sra. Faith é uma boa pessoa — Stevens insistiu. — O sr. Nick não poderia ter escolhido melhor.

— Sim, foi boa ao defender você, Stevens, mas isso não quer dizer que o capitão precisa ficar casado com ela.

— Basta com isso, os dois! — Nick gritou. — Meu casamento ficou para trás agora, e é lá que ele vai permanecer. O assunto está encerrado para sempre.

Os homens continuaram em silêncio, mas depois de cinco minutos Stevens não resistiu.

— Sr. Nick, o seu casamento ficou para trás e a sua esposa também, mas não tanto quanto o senhor pensou. Olhe!

Nick olhou, seguindo a direção apontada por Stevens. Para sua surpresa, viu Faith, não muito distante, montada num cavalo e vestindo um traje de montaria. Ela se aproximava deles.

— Fiquem aqui. Eu vou resolver isso — Nicholas disse para os dois e foi ao encontro da esposa.

— Para onde pensa que está indo?

Seu grito assustou o cavalo de Faith e ele se arrependeu no mesmo instante. Nick tentou alcançar as rédeas, mas o animal pulava, assustado. O coração dele parecia que ia sair pela boca. Nick assistia à cena impotente, imaginando que aquilo poderia matá-la.

Faith viu a fúria nos olhos dele enquanto lutava para controlar sua montaria. Mas ela, na verdade, não esperava nada diferente, já que nenhum homem gosta de ser contrariado.

Quando Faith conseguiu controlar o cavalo, ambos já estavam mais calmos. Nicholas desceu de sua montaria e a ajudou a desmontar. Em silêncio, amarrou as rédeas num arbusto e então segurou no braço da esposa.

Ele repetiu a mesma pergunta que fizera, mas dessa vez num tom mais calmo.

— Para onde pensa que está indo? Eu a deixei no navio! Você deveria viajar para a Inglaterra.

— Sim, mas eu lhe disse que não queria ir.

Nick resmungou algo como um xingamento e a chacoalhou, dizendo:

— Mas por que não?

Faith escolheu as palavras cuidadosamente. Havia ensaiado no caminho.

— Eu me casei com o senhor ontem. Sou sua esposa e é meu dever ficar ao seu lado.

— Pare de bobagem.

— Não é bobagem! O senhor é meu marido e...

— Apenas no papel.

Ela se esquivou das mãos dele.

— Não apenas. Já passei por um casamento falso uma vez, e não pretendo viver isso uma segunda vez. Ontem, naquela bela igreja, fiz meus votos diante de Deus e de várias testemunhas. Agora, pretendo honrar minha palavra.

— Nossa viagem não será fácil, mulher!

— Eu sei. O senhor planeja viajar pela Espanha e Portugal, dormindo em praias e em estábulos. Estou pronta para acompanhá-lo.

Nicholas cerrou os punhos, frustrado. O tom de voz de Faith era perturbador. Isso e as lágrimas que inundavam aqueles belos olhos azuis. Droga, droga, droga! Ele nunca tinha sido muito bom com as mulheres.

— Será uma vida difícil. Você não faz idéia de quanto.

— Sou mais forte do que pareço.

Nick lembrou-se de que Faith havia caminhado desde Montreuil até Calais. Lembrou-se também do estado em que estavam seus delicados pés ao final da jornada.

— Viajaremos por longas horas a cavalo, sem o conforto de uma carruagem.

Ela apontou para o próprio cavalo.

— Como pode ver, eu sei montar. Farei de tudo para não atrasá-los.

Aborrecido, Nicholas sabia que o problema não era aquele, e sim a viagem dura e sem conforto que Faith enfrentaria sem necessidade.

— Teremos de encarar as intempéries: calor, chuva, e pode nevar nas montanhas. Viveremos como soldados, dormindo ao ar livre.

— Eu entendo. Posso ser a esposa de um soldado.

— Será arriscado e perigoso.

— Sei disso.

Nick balançou a cabeça. Faith era teimosa.

— A sua experiência não foi nada comparada ao que nos espera! Se você tiver um pouco de juízo nessa cabecinha, voltará para aquele navio e viajará segura para a Inglaterra.

— Não, obrigada — ela respondeu, como se ele tivesse lhe oferecido um pedaço de bolo.

Ele ergueu as mãos, aborrecido.

— Que droga, Faith! Seus dias serão muito mais tranquilos e seguros ao lado de minha mãe.

Ela balançou a cabeça.

— Não me casei com sua mãe. Casei-me com o senhor. Por favor, deixe-me ir com vocês.

Nick a encarou, frustrado, ao perceber que nada nem ninguém a fariam mudar de idéia. Mulher maldita que surgira do nada com suas malditas fantasias! Ele nunca a deveria ter beijado!

— Deixe-me tentar, pelo menos. Se eu não agüentar, então pode me mandar de volta.

— Não faz sentido você viajar comigo. Nós não temos futuro juntos.

Faith não disse nada, mas Nick podia perceber que ela não acreditava nas palavras dele.

— Não sinto nada por você!

— Não gostaria que o senhor se sentisse obrigado a ter algum sentimento por mim. Não estou pedindo seu amor. Estou dizendo que vou viajar com o senhor, só isso.

Nicholas virou os olhos diante de tanta teimosia. Por que uma mulher iria querer se expor a uma viagem desconfortável e perigosa?

Em desespero, ele deu sua última cartada:

— Se insiste em viajar comigo, minha promessa de um casamento de fachada será anulada. Você terá de dividir a cama comigo, como toda esposa faz.

Faith arregalou os olhos e engoliu em seco. Nick saboreou o gosto da vitória.

— Muito bem. Será um casamento de verdade, então. Como o de Ruth da Bíblia. — Ela estendeu a mão para confirmar a barganha.

Nicholas ficou chocado, pois não esperava que Faith fosse concordar.

— Tenho mais uma condição. Você não deve se apegar a mim. Se se apaixonar ou de alguma maneira se iludir que o que existe entre nós é amor, então é melhor que parta agora. Se eu perceber que isso está acontecendo, pedirei que vá embora, e quero que você me prometa que irá sem discutir.

Faith estava atordoada.

— Por que o senhor foge do amor? Eu já disse que não espero o seu amor, e não estou prometendo que irei amá-lo, mas se acontecer, por que fugir?

— Isso é problema meu. Esse casamento não passa de um acordo, e se você não pode aceitar as minhas condições, então é melhor partir agora mesmo.

Ela parecia infeliz, e por um momento Nick pensou que ganhara a parada.

— Minha irmã gêmea, Hope, tem como filosofia de vida viver o momento, aproveitando tudo que ele lhe oferece de bom. — Faith olhou no fundo dos olhos dele e continuou: — O senhor não quer pensar sobre o futuro, e eu quero esquecer o passado. Acho que só nos resta adotar a filosofia de vida de minha irmã e aproveitarmos o presente

sem pensarmos no futuro.

Nick pensou a respeito por um momento. Isso ele poderia fazer.

— Não tolerarei nenhum tipo de fraqueza feminina. Você viajará conosco até o porto de Bilbao e de lá voltará para a Inglaterra, pois daquele ponto em diante, a viagem será muito arriscada. Estamos entendidos, sra. Blacklock?

— Sim, sr. Blacklock. — Para o espanto de Nick, Faith ficou na ponta dos pés e deu-lhe um beijo. Na boca. Seus lábios apenas roçaram os dele, mas foi o suficiente para que Nick se sentisse desconcertado pelo toque agradável.

— Se você vai ficar a meu lado, é melhor que entenda desde já que as coisas entre nós serão diferentes. Nossos beijos não serão rápidos e nem delicados. — Nick a envolveu em seus braços e sua boca encontrou a de Faith.

A intenção dele era assustá-la com uma amostra do apetite masculino, mas no momento que os lábios de ambos se encontram, Nick se esqueceu de seus propósitos. Faith tinha um gosto doce e quente, exatamente como ele se lembrava. Nick ansiava por sentir aquele sabor novamente, e agora ela lhe oferecia um banquete...

Faith reagiu à paixão dele com uma generosidade tímida que o deixou tonto, como se ela saudasse a invasão masculina. Em seguida, Faith o abraçou com força, pressionando seu corpo contra o dele, acariciando-lhe a face com dedos macios e retribuindo o beijo até Nick ficar louco de desejo.

Ele a soltou e se afastou assustado com seus próprios sentimentos.

Ela piscou para Nick e sorriu.

— Acho que isso será satisfatório, sr. Blacklock. — Então olhou-o de uma maneira que o fez sentir vontade de abraçá-la novamente e beijá-la sem parar. Mas eles se encontravam na estrada, e seus homens estavam olhando.

— Vamos passar a noite na hospedaria de Le Touquet — informou Nicholas. — Um quarto, uma cama. Sem travesseiros entre nós. Você tem até a noite para mudar de idéia.

— Não mudarei de idéia. Ele a ajudou a montar.

— Onde você conseguiu este cavalo?

— Pedi ao capitão do navio para me ajudar a encontrar um. Consegui o dinheiro da passagem de volta também. O senhor quer que eu lhe devolva? Tive de gastar um pouco com o traje de montaria e a compra do cavalo.

— Não é preciso — Nick respondeu meio aborrecido. Faith observou a figura do marido se afastando, e as palavras dele vieram-lhe à mente. Você tem até a noite para mudar de idéia. Mas no fundo ela sabia que não iria mudar de idéia. Estava determinada a ir até o fim e não voltar atrás.

Naquela noite, Faith se tornaria a sra. Blacklock de verdade...

A noite chegara e, no pequeno quarto da estalagem, Faith aguardava por seu marido, vestindo a camisola que Marthe tinha lhe dado após o casamento. Era uma belíssima peça confeccionada numa cambraia muito fina e delicada, quase transparente. A parte de cima era de renda e cortada logo abaixo do busto.

Faith havia se banhado numa grande tina de quarto e agora cheirava a sabonete de rosas.

Onde estaria seu marido? Ela já o aguardava havia mais de uma hora.

Nick falara pouco durante o jantar. O rosto dele estava pálido e austero e era impossível saber o que se passava em sua mente.

Faith não tinha certeza se era raiva ou algo que o preocupava. Uma ruguinha no canto da boca indicava que podia ser preocupação, mas se tratava apenas de um indício.

Ela teve um sobressalto quando Nicholas, finalmente, chegou, entrou quieto, sentou numa cadeira e pediu-lhe que o ajudasse a descalçar as botas.

Solícita, ela atendeu ao pedido do marido no mesmo instante e o olhava com timidez,

tentando descobrir se ele percebera a camisola especial. Mas a expressão de Nick era apática; seu rosto estava pálido, e a pele ao redor dos olhos, escurecida por olheiras profundas.

— O senhor está bem?

Nick começou a balançar a cabeça, mas então parou como se o movimento o incomodasse.

— Desculpe, mas acho que a noite de núpcias foi cancelada outra vez. Estou com dor de cabeça.

— O que posso fazer? Vou ver se a esposa do proprietário tem um pouco de láudano ou...

— Não! — Ele estremeceu de dor ao ouvir a própria voz. — Nada de láudano. Isso não presta. Amanhã já estarei melhor.

Tentou tirar o casaco, e Faith se apressou para ajudá-lo. Em seguida, ela desabotoou a camisa e, quando ia descendo para a calça, Nick a deteve.

— Eu mesmo faço isso. Vá para a cama, o chão está frio. Mas em vez de se deitar, Faith pôs um vestido por cima da camisola e se dirigiu à porta para ir pedir a ajuda de Stevens.

— O sr. Blacklock está com dor de cabeça, Stevens. Você poderia ver se a mulher do proprietário tem algum chá ou algo para a dor?

— Mas, senhora...

— Por favor, Stevens, agora! — Ela correu de volta para o quarto sem esperar pela resposta.

Nicholas encontrava-se deitado e coberto até o pescoço. Seus olhos estavam fechados, mas Faith sabia que ele não dormia. Nick respirava com dificuldade e a ruga no canto da boca tinha aumentado. Ela ajeitou as cobertas, amaciou o travesseiro e acariciou-lhe os cabelos negros e desarrumados.

Quando Stevens chegou trazendo o chá, Faith murmurou um agradecimento. Em seguida, encheu uma xícara, amparou a cabeça do marido e despejou o líquido em sua boca.

Ela colocou a xícara vazia no criado-mudo e se deitou ao lado de Nick. O simples movimento o incomodou e ele gemeu de dor.

— Desculpe. — Faith o acariciou. Os olhos de Nick se abriram e, através da fraca iluminação da vela, era possível ver a dor estampada em seu semblante.

Instintivamente, Faith posou os braços ao redor dele. Nick teve um sobressalto, mas então relaxou e enterrou o rosto entre os seios dela e a abraçou com tanta força que por um momento Faith pensou que não conseguiria respirar.

Ela olhou para a cabeleira negra aninhada entre seus seios e sentiu vontade de chorar, apesar de não saber bem o motivo. Nick se agarrava ao corpo da esposa como um náufrago a uma tábua de salvação.

Aos poucos Nick foi relaxando, sua respiração adquirindo um ritmo mais suave, e seus braços já não a seguravam com tanta força. A dor passou e ele mergulhou em um sono profundo.

Na manhã seguinte, Faith despertou com uma agradável sensação de bem-estar e logo percebeu que a causa eram mãos grandes e suaves que acariciavam sua pele, causando-lhe uma excitação nunca antes experimentada. Quente, sonolenta e feliz, ela se espreguiçou e se moveu com sensualidade. As mãos de Nick continuavam se movendo e passeando livremente pelo corpo da esposa, provocando arrepios que não tinham nada a ver com frio, e sim com desejo.

Os lábios do marido foram de encontro aos de Faith, macios, carinhosos, possessivos.

— Bom dia, sra. Blacklock — ele disse num murmúrio rouco.

Os olhos dela se abriam. Não era um sonho; era Nicholas Blacklock aparentemente recuperado de sua dor de cabeça.

Faith ia perguntar se a dor tinha passado, mas sua boca foi preenchida com o sabor dele. E esse sabor era másculo, selvagem e excitante. A língua de Nick saboreava a da esposa.

As mãos de Faith responderam acariciando-lhe as linhas duras do queixo, descobrindo a aspereza da pele por barbear.

Enquanto isso, mãos masculinas passeavam por suas pernas e seus quadris, formando uma trilha de prazer. Nick estava nu, ela percebeu, estupefata. Quando havia tirado as roupas? Faith não notara nenhum movimento durante a noite.

Uma mão grande e quente mergulhou por baixo da camisola até alcançar-lhe os seios. E ao sentir o hálito quente sobre o tecido fino, ela fechou os olhos e todo seu corpo se contorceu de prazer. Os dedos de Faith mergulharam nos cabelos densos e macios de Nick e o puxaram para mais perto, enquanto ondas de deleite a invadiam, fazendo-a estremecer.

Ele tirou-lhe a camisola e a jogou para o lado. Um olhar quente a devorava, e antes que ela tivesse tempo de dizer qualquer coisa, a língua de Nick penetrava em sua boca, e mãos ávidas continuavam desvendando os segredos de seu corpo. Faith sentiu que a mão afastou-lhe as pernas e a boca de seu marido desceu até seu ventre, saboreando, provando sua pele macia, enquanto dedos carinhosos exploravam suas partes mais íntimas. Ela estava tensa, vibrando de necessidade, quando uma voz distante sussurrou algo:

— Seu gosto é ainda melhor que o seu perfume.

Nick alcançou a boca de Faith e, ao mesmo tempo em que a beijava intensamente, seu corpo ia se colocando sobre o dela para, em seguida, penetrá-la com um movimento rápido.

Quando Faith despertou pela segunda vez, encontrava-se sozinha na cama e Nicholas já se vestia. Ela buscou a camisola, envergonhada por estar nua na frente dele, apesar dos últimos acontecimentos.

— Bom dia, sr. Blacklock.

Nicholas teve um sobressalto, pois pensava que Faith ainda dormia.

— Bom dia. Você está bem?

Ela se espreguiçou e emitiu um som que se parecia com um gemido.

— Qual é o problema? Está sentindo alguma dor?

— Não! — Faith se espreguiçava de novo. — Acho que foi o exercício inesperado de ontem.

Nick ficou pálido e sentiu-se ainda mais culpado. Mas ela o tranquilizou:

— Não se preocupe, não é nada sério. São apenas alguns músculos protestando. Acho que estou fora de forma. Mas nada como praticar; logo recuperarei a velha forma.

Um tanto desconcertado com o que acabara de ouvir, ele respondeu:

— Eu avisei. Que isso lhe sirva de lição, madame! — Nick parecia ofendido. — Se quiser, ainda é tempo de desistir e voltar para a Inglaterra!

— Eu não pretendo partir. Tenho certeza de que vou me acostumar. É só uma questão de prática.

— Suponho que aquele maldito búlgaro era mais delicado. Faith o encarou, espantada.

— Mas o quê, afinal... — Então se deu conta do que ele estava pensando e riu muito do mal-entendido.

— O que é tão engraçado, minha cara senhora?

— Eu estava falando sobre o desconforto de ter cavalgado muito ontem, enquanto o senhor estava entendendo outra coisa.

Nick a fitou e uma coloração vermelha tomou conta de sua face. Virou o rosto com a desculpa de pegar o casaco.

— Vejo-a lá embaixo. — Ele se virou para sair, mas Faith o alcançou e o deteve.

— Espere!

— O que foi?

— Meu dever matinal. — Ela ficou na ponta dos pés e o beijou com doçura.

Nicholas ficou paralisado, a princípio passivo, meio indiferente. Faith abriu a boca e, timidamente, colocou sua língua dentro da boca do marido, ansiosa por prová-lo e com a intenção de retribuir um pouco do prazer que ele lhe proporcionara. Nick permaneceu parado, resistindo, e Faith continuou beijando-o. Beijando-o com todo o desejo que brotava de dentro dela, como se uma nova pessoa estivesse emergindo, uma Faith sensual e corajosa.

Mas ele continuou imóvel, permitindo que ela o beijasse, sem reagir. Faith estava prestes a desistir quando, com um gemido, Nick a puxou para mais perto e retribuiu o beijo.

As pernas dela fraquejaram, e o marido a abraçou firme e a ergueu para que suas bocas pudessem se ajustar melhor. Faith deslizou os dedos pelos cabelos dele e pararam no rosto ainda fresco pela água fria que o lavara.

Depois que o beijo terminou, Nick a soltou lentamente, até que seus pés tocassem o chão.

— Bom dia, sr. Blacklock.

Ele murmurou algo e deixou o quarto. Faith sorriu. Aquilo já era um começo, um glorioso começo.

— Stevens, você conheceu muitas esposas de soldados no exército? — Faith perguntou enquanto eles viajavam lado a lado por uma estrada estreita ao longo da costa. Nicholas galopava à frente, e ela aproveitou a oportunidade para ficar um pouco atrás com Stevens.

— Sim, senhora. Não eram exatamente esposas. Os soldados não se preocupam muito com as convenções sociais e algumas mulheres simplesmente trocam de companheiro quando o seu morre.

Faith ficou chocada.

— Mas assim?

— Sei que parece estranho, mas a senhora tem de entender que em tempos de guerra tudo é diferente. Homens e mulheres buscam por conforto imediato, e não há tempo para longos períodos de luto. Uma mulher precisa de um homem que a proteja, e os homens, bem, eles precisam das mulheres também. Uma boa companheira pode fazer muita diferença na vida de um soldado.

— Em que sentido?

— Bem, algumas mulheres possuem a destreza de transformar qualquer lugar num lar. Esperando com uma comida quente e uma cama aconchegante, mesmo que seja no chão. São detalhes que confortam um homem que pode morrer no dia seguinte.

— Entendo. — Faith realmente entendia. Se Nicholas tinha sido um soldado por tanto tempo, isso podia explicar por que ele se recusava a falar no futuro, a se comprometer com ela.

Faith sorriu ao ter uma idéia fantástica. Stevens acabara de lhe dar informações valiosas sobre o tipo de vida que seu marido levava no exército. Até a chegada deles a Bilbao, ela só teria de provar a Nick que era a melhor esposa que um soldado poderia querer.

O dia foi longo e eles só fizeram algumas poucas paradas para comer. A paisagem, contudo, compensava todo o esforço e cansaço. A estrada percorrida acompanhava o mar, e Faith queria guardar cada detalhe para compartilhar com suas irmãs.

Já havia enviado várias cartas para casa, para cada uma de suas irmãs e para tia Gusse e tio Oswald. Nas primeiras cartas, ela simplesmente assegurara a todos que estava bem e casada com um homem chamado Nicholas Blacklock, deixando de lado os detalhes sobre a união desastrosa com Felix, exceto para Hope. As gêmeas nunca escondiam nada uma da outra.

No final da tarde, ao cruzarem uma área de vastas pastagens salpicada de arbustos e algumas árvores, Faith avistou uma lebre, que significava a oportunidade de mostrar ao marido que era uma perfeita esposa de soldado.

Cuidadosamente, ela pegou sua pistola, armou-a e atirou. A lebre caiu e, por um momento, o triunfo tomou conta de Faith. Mas, para seu horror, o animal se levantou devagar. Ela ficou petrificada. A bala atingira a pata dianteira da lebre, que sangrava muito. Faith tinha errado o tiro! E pior, a pobre criatura estava agonizando.

— O que você pensa que está fazendo? — Nicholas se aproximou dela.

— Eu atirei na lebre, só que...

— Só que errou o tiro. — O tom dele era de acusação.

— Eu sei. — Faith sentia-se culpada e arrependida.

Mac tinha descido do cavalo e procurava pelo animal acompanhado de Beowulf.

— Pode deixar que eu resolvo, capitão — Mac anunciou.

— Venha, Faith, Mac encontrará a lebre.

Sentindo-se culpada e preocupada, ela seguiu o marido, calada.

— O que estava pensando quando fez uma tolice como aquela? Comprei a pistola para a sua proteção, e não para você atirar em lebres indefesas! Ninguém a convidou para tomar parte desta viagem e, se está entediada, não é minha culpa! Se você acha que vai continuar espantando o tédio matando animais indefesos, desista. Não vou tolerar isso, entendeu?

— Mas eu fiz aquilo pensando no nosso jantar — Faith respondeu, enxugando as lágrimas que escorriam por sua face.

— Mas por que imaginou que precisava caçar para o jantar? Tenho dinheiro suficiente para comprar a nossa comida.

— Eu estava tentando mostrar que posso ser uma boa esposa de soldado.

— Que bobagem é essa, agora?

— Perguntei a Stevens como agem as esposas dos soldados, e, baseada no que ele me contou, eu pensei que você ficaria orgulhoso de mim.

— Nós não estamos em guerra e eu não sou mais um soldado, Faith.

Nick apressou o cavalo e seguiu na frente, deixando Faith para trás sentindo-se pequena, estúpida e cruel.

— Não se aborreça. — Stevens se aproximou. — A senhora simplesmente tocou no ponto fraco do sr. Nick. Os soldados têm um código de honra que não permitir que ninguém agonize até morrer.

Naquela noite, enquanto eles estavam se preparando para dormir, Faith contou a Nicholas como ela ainda se sentia mal pela lebre, e ele ficou surpreso.

— Mas aconteceu há horas. Você ainda está triste por isso?

— E claro que sim.

Nick tirou o casaco.

— Viva o momento, lembra? Você cometeu um pequeno engano, não foi nada sério,

então siga em frente. — Ele sentou-se e descalçou as botas.

No fundo, Faith estava ofendida pela maneira como Nick ignorava seus sentimentos. Ele começou a desabotoar a calça, e ela se virou de costas, envergonhada, pois ainda não se sentia totalmente à vontade para vê-lo se despir.

Discretamente, Faith tirou o vestido e, em seguida, pôs a camisola. Tudo num piscar de olhos para não chamar a atenção de Nick. Ela sabia que era bobagem, uma vez que ele já tinha visto todas as partes mais íntimas de seu corpo, mas por ser seu casamento ainda uma novidade, a timidez era inevitável em momentos como esses.

Seu passo seguinte foi entrar embaixo das cobertas e aguardar pelo marido. No entanto, em vez de se deitar ao lado dela, Nick ergueu as cobertas, expondo-a completamente. Boquiaberta, Faith não sabia o que pensar diante da atitude inusitada dele.

— Vire de barriga para cima — Nick ordenou.

Ela se virou e tentou se conter quando ele puxou o laço da camisola e a ergueu até a altura da cintura.

Faith apenas esperava, ansiosa, de olhos fechados, sentindo-se exposta, sem saber o que a aguardava. Por um certo tempo, Nick não fez nada, mas ela ouviu uns barulhinhos estranhos, como se pés descalços caminhassem pelo chão; só que ele não estava no chão.

Nick se aproximou. Faith cruzou os braços, tentando esconder o que podia de seu corpo. Então algo frio e viscoso tocou as pernas dela. Horrorizada, ofegou, tentando se esquivar.

— Não se mexa. Está um pouco frio, eu sei, mas logo vai esquentar. — Ele começou a lhe esfregar as pernas com movimentos circulares.

Faith gemeu. Seus músculos ainda estavam doloridos devido às longas horas passadas sobre o lombo de um cavalo.

— Isto irá ajudá-la a relaxar — Nick disse enquanto suas mãos continuavam a agradável massagem.

— Aí mesmo! Está um pouco dolorido nesse ponto.

— Eu sei. É por isso que estou esfregando esta pomada em você. Vai fazer com que se sinta melhor.

Faith duvidou. O cheiro forte do ungüento tomava conta do ambiente. Cânfora e menta, cravo e algo mais. Ele tinha usado a mesma pomada no tornozelo dela, mas havia sido ao ar livre.

A massagem continuava, vigorosa, e por onde as mãos de Nick passavam, a pele de Faith ia esquentando e, apesar de doer um pouco a princípio, o alívio vinha logo em seguida, causando uma agradável sensação de bem-estar e relaxamento.

— Agora vou massagear suas costas. Vire-se.

Com uma certa dificuldade, ela se virou, e Nick levantou a camisola. Uma porção da pomada atingiu a região do meio das costas e Faith ofegou e esperou que as grandes mãos dessem de novo início à mágica. Ele esparramava o ungüento gentilmente pela pele da esposa, então esfregou, espalhou e deu pequenas batidinhas por um longo tempo. Seus dedos longos e fortes pareciam descobrir e desfazer todos os nós que havia.

Quando a massagem terminou, Faith estava largada e completamente relaxada.

— Sente-se — Nick disse, e, quando ela o fez, cobriu-a com a própria camisa.

— A sua camisa?

— Será mais fácil de remover a pomada dela do que da sua delicada camisola.

Faith se aconchegou dentro da camisa. Era simplesmente adorável vestir a roupa de seu marido. Nick puxou as cobertas, e os dois se deitaram.

— Você não quer uma massagem também?

— Não, obrigado.

— Mas deve estar dolorido.

— Não — ele resmungou. — Boa noite, sra. Blacklock.

Faith sentiu uma pontada de desapontamento porque, pelo visto, não iriam fazer amor. E ela, provavelmente, não estava nada atraente com o cheiro de cânfora da pomada.

— Boa noite, sr. Blacklock. Obrigada pela massagem. Foi ótima. — Faith se acomodou, aquecida e relaxada, mas, ao se virar, sua mão tocou em algo duro e firme.

Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. Era óbvio que o cheiro de cânfora não o incomodava...

— Sr. Blacklock.

— Hum?

— O senhor não me disse a verdade.

— Durma. Você está cansada.

— Mas o senhor está precisando de uma massagem. Ou alguma coisa mais. — A mão de Faith tocava o "algo" duro que ela havia encontrado.

Nick gemeu.

— Tem certeza de que não está cansada?

— Oh, não, eu me sinto muito bem.

Eles deixaram a hospedaria por volta do meio-dia.

— Não poderemos sair sempre tão tarde assim, Faith. É imprescindível que avancemos o máximo possível todos os dias — Nick informou.

— Tudo bem. Amanhã pode me acordar mais cedo. — Ela deu um sorriso maroto e virou o rosto, sabendo muito bem de quem era a culpa por eles terem ido dormir tão tarde novamente.

No meio da tarde, o dia estava quente e o rosto de Faith brilhava com o calor ou pelo esforço, Nick não tinha certeza do verdadeiro motivo. Olhando para o mar não muito distante, ele anunciou que parariam na praia para um pequeno descanso. Mac e Stevens o olharam com estranhamento, mas Nick os ignorou.

A praia estava deserta e a areia branquinha era convidativa. Encontraram uma sombra, onde se acomodaram e comeram pão com queijo. Deitada sobre um cobertor, Faith aproveitou a agradável brisa marinha, fechou os olhos e tirou um breve cochilo, que fez com Nick se sentisse culpado. Ele a tinha levado à exaustão.

O mar, logo à frente, era convidativo, e em breve eles teriam de se afastar da costa e seguir viagem por estradas que os levariam ao interior do país. Aquela seria, portanto, a última oportunidade que teriam para um banho de mar.

— Vou nadar — Nick anunciou de repente.

Mac e Beowulf se juntaram a ele. Stevens preferiu fazer companhia à senhora e aproveitar para tirar uma soneca também.

Faith despertou com o barulho escandaloso das gaivotas. Fazia calor e ela estava sonolenta e meio desorientada. Stevens dormia sobre outro cobertor a alguns passos.

Onde estava Nicholas? Faith olhou ao redor e viu Beowulf parado à beira da praia, olhando atentamente para o lugar onde Nick nadava.

Faith observava o mar com uma ponta de inveja. Seria ótimo nadar um pouco, isto é, se ela soubesse. O dia estava muito quente e a água era um convite ao prazer. Faith resolveu então tirar o traje de montaria, e, usando apenas suas roupas de baixo, se aproximou da beira do mar e pôs os pés na água. A idéia de poder mergulhar todo o corpo parecia um sonho.

Sem pensar muito, Faith avançou para dentro do mar, até que a água ficasse na altura dos joelhos. A sensação era revigorante. Ela avançou um pouco mais; a água já lhe

chegava à cintura. As ondas eram pequenas, mas um tanto fortes. Faith pulava e molhava o rosto e os braços. Era maravilhoso. Tinha vontade de mergulhar o corpo inteiro, porém estava com medo.

Distante, Nick continuava nadando sem perceber a presença da esposa, que, admirada, não conseguia tirar os olhos do marido: um verdadeiro deus grego. De repente, ela o perdeu de vista e, quando menos esperava, foi surpreendida por Nicholas em pessoa, que surgiu de dentro da água, apanhando-a de surpresa.

— Está com calor, sra. Blacklock?

— Nicholas! Você me assustou!

Nick ria muito e mais uma vez a surpreendeu ao mergulhar e puxá-la por inteiro para dentro da água. Engasgada, Faith emergiu se debatendo.

— Seu bruto! O que significou isso? Eu podia ter me afogado.

Ele ria como um moleque travesso.

— Mas aqui é bem raso, Faith.

Sem palavras para dar uma resposta à altura, ela jogou água nele. O troco foi com a mesma moeda e a brincadeira teve início com água espirrando para todas as direções, até ambos ficarem ofegantes de tanto rir. Aquilo era maravilhoso e muito divertido, mas, de repente, Nicholas parou com a brincadeira, mergulhando sob as ondas, fora do alcance da visão de Faith.

Ao observar a habilidade do marido, ficou frustrada e ansiosa.

— Não é justo — disse quando ele emergiu. — Você sabe que não sei nadar.

Em resposta, Nicholas mergulhou de novo, desapareceu entre as ondas e permaneceu ausente por um longo tempo. E quando Faith já estava ficando ansiosa, uma sombra negra foi na sua direção; tudo aconteceu tão rapidamente que, ao se dar conta, ela estava boiando nos braços do marido.

— Se você quiser, posso ensiná-la a nadar.

— De verdade?

— É claro — Nick respondeu, deixando que Faith deslizasse pelo seu corpo, de volta ao mar. — A primeira coisa que você precisa aprender é boiar.

Desapontada, ela torceu o nariz.

— Só boiar?

— Boiar é mais difícil do que imagina. Porém é muito importante. Depois que você aprender a boiar, eu a ensinarei a nadar. Assim, quando estiver cansada de nadar, pode boiar para recuperar o fôlego. — Nick passou um braço ao redor da cintura de Faith. — Mantereí meu braço aqui nas suas costas. Agora, recoste-se com a cabeça para trás e deixe seus pés flutuarem na superfície da água.

Faith se recostou, mas seus pés se recusavam a subir.

Nick escorregou a outra mão sob os quadris dela.

— Não se preocupe, que eu a estou segurando; você não vai afundar.

Faith fechou os olhos e obedeceu, apesar do medo. Ele a encorajava com seu apoio firme e com palavras. Mesmo assim, ela estava dura como uma tábua, certa de que a qualquer momento poderia afundar.

— Isso... mantenha a cabeça para trás e respire. Muito bem, assim mesmo.

Faith abriu os olhos, respirou fundo e afundou. Em seguida, emergiu engasgada.

— Você disse que...

Nick ria.

— Como você ousa me deixar afundar e ainda rir da minha desgraça?

— Você quase flutuou sozinha, sabia? Agora, só precisa aprender a boiar e respirar ao mesmo tempo.

Ignorando a provocação dele, Faith tentou novamente; por segurança, Nick manteve as mãos embaixo dela. Faith recostou de volta, sentindo a água fria batendo em suas

orelhas.

— Agora respire — ele disse. — Isso vai ajudá-la a boiar.

Ela flutuava e respirava, sentindo as mãos grandes de Nick a sustentando. Aquilo era incrível, como se a gravidade não tivesse mais efeito algum.

A tentação era muita e ele sussurrou:

— Deus, dê-me forças.

— Estou muito pesada? — Os pés de Faith se mexeram e todo seu corpo afundou.

— É claro que não. Seu peso na água é nulo.

— Então por que você pediu forças para Deus?

— Não pedi por força física. — Com uma expressão de pesar, Nick olhou para o corpo de Faith. — Tenho certeza de que você pensou que estava bem coberta quando entrou na água, mas agora que está molhada... Acho que não faz idéia do efeito da água sobre o algodão da sua blusa branca.

Ela seguiu o olhar dele e engasgou. O efeito da água sobre o algodão branco era o de torná-lo totalmente transparente, como se Faith estivesse nua. Ela cobriu os seios com as duas mãos e mergulhou o corpo na água.

Nick sorriu.

— Deixe de bobagem. Eu já a vi nua.

Desconcertada, Faith corou.

— Sim, mas não ao ar livre. Oh, céus! O sr. McTavish! Será que ele viu alguma coisa?

Nicholas meneou a cabeça.

— Não, com certeza ele não viu nada. Está nadando muito distante daqui.

Ela relaxou então, mas Nicholas concluiu que já era hora de retomarem a viagem e se livrar daquela tentação de uma vez por todas.

— Vamos voltar para a praia?

— Mas você não vai me ensinar a nadar?

Nick conteve um gemido. Um homem não deveria ser obrigado a lidar com uma ninfa quase nua e não poder seguir seus instintos. Sobretudo agora que ele conhecia a maravilha que era tocar naquela pele macia e perfumada.

Havia sido um erro consumir o casamento.

— Só mais um pouquinho. Por favor, Nicholas.

Ele respirou fundo e decidiu encarar o desafio. Afinal, já tinha ensinado muitos soldados a nadar. Ensinar sua esposa não poderia ser tão diferente assim.

— Muito bem, bóie um pouco para eu ver.

Como uma menina obediente, Faith se deitou de costas na água, sobre as mãos de Nick, que resistia como podia.

Ela boiou, rosada e molhada, enquanto a transparência de suas roupas aumentava ainda mais seu poder de sedução; como um tesouro embrulhado em papel de seda, revelador e convidativo.

— Respire — Nick ordenou, tentando se lembrar de que ele também precisava respirar.

Faith respirou, e seus seios arfavam, seus mamilos enrijecidos como duas cerejas.

O desejo tomava conta dele, intumescendo uma parte de seu corpo que ansiava por mais, muito mais. Nick tirou a mão que aparava a parte baixa das costas de Faith. Ela continuou boiando.

— Quanto tempo você acha que levarei para aprender a boiar sozinha?

— Abra os olhos, Faith.

Lentamente, ela o fez e percebeu que estava boiando.

— Eu consegui! Apreendi a boiar, Nicholas!

Ele sentiu um aperto no peito. Sua esposa era linda, tão cheia de vida e alegria.

Chegava a ser doloroso observá-la.

— Agora, me ensine a nadar.

O melhor seria propor o fim da aula e continuar em outra oportunidade. Era preciso sair dali, se vestir e seguir viagem. O tempo estava passando. Nick olhou para a praia e não viu nenhum sinal de seus homens. Com certeza eles estavam cuidando dos cavalos, permitindo que Nick tivesse um pouco de privacidade com sua esposa.

— Muito bem. O processo é semelhante, com a diferença de que você deve virar de frente para a água. Colocarei as mãos na altura do seu estômago, assim mesmo... Agora me diga, você já viu um sapo nadando?

Muito concentrada, Faith seguia todas as instruções.

As mãos de Nick a sustentavam, enquanto ela nadava em círculos ao redor dele, movendo pernas e braços como um sapo. Durante todo o tempo, Nick ria e a encorajava.

Ele não tinha certeza se estava no céu ou no purgatório. Tudo que ele sabia era que jamais experimentara aquelas sensações ao ensinar seus soldados a nadar.

— Agora tente sozinha.

Faith se atirou na água e nadou na direção do marido. Quanto mais se aproximava, mais ele se afastava até que, quando ela já havia nadado uns cinquenta metros sozinha, Nick finalmente foi ao seu encontro.

— Consegui! Consegui nadar, Nicholas! Consegui nadar e boiar! Obrigada, obrigada!

— E, sem aviso, Faith o abraçou e o beijou.

Capítulo V

A tentação era muita para um simples mortal resistir. Nick entrelaçou os braços em torno de Faith e beijou-a ardentemente na boca.

Os lábios da esposa, frios e salgados, cederam aos dele, o sabor da boca sendo uma mistura adocicada e quente. O contraste revelou-se fascinante, e Nick queria mais, muito mais. Faith retribuía o beijo com volúpia.

Seus mamilos, cor de cereja, comprimiam-se contra o peito nu do marido, que a acariciava, primeiro usando as mãos, depois com boca, sentindo o gosto de sal por cima do tecido. Ela se curvou, suas mãos percorrendo os ombros, as costas, entrelaçando-se nos cabelos, e beijava cada centímetro do corpo de Nick que estava ao seu alcance.

— Coloque suas pernas em volta da minha cintura.

No ápice da excitação, Faith obedeceu.

— É fácil se mover na água, não é? — ela disse, no intervalo entre dois beijos. — Eu me sinto muito leve. Você acha que os peixes experimentam a mesma sensação?

— Não sei — Nick murmurou. — Nunca beijei um peixe. Prefiro você. Os peixes são frios e escorregadios. Você é quente e macia.

Faith riu, e ele lhe deu um beijo longo e profundo.

Com um puxão, Nick afrouxou o cordão que prendia a calça de Faith e a tirou, para,

em seguida, tocar-lhe a intimidade macia e quente. Não dava para esperar mais.

Ela se agarrava ao marido, emitindo gemidos de puro prazer, enquanto ele a penetrava cada vez mais profundamente. Os movimentos de Faith eram cada vez mais rápidos e vorazes, e Nick correspondia com a mesma paixão, até que, juntos, atingiram o clímax.

Somente depois de um certo tempo ele percebeu o que havia feito. Nick de pé, meio flutuando na água; Faith agarrada a ele, com as pernas entrelaçadas em torno de sua cintura, os braços em volta do pescoço e a face prensada contra a do marido. Ambos estavam ofegantes e exaustos.

Eles tinham acabado de fazer amor no mar! À vista de todos!

Nicholas espiou por sobre o ombro da esposa. Não havia nenhum sinal de Stevens e Mac na praia; ou de qualquer outra pessoa. Ainda bem.

— Acho melhor voltarmos — Nick sussurrou.

— Sim, estou com um pouco de frio.

Com Faith ainda em seus braços, ele começou a se dirigir para a praia.

— Pare! — ela exclamou.

— Mas você disse que está com frio.

— Estou, mas não vou sair daqui assim.

— Assim como?

— Sem calça! Não sei onde ela está. Nick deu de ombros.

— Eu também não.

— Não vou desfilar nua na frente dos seus homens.

— Não tem ninguém na praia.

— Mas eles podem voltar a qualquer momento.

— Vou buscar um cobertor para você se enrolar nele.

— Com ou sem cobertor, não vou sair da água sem a minha calça, Nicholas! — Faith cruzou os braços.

Nick, então, nadou de volta para o local onde haviam estado, à procura da valiosa peça. Era uma missão impossível. Sentia-se cada vez mais contrariado. Mas a culpa era dele, que se deixara seduzir pelos encantos de Faith. Depois de vários minutos de busca infrutífera, Nick olhou para ela, que continuava no mesmo lugar, braços cruzados, observando-o, ansiosa. Apesar do frio, parecia determinada. Ele deveria simplesmente apanhá-la nos braços, levá-la para a praia e esquecer o assunto da calça desaparecida. Procuraria só mais um pouco, Nick decidiu, e se não encontrasse a calça, desistiria, enrolaria Faith num cobertor e a arrastaria para a praia.

Quando ele estava prestes a renunciar à busca, viu de relance algo boiando e que se parecia com a bendita calça.

— Aqui está. — Nick entregou a peça para Faith.

— Eu tinha certeza de que você a encontraria. Obrigada, Nicholas! — Ela sorria como se ele tivesse acabado de praticar um ato de extremo heroísmo, o que o ajudou a diminuir um pouco sua irritação.

Nick observava o grande esforço de Faith para vestir a roupa encharcada.

— Deixe-me ajudá-la. — Pegou a calça das mãos dela. — Agora, flutue enquanto eu a visto em você.

Faith flutuou; seus cachos dourados se espalhavam ao redor, seios rosados sobressaíam por debaixo da blusa transparente, e a parte de baixo de seu corpo estava gloriosamente desnudo. Nick fez um esforço tremendo para cobrir aquela obra-prima na natureza.

— Obrigada por me ajudar — ela disse com um sorriso. — Sei que você deve estar achando que tudo não passou de uma bobagem minha.

— De forma alguma — Nick mentiu. Sua boca estava seca de desejo. Por um triz ele

não tirou aquela calça e começou tudo de novo. Faith pareceu ler os pensamentos do marido; encarou-o de volta, e Nick mergulhou nas profundezas daqueles olhos azuis.

— O momento que tivemos foi maravilhoso — ela declarou. — Na verdade, nunca experimentei nada igual em toda a minha vida.

Nick apenas concordou, sem conseguir articular qualquer palavra. Ele também nunca havia experimentado nada igual.

Eles permaneceram na água por um tempo, incapazes de se mover. Faith era tão linda que Nick mal podia acreditar que era real. Mas era real e totalmente feminina, macia, com curvas envoltas em tecido branco e transparente. Era sua esposa.

A noite já estava caindo quando eles se aproximavam de Dieppe, e a voz de Nicholas interrompeu os pensamentos de Faith ao avisá-la da proximidade da próxima parada. Ela se sentia feliz, muito feliz. Um tipo de felicidade simples, mas que jamais tinha experimentado. Havia o cansaço, e sua pele estava queimada de sol, porém não se importava, pois a felicidade compensava.

Ela olhava para a cidade a distância, mas não conseguia ver nenhuma razão em particular para o entusiasmo de Nick. Eles já tinham passado por diversas cidades e vilas. Dieppe parecia ser maior e possuía algumas torres.

— Você está apontando para o castelo, é isso?

— Não estou me referindo ao castelo. Dieppe é importante por causa do seu porto.

Faith esperou que ele continuasse, mas Nick não disse mais nada.

— É mesmo? O porto é muito grande? Ele a olhou com impaciência.

— O tamanho é secundário. O importante é que se trata de um porto, senhora.

Faith suspirou. Então Nick a estava chamando de novo de "senhora". Ela imaginara que eles tivessem passado daquela etapa, sobretudo depois da noite que tiveram e da maravilhosa experiência na praia. Mas Faith não iria permitir que ele lhe estragasse o humor ao chamá-la de "senhora"!

— Entendi que é um porto. Você deixou bem claro.

Nicholas fez um sinal, mostrando que aquela havia sido mesmo sua intenção. Faith estava mais desorientada do que nunca.

— Por que você está tão interessado num porto?

Ele respondeu, impaciente:

— Navios partem de Dieppe para a Inglaterra com frequência.

— Não pretendo viajar para a Inglaterra. — Agora ela sabia o que seu marido estava insinuando.

— Seria melhor para você.

— Discordo. Estou adorando a viagem. Não estou atrasando você... Bem, só um pouquinho. — Faith lembrou-se do episódio da praia. Como Nick poderia considerar a idéia de mandá-la para a Inglaterra depois daqueles momentos memoráveis?

Talvez esse fosse o motivo. Era como se ele não confiasse em nada e em ninguém que o fizesse feliz. Ou, talvez, não acreditasse na sinceridade dos sentimentos dela. Qualquer que fosse o motivo, ela seria despachada como um pacote inconveniente!

— É exatamente esse o problema — Nick declarou.

— Então você quer me despachar num navio por causa de um atraso causado por algumas horas que nós passamos juntos na praia?

— É claro que não é esse o motivo. Ou, pelo menos, não da maneira que você está pensando. — Ele se aproximou mais da esposa. — Eu a tenho observado nas últimas horas.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— E?

— Você está com uma expressão na face! — Nick disse num tom de acusação.

— Uma expressão? Que tipo de expressão?

Ele virou os olhos, aparentemente frustrado por Faith não ter entendido.

— Uma expressão sonhadora!

— Sonhadora? Esse é um defeito que eu tenho. Mas não se preocupe, que vou me controlar.

— Sei que a culpa é parcialmente minha. Nós jamais deveríamos ter feito aquilo... no mar.

— Mas eu nunca vou me arrepender de haver aprendido a boiar e a nadar.

— Você sabe do que estou falando. O que fizemos depois!

— Ah, aquilo.

— Sim, aquilo. Desde então a senhora está com essa expressão sonhadora no rosto. E tem cantarolado!

Faith deu de ombros.

— Não é com o cantarolar que me incomoda — Nick prosseguiu —, mas com o que está por trás dele.

— O que você acha que está por trás dele?

Nick parecia desconfortável, mas então disse a desagradável verdade:

— Acho que você está construindo castelos de areia. É sobre isso que estou falando.

Então ela estava mesmo certa; seus sentimentos o incomodavam. Faith olhou para o castelo da cidade próxima e disse:

— Céus, então é isso? Ele me parece bem sólido. Muito sofisticado para ser apenas uma ilusão.

— Não estou falando do castelo de Dieppe. O que me preocupa é o fato de você estar se afeiçoando! De fazer planos para o futuro! Planejando coisas, quando eu já a alertei repetidas vezes que não há futuro para nós!

Faith o encarou.

— Em parte você está errado. A única coisa a que estou apegada no momento é à minha flauta nova. E se quiser saber a respeito do que eu estava sonhando, era de um bom banho quente. Não planejava nada além disso.

Nick pareceu desapontado. Então Faith declarou com um lindo sorriso:

— Afeiçoada? A você? Que bobagem! Você mesmo me disse que eu não devia me afeiçoar, não foi?

— Sim.

— E eu disse que concordava com as suas condições, não disse?

— Sim, você disse.

— Então está tudo certo, não? Nós não precisamos ir para Dieppe, a menos que você queira visitar o castelo.

— Não, eu não quero visitar nenhum castelo!

— Nem eu.

— Então pelo menos vamos dar uma volta na praia. Essa será nossa última chance, pois daqui para a frente viajaremos pelo interior e, quando chegarmos novamente à costa, será na baía de Biscoia.

— A baía de Biscoia? Não é essa que é famosa por causa de seus piratas sanguinários?

— Não mais. Eles foram todos expulsos. Além disso, não navegaremos pela baía; cavalgaremos ao longo dela.

— Uma vez que não existem mais piratas por lá e você está com tanta pressa, por que não navegar direto de Portugal para a Inglaterra?

— Porque os cavalos não gostam do mar — Nicholas respondeu.

— É verdade, senhora — Stevens reforçou. — Só seguiremos por terra por causa dos cavalos. Nenhum de nós enjoa quando pisa num navio. Só optamos pela viagem por

terra por causa dos cavalos.

Faith olhou para Nick, cuja face estava mais ruborizada do que antes do início da conversa.

— Na verdade, eu não sou um dos melhores navegadores — ele confessou com dignidade. — Mas os cavalos não gostam do balanço do mar.

— Bem, então, nesse caso, nenhum de nós quer seguir por mar! — Faith respondeu com uma ponta de orgulho por haver vencido uma pequena batalha pessoal.

O problema era que, no fundo, não se sentia realmente vitoriosa, e a idéia a incomodava, pois se Nick percebesse que estava mesmo se afeiçoando a ele, seria enviada para a Inglaterra no primeiro navio que partisse de Dieppe.

Quais seriam os verdadeiros motivos que Nick teria para não querer que ela se envolvesse emocionalmente nessa relação? Do que ele tinha medo? Será que não queria ser amado? Faith não conseguia entender. Durante sua vida inteira, tudo que ela sempre quisera foi ser amada.

Em poucas horas, Nick já havia encontrado um teto para eles dormirem. Era um quarto pequeno, no andar de cima de uma taverna. O lugar era limpo e a roupa de cama cheirava bem.

Faith sorriu ao reconhecer que seu marido estava se mostrando muito cuidadoso com o conforto dela. Apesar de no fundo imaginar que os motivos dele talvez não estivessem relacionados apenas com isso.

Depois da primeira noite que eles passaram juntos, todos os pudores de dormir com um homem que Faith mal conhecia já tinham desaparecido por completo. Quando Nicholas Blacklock se deitava na cama, deixava para trás o soldado frio e se transformava num amante que fazia amor com sua esposa com tanta concentração e intensidade que podiam ser sentidas até nas profundezas da alma de Faith, o que lhe dava a certeza de ser muito sedutora.

Ela e sua irmã gêmea eram conhecidas na sociedade londrina como "as beldades". No fundo, porém, Faith nunca havia se considerado tão bonita. Qualquer garota que tivesse crescido ao lado de um avô, como o seu, logo aprenderia que a beleza é uma faca de dois gumes, e a vaidade, um pecado que atrai e esmaga. Na mansão Dereham, não havia espelhos e nem visitantes para admirá-las. Eram apenas as irmãs e o avô.

Mas quando Faith tinha se visto num espelho pela primeira vez, foi como se estivesse olhando para a irmã gêmea. Para os outros, as gêmeas eram moças bonitas e confiantes, mas, no fundo, ambas sabiam que não eram nada disso.

Quando, porém, Nicholas Blacklock a olhava, Faith sentia um poder feminino nunca antes experimentado; era como se Nick estivesse olhando para a verdadeira Faith Merridew, e não para a Faith que encantava os rapazes nos bailes de Londres.

Nos braços de Nick, fazendo amor, ela não se sentia como aquela menina que havia passado toda a infância assustada e com medo da ira do avô, nem como a sonhadora que se deixara levar pela conversa de um impostor. Nos braços dele, coberta de beijos e carinhos, sentia-se mais que especial; mais que bonita. Todo seu corpo e alma transbordavam de amor.

E pela manhã, Nick sempre agia como se negasse seus atos da noite anterior.

Não se afeiçoe. Não construa castelos de areia. Não existe futuro para nós.

— Conte-me sobre seu filho, Stevens. Como ele era?

Eles cavalgavam por uma bela estradinha cercada de verde e de extensos campos dourados. Em alguns pontos, a colheita já tinha sido feita e, por conta disso, vastas extensões de terras aguardavam o preparo para o novo plantio. O cheiro da terra fresca era simplesmente glorioso.

— Meu Algy? — Stevens sorriu, surpreso. — Um bom filho; não um bom garoto, pois era cheio de artimanhas e muito artemão! Ele e o sr. Nick eram artemãos e inseparáveis. Apesar de o patrão não gostar da amizade dos dois.

— Não?

— Não. Sir Henry não queria que seu filho se misturasse com o filho do tratador de cavalos. Enquanto eles eram pequenos, ele até suportou, mas, ao crescerem, a história mudou. Então sir Henry enviou o sr. Nick para o colégio interno quando ele tinha sete anos, com a esperança de que voltasse mudado de lá. Mas o sr. Nick não mudou nada e, quando vinha visitar a família, nas férias, os dois garotos sumiam pelos bosques e demoravam horas por lá.

— O que eles faziam nos bosques?

— Brincavam de tudo. E à medida que foram crescendo, a vida selvagem era o atrativo especial. Os dois conheciam aquelas terras como ninguém e amavam a natureza e os animais da região. Foi aí que começou o problema. Sir Henry adorava caçar raposa.

— Meu avô também gostava de caçar e era uma decepção para ele não ter um neto — disse Faith.

— Sir Henry não aprovava muitas coisas do sr. Nick. Como a música, por exemplo.

— Ele proibia a música? Meu avô também proibia.

— Não proibia exatamente. Apenas não queria que nenhum de seus filhos tocasse qualquer tipo de instrumento, pois ele considerava isso coisa de mulher. E essa proibição se estendia aos livros também. Mas o sr. Nick adorava as histórias de aventuras e costumava ler para mim e para o meu Algy.

Faith sorriu. Ela simplesmente não conseguia imaginar o marido como um garoto, brincando com seu amigo pelos bosques.

— No fundo, sir Henry esperava que o sr. Nick gostasse de caçadas como ele e o outro filho. — Stevens meneou a cabeça. — Mas o sr. Nick participou de uma caçada apenas, quando era pequeno. Nunca me esquecerei do rosto assustado dele ao ver a pequena raposa ensanguentada, e da cara de orgulho de sir Henry. Depois disso, o sr. Nick nunca mais quis caçar. O pai podia bater e castigar, mas nada o fazia mudar de ideia.

— Que coisa terrível! Que idade Nicholas tinha quando isso aconteceu?

— Uns dezesseis anos. E a gota d'água foi quando ele e o meu Algy confundiram o faro dos cachorros, durante uma caçada, espalhando peixes estragados ao longo das trilhas. Sir Henry ficou furioso, deu uma violenta surra no sr. Nick e enviou os dois para o exército.

— Eles devem ter passado por maus bocados no exército — comentou Faith.

— Sim, eles passaram. Principalmente o sr. Nick. Alguns aspectos da vida de um soldado ele aceitou bem, mas matar... O capitão Nick é muito valente, não tem igual. Porém o meu Algy acabou revelando um lado sanguinário, frio e impiedoso. Quando tudo acabou, o sr. Nick sentia ódio de si mesmo. Muitos amigos dele foram mortos em batalha e, para completar, houve a morte horrível do pai dele e do irmão também.

— O irmão dele morreu?

— Morreu antes do pai, por causa de uma ferida infeccionada. Não foi fácil para lady Blacklock perder o filho mais velho e assistir à morte lenta e demorada do marido, e isso tudo enquanto o sr. Nick estava na guerra, arriscando a vida diariamente. A pobre lady envelheceu muito com todo o sofrimento.

Pobre mulher. Que fardo pesado para carregar!, Faith pensou.

— Suponho que Nicholas voltou para casa para consolar a mãe. O velho rosto de Stevens se franziu com uma expressão enigmática.

— Não.

Faith ficou chocada. A atitude não era compatível com o Nicholas que ela conhecia.

— Ninguém contou para ele. O pai proibiu; não quis que contassem ao sr. Nick a

respeito da morte do irmão e da doença dele.

— Que coisa terrível!

— Mas um dia a verdade chegou ao sr. Nick. Então voltou para casa, mas já era tarde demais e só chegou depois do funeral do pai. Ficou como uma alma penada, sentido-se culpado por algo que não era culpa dele. E o fato de o meu Algy ter morrido em combate não ajudou muito também. O sr. Nick achava que meu filho tinha morrido porque havia ido para o exército somente para acompanhá-lo. Como se alguém pudesse impedir o meu garoto de fazer o que ele queria. Mas o sr. Nick é assim, acha que é sua obrigação cuidar de todos.

Faith concordou, seus olhos brilhavam cheios de lágrimas.

— Foi por isso que eu me alistei no exército depois da morte do meu Algy. Alguém precisava tomar conta do sr. Nick. — A expressão de Stevens se suavizou com um sorriso franco. — Acho que a senhora assumiu o meu papel agora e está fazendo um trabalho muito melhor do que o meu. Pois eu nunca vi o sr. Nick tão alegre como nos últimos dias.

Faith ponderou as palavras dele. Vindas de um homem que conhecia Nicholas desde criança, podiam refletir a verdade. E a idéia de que Nicholas estava mais feliz desde que se casara era algo simplesmente fantástico de constatar.

Para Faith, porém, não parecia que ele estava particularmente feliz. Havia alguns momentos de felicidade, mas na maioria das vezes ela percebia uma profunda tristeza no marido. Agora, Faith sabia um pouco mais de onde vinha tanta melancolia. Vinha de um passado terrível, e isso explicava um pouco todos os receios que Nick tinha de se envolver. Amar era maravilhoso, mas podia ser muito dolorido também; mais que dolorido quando o objeto desse amor morre. E Nicholas havia perdido muitas pessoas que ele amava...

Nicholas seguia viagem sério e calado; perdido em seus pensamentos, Faith imaginou. Mas então percebeu que o semblante dele demonstrava sinais de dor.

— Você está com dor de cabeça? — ela perguntou suavemente.

Nick teve um sobressalto ao ouvir a pergunta.

— Por que acha que estou com dor de cabeça?

Faith olhou para o canto da boca do marido que se contorcia todas as vezes em que ele tinha dor.

— Por nada, é só um palpite... É que você está um pouco pálido. A resposta negativa foi apenas com um gesto de cabeça. Faith não insistiu, mas continuou observando-o atentamente. Era evidente que Nick estava com dor, o teimoso, e quando ele começou a piscar os olhos, como se sua visão fosse afetada, ela não pôde mais se conter.

— Você deveria se deitar. Vou pedir para que McTavish siga na frente para ver se encontra uma estalagem onde possamos parar um pouco para descansar.

— Bobagem! Vou tirar uma soneca embaixo daquelas árvores, ali na frente. Logo estarei melhor.

— Tenho certeza de que o calor do sol só piora a sua dor. Quando minha irmã tinha dores de cabeça, sempre se sentia melhor ao dormir num quarto escuro.

— Isso não faz nenhuma diferença para mim.

— Você só terá certeza se tentar. Suas dores de cabeça parecem ser muito fortes, mas pelo menos elas passam relativamente rápido. A pobre Grace às vezes ficava mal durante dias.

— A minha passará logo.

— Mais uma razão para procurarmos um lugar onde você possa descansar com conforto. McTavish? — Faith se adiantou e informou Mac sobre o problema. — Está vendo aquela casa de fazenda? — Ela apontou. — Vá até lá e veja se eles podem nos receber. Diga-lhes que pagaremos pela hospedagem.

McTavish abriu a boca para argumentar; Faith já esperava por isso.

— Vá logo e não discuta! Não tenho tempo a perder com bobagens. Nicholas está doente!

O escocês simplesmente seguiu sem discutir e dez minutos depois eles estavam chegando à humilde casa. A dor de Nicholas parecia ter piorado ainda mais, pois sua expressão era a prova evidente.

McTavish veio de volta.

— Eles não querem nos receber — Mac informou enquanto ajudava Nicholas a descer do cavalo. — Mas o homem disse que podemos usar o celeiro, se quisermos.

— O celeiro!? — Faith exclamou. — Nicholas precisa de um local escuro. — Sem perder tempo, ela foi ao encontro do fazendeiro, que estava parado à porta de sua casa, ao lado da esposa.

Lá chegando, Faith se apresentou, explicou o problema ao casal e pediu a ajuda deles, terminando com uma boa oferta de pagamento.

O homem balançava a cabeça; desesperada, Faith se voltou para a mulher, segurando nas mãos dela e implorando em seu bom francês:

— Por favor, madame, meu marido está com muita dor. Precisamos colocá-lo numa cama em um quarto escuro. Tenho certeza de que isso irá ajudá-lo. Não incomodaremos, eu prometo.

A mulher olhou para Nicholas e respondeu:

— Não quero correr nenhum risco de pegar uma doença.

— Oh, não, madame, ele está apenas com dor de cabeça. Não se trata de nada contagioso.

A expressão da mulher se suavizou.

— Você me parece muito jovem. Há quanto tempo estão casados?

Faith a encarava sem entender que diferença isso faria.

— Há duas semanas, madame.

A mulher meneou a cabeça e sussurrou algo no ouvido do marido.

— Seu marido pode dormir no andar de cima. Diga para seus amigos ajudá-lo a subir, mas primeiro, tirem as botas. Nenhum homem entra com barro na minha cozinha!

— Oh, merci, madame. Muito obrigada!

— Pode me chamar de Clothilde, minha jovem.

A casa era simples, porém muito limpa e bem-cuidada. Mac e Stevens tiraram as botas sem protestar e, apesar de Nicholas insistir que não precisava de ajuda, eles o ajudaram a subir a escada que levava para o andar de cima. O quarto era pequeno e tinha apenas uma cama encostada numa das paredes. Clothilde retirou a colcha e ajudou Faith a tirar o casaco e as botas de Nicholas. Nesse meio-tempo, a dor já havia aumentado tanto que Nick já não enxergava mais nada.

Relutante, ele tomou um pouco de chá e, em seguida, se deitou, fechou os olhos e permaneceu estático. Faith sentou-se aos pés da cama, observando-o, ansiosa.

Ela não sairia de perto do marido por nada deste mundo. Acariciando-lhe a testa e os cabelos, Faith pôde sentir a tensão muscular que a dor causava. Nick segurava as mãos dela com firmeza.

Era obvio que ele odiava aquela situação de vulnerabilidade, odiava aquelas dores de cabeça. A dor era o único ponto fraco em sua armadura.

Faith permaneceu ali, afagando as mãos de Nick, esperando a dor passar, observando o querido rosto. Os olhos dele permaneciam fechados. Fechados para a dor. Fechados para Faith.

Em seu íntimo, ela ansiava pelo amor do marido.

Quando era uma juvenzinha sonhando com o amor, tudo parecia mais simples. Mas Felix a tinha enganado, e agora ela percebia que não o amara de verdade. E ao olhar para

Nicholas, com seu belo rosto contorcido pela dor, ela descobria como era o verdadeiro amor.

Amor que ele rejeitava.

Nick queria seu corpo, e aquilo era maravilhoso. Mas, para Faith, desejo era apenas uma parte do amor que sentia por ele.

Será que ela era desejável, porém indigna de ser amada? Faith tinha defeitos, seu avô fizera questão de dizer isso a ela e às irmãs durante toda sua infância. Ele dizia que eram feias por dentro, criaturas ilegítimas.

Faith estremeceu. O ódio do avô ainda possuía o poder de atingi-la, até mesmo ali e naquele momento. Tudo que ela queria era que as irmãs estivessem a seu lado; elas conseguiriam banir o veneno do avô. Este só tinha o poder de atingi-la quando Faith estava só e muito triste.

Clothilde entrou no quarto e murmurou baixinho:

— Seu marido vai dormir agora. Venha comer algo.

Com cuidado, Faith soltou a mão de Nick, acariciou seus cabelos e se levantou.

— Você o ama muito, não é mesmo, minha jovem?

— Ah, sim. — Faith amava Nicholas Blacklock. Amava muito. E ao confessar isso pela primeira vez em voz alta, sentiu uma emoção imensa. E as lágrimas que havia tantos dias estavam contidas, rolaram em cascata.

Clothilde se aproximou e a abraçou.

— Não precisa chorar, minha querida. Quando me casei, eu tinha a sua idade e também chorava e sorria sem mais nem menos.

As lágrimas continuavam fluindo enquanto a senhora conduzia Faith para fora do aposento.

— Você não está chorando por causa da dor de cabeça, não é? Ele tem algo mais sério?

Faith enxugou as lágrimas com um lençinho branco.

— Desculpe, senhora. Não sei o que deu em mim. Não, é só dor de cabeça. Também minha irmã caçula, Grace, costumava ter muitas dessas dores, embora não com tanta frequência como Nicholas. Não temos certeza do verdadeiro motivo, mas as dores dela pararam depois que minha irmã mais velha, Prudence, se casou e Grace não temia mais ter de voltar a morar com nosso avô.

— Você tem muitas irmãs?

— Somos cinco.

Clothilde ficou admirada.

— Nenhum menino?

— Nenhum. E eu tenho uma irmã gêmea, Hope.

— Uma irmã gêmea? — Clothilde se interessou. — Eu tenho duas netas gêmeas.

— É mesmo? Quantos anos elas têm?

— Apenas cinco meses. São lindas, mas dão muito trabalho.

— Eu adoraria conhecê-las! — Faith exclamou. — Eu e Hope somos gêmeas idênticas. Ela é canhota, e eu, destra; eu tenho um sinal aqui, e Hope tem outro igual, só que do lado oposto. Nós dividimos tudo. É maravilhoso ter uma irmã gêmea.

Clothilde sorriu.

— Talvez você vá conhecer minhas netas. Agora, eu preciso trabalhar. Há muito que fazer numa fazenda.

Depois que a mulher saiu, Faith pensou a respeito da dor de Nicholas. Seria possível que a causa fosse algum tipo de ansiedade ou medo? E se fosse, o que o preocupava tanto?

Talvez algo que o esperava depois de Bilbao. Ela não conseguia imaginar o que de tão terrível poderia ser. A guerra já tinha acabado havia muito tempo, e Napoleão estava

exilado na ilha de Santa Helena.

Talvez se tratasse de uma complicada missão militar, de um segredo que ele não podia revelar a ninguém.

O que Nick teria de tão importante para resolver nessa viagem pela Espanha e por Portugal? Mac parecia saber o motivo, mas ele nunca lhe contaria. Quem sabe Stevens...

Nick despertou desorientado, abriu as cortinas da janela e olhou para fora. Nada lhe era familiar. O quarto era simples, pequeno, e a mobília, austera. Ele testou a maçaneta da porta que, para seu alívio, não estava trancada.

Voltou para a janela e a abriu. Percebeu então que se encontrava numa fazenda em alguma parte da França. Mas ainda não fazia a menor idéia da localização e de como chegara ali. Pela posição do sol, já era final de tarde; as sombras estavam compridas, e a luz, meio amarelada. A dor de cabeça ainda dava mostra de alguns resquícios. Será que havia desmaiado novamente?

Isso o preocupava. Suas dores de cabeça costumavam causar pequenos lapsos de memória, mas dessa vez estava pior.

Em cima de uma cômoda, havia um jarro com água e uma bacia. Nick lavou o rosto e o enxugou com uma toalha branquinha que se encontrava ao lado. Suas botas estavam no chão, e seu casaco, pendurado num gancho atrás da porta. Vestido e calçado, desceu em busca de respostas.

Pairava no ar um cheiro bom de comida que vinha de uma cozinha grande e arejada.

Faith encontrava-se sentada numa cadeira ao lado do fogo, embalando um bebê. Ela cantava uma bela cantiga de ninar que Nick não conhecia.

Ele ficou paralisado, atônito, ainda mais desorientado. A cena não fazia sentido. Faith parecia serena, feliz e bonita demais para ser real. Só que ela era real. Era sua esposa. Mas de onde viera aquele bebê?

Faith olhou para Nick e sorriu. Como ela sempre fazia quando seus olhos se encontravam. Ele sentiu um aperto no peito.

— Olá, Nicholas, como está a sua cabeça? Você dormiu por um longo período.

— Melhorou, obrigado — Nick respondeu bruscamente. Faith sabia que ele não gostava de falar sobre o assunto. Nick olhou para o bebê como se indagasse algo.

— Ele não é bonitinho? — ela comentou.

— É uma bela criança — ele respondeu. — Onde estão Mac e Stevens?

— Não tenho certeza, mas acho que lá fora — Faith respondeu sem tirar os olhos do bebê.

Nick se retirou rapidamente.

Lá fora, as coisas iam voltando à sua cabeça lentamente. A viagem, a estrada e os caminhos que já tinham percorrido. Mas não havia nenhum sinal de Mac e Stevens. Ele voltou para a cozinha.

Mas agora havia dois bebês em vez de um. Orgulhosa, Faith segurava a ambos.

— Venha ver, Nicholas — ela disse suavemente. — Acho que se parecem comigo e Hope quando éramos crianças.

Nick parecia estar vivendo um sonho bizarro. Ele se aproximou e olhou para os bebês, os dois loirinhos e de olhos azuis, como os de sua esposa.

— Nunca tinha visto gêmeos antes, além de mim e de minha irmã. Hope e eu temos uma ligação muito forte. Será que estas duas criaturinhas também têm? Ah, gostaria tanto que Hope pudesse vê-los.

Nick resmungou algo impossível de ser compreendido.

— A pequena que está no meu braço esquerdo é Clothilde, em homenagem à nossa Clothilde, e a outra se chama Marianne, em homenagem à avó.

Nossa Clothilde? Até onde Nick podia se lembrar, não conhecia nenhuma Clothilde, e

sua mãe tão pouco se chamava Marianne. O nome dela era Matilda Jane Augusta Blacklock, sobrenome de solteira, Alcott. Graças a Deus que pelo menos disso ele se lembrava.

— Foi muita gentileza Clothilde ter pedido à sua filha trazer os bebês para eu os conhecer.

Essas palavras foram uma lufada de alívio para Nick.

— Eu nunca os vi antes, vi? Faith o olhou, confusa.

— Como você poderia? As meninas chegaram enquanto você estava dormindo.

Ele ouviu a confirmação, satisfeito. Um dos bebês era mais bochechudo, e, sem pensar, Nick se aproximou e o tocou. A criança segurou firmemente o dedo dele e o olhou de uma maneira que o fez rir.

— Ela é forte, não?

— Sim, e também determinada também. — Faith sorriu com candura. Nunca tive muito contato com bebês, antes. Estou espantada de ver como eles já mostram personalidade, mesmo com poucos meses de vida. Acho que Marianne, a que está segurando o seu dedo, será mais ousada, e Clothilde, mais tímida.

— Sempre há uma ousada e uma mais tímida? Faith meneou a cabeça.

— Não tenho certeza. Mas comigo e Hope é assim.

— Então Hope é a tímida. Ela o olhou, surpresa.

— Não, Hope é a ousada e corajosa. Ela sempre sai em defesa de suas irmãs. Sempre enfrenta tudo de cabeça erguida e... — Faith piscava tentando conter as lágrimas.

Gentilmente, Nick pegou um lenço e as enxugou. Recuperada, ela prosseguiu:

— Desculpe por me desmanchar em lágrimas. É que a presença dos bebês me fez lembrar de minha irmã gêmea, da falta que sinto dela. Hope é muito especial e sempre esteve a meu lado para me proteger.

— Ela deve ser uma mulher maravilhosa — ele disse com ternura. — Quase tão maravilhosa quanto a irmã.

Faith respondeu com um sorriso vago, e seu olhar se voltou para os bebês.

— Por que você achou que eu sou a corajosa?

A expressão dela era tão seria e tão cheia de dúvidas que Nick não pôde conter o riso.

— Não sei. Talvez porque eu tenha conhecido você em circunstâncias um tanto atípicas. Uma estrangeira na França, viajando durante horas a fio, a cavalo, aprendendo a nadar e a pescar, dormindo ao relento e que se recusa a voltar para o conforto da Inglaterra.

— Metade de tudo que me aconteceu não foi por minha escolha. Quanto a aprender a nadar e pescar, isso foi ótimo. Cavalgar nunca foi um problema para mim, e no que se refere a dormir ao relento, você tem sido cortês o suficiente para não permitir.

Cortês? Nick sentiu o rosto enrubescer e se virou de costas para Faith não perceber. Havia apenas uma razão pelo qual ela não tinha dormido nenhuma noite ao relento, e isso não tinha nada a ver com cavalheirismo. Era apenas para que eles pudessem fazer amor todas as noites. Para seu próprio desespero, ele não conseguia se cansar de fazer amor com Faith e queria mais, muito mais.

— Vou sair para ver se Mac e Stevens já voltaram.

Nick deixou a casa, satisfeito por haver se lembrado daqueles detalhes. Seus lapsos de memória eram preocupantes. Mas aos poucos tudo retomava seu curso normal.

Um dos cavalos tinha perdido a ferradura, e Stevens havia ido para a vila mais próxima à procura de um ferreiro. Por conta disso, eles tiveram de passar a noite ali mesmo. Mac e Stevens dormiram no celeiro, enquanto Faith e Nick ficaram no mesmo quarto que ele usara à tarde.

Nick deitou-se entre os lençóis e, automaticamente, abraçou sua querida esposa. Faith se virou para ele com um leve rubor na face e um sorriso de boas-vindas, o que causou de novo em Nick um aperto no peito. Havia algo de muito especial na maneira como ela o olhava: uma ternura e uma doçura inigualáveis.

Isso o fez lembrar-se de que em apenas uma semana estariam em Bilbao. Nick franziu a testa. Teria sido melhor para Faith se ele tivesse ido dormir no estábulo com os outros.

— Você não está apegada a mim, está?

Por um momento, ela não respondeu e continuou apenas olhando-o.

— Não, não estou me apegando a você — Faith respondeu, calma. Mas algo em seu tom de voz o perturbou.

— Tem certeza?

— Tenho — ela declarou, dessa vez com firmeza.

— Ótimo.

O rosto de Faith ainda guardava o frescor do banho que havia acabado de tomar. Seu cheiro era de rosas; e como ela fazia para ter um perfume tão bom, Nick não tinha idéia e tampouco queria saber. Tudo que ele sabia era que a desejava. Queria sentir o calor de sua pele macia contra o próprio corpo e provar-lhe o doce sabor da boca. Queria mergulhar nela e se esquecer de Bilbao e do que estava por vir. Tudo que importava era aquele momento de amor que ele teria com Faith.

Nick espantou suas incertezas e dúvidas e se aproximou ainda mais da esposa. De repente, a imagem dela na cozinha com os bebês lhe veio à mente.

— E se você estiver grávida?

— Seria maravilhoso. Eu adoraria ter um bebê. Mas não estou pensando nisso.

Ele ficou um tanto surpreso com o tom despreocupado de Faith.

— Não está mesmo pensando nisso?

— É claro que não. — Ela sorriu. — Por que estaria? Nós estamos vivendo o momento, lembra? Não fazemos planos para o futuro. Não era isso que você queria?

Sim, era isso que Nick queria, mas se sentia incomodado por Faith considerar as palavras dele de maneira tão literal. Ela precisava estar preparada para quando chegasse o momento, ou então...

Oh, Deus, ele precisava ser mais responsável. A princípio, sua única intenção foi a de ajudá-la: de desposá-la para restaurar a reputação dela, e depois a enviar para a Inglaterra. Em vez disso, Faith estava se envolvendo com os problemas dele. Nick até podia dizer que a culpada era ela mesma por não seguir seus conselhos, mas mesmo assim ele ainda se sentia responsável.

Porém era impossível se conter. Nick tinha sido forte até o momento, mas Faith estava minando toda a sua determinação. Era como provar um pedacinho do céu antes de...

Ela se ergueu, apoiou-se num cotovelo e o encarou.

— Achei que me quisesse agora, Nicholas. — Faith tinha desabotoado os primeiros botões da camisola, expondo o colo macio.

— Oh, sim. Isso é tudo que eu mais desejo neste momento — ele sussurrou e mergulhou no colo da esposa, explorando os mistérios não revelados pela fraca luz da vela.

Na manhã seguinte, Nick despertou primeiro e permaneceu um bom tempo apenas olhando sua bonita esposa, que dormia docemente. Tão linda, com seus cabelos dourados, seus cílios longos emoldurando aqueles maravilhosos olhos. Dormindo, Faith parecia ainda mais jovem, tão inocente que era até difícil acreditar ser a mesma pessoa que recebia seus carinhos sexuais com tanta naturalidade e prazer.

Ele nunca havia provado nada igual. Ela o fazia sentir-se poderoso e, ao mesmo tempo, humildemente necessitado. Sim, necessitado. Nick a desejava novamente. E era imperdoável para ele mantê-la nessa situação. Em seu íntimo, rezava para que Faith não estivesse mesmo se apaixonando.

Ele se levantou e começou a se vestir, quando uma voz sonolenta o saudou:

— Bom dia, Nicholas. — Era sua amada esposa, que se aproximava enrolada num lençol para cumprir seu dever matinal. Nick se inclinou e beijou-a rapidamente, sentindo-se ainda mais culpado por haver inventado aquela tola história de obrigação matinal.

Faith voltou para a cama e continuou observando-o enquanto ele continuava a se vestir. Então perguntou, como se eles estivessem dando continuidade à conversa da noite anterior:

— Por que está tão preocupado se eu estou me apegando a você? Afinal, somos casados.

— As mulheres se apegam facilmente.

— Talvez. Mas os homens também não se apaixonam?

— Alguns sim, mas não um soldado.

— Entendo!

— Ótimo. E mais uma vez quero que fique bem claro que não estou emocionalmente envolvido com você. Apesar de estarmos casados e das intimidades que têm ocorrido entre nós. — As palavras de Nicholas não expressavam exatamente seus verdadeiros sentimentos.

— Isso porque você é um soldado, certo?

— Exatamente. — Para ele, essa era uma boa justificativa, e de fato havia alguns elementos de verdade nisso.

— Compreendo. Mas ainda não vejo qual o problema se eu me apaixonar. Não que esteja, é claro. Na verdade, nem um pouquinho — Faith assegurou com um belo sorriso. — Só insisto no assunto porque estou interessada em conhecer a sua teoria a respeito do amor.

As afirmações dela deveriam tranquilizá-lo, mas por algum motivo, isso não estava acontecendo.

— Como você pode perceber, toda essa teoria é novidade para mim. — Faith se mexeu na cama e o lençol que a cobria escorregou um pouco, expondo uma pela macia que convidava ao toque. — Como você mesmo disse, eu sou uma mulher, e não um soldado, por isso...

Embaixo dos lençóis, ela estava completamente nua e todo seu corpo ardia de desejo; e Nick não tinha intenção de contrariá-la.

— Suponhamos que houvesse uma remota possibilidade de eu estar apaixonada. Isso seria tão ruim assim?

— Sim — ele respondeu com firmeza. — Seria muito ruim. Serviria para me distrair dos meus propósitos. E agora vejo que errei ao permitir que você não embarcasse naquele navio para a Inglaterra.

Faith recostou-se no travesseiro.

— Quem bom eu não estar nem um pouco apaixonada, pois estou adorando esta viagem e não tenho nenhuma intenção de distrair você dos seus propósitos. — Ela se espreguiçou, e o lençol escorregou um pouco mais.

Nick gemeu e teve uma pequena discussão interior com sua consciência. A consciência perdeu. Ele tirou o casaco que havia acabado de vestir e começou a desabotoar a camisa.

Atrasar-se não era o mesmo que distrair-se de seus propósitos, Nick disse para si mesmo. Além do mais, faltavam poucos dias para eles chegarem a Bilbao. Lá, ele finalmente faria o que deveria ser feito.

Capítulo VI

A noite estava chegando e na distância era possível avistar algumas luzes. Era uma vila. Faith esperava poder passar a noite lá. A jornada havia sido longa e eles tinham avançado mais do que de costume.

Faith supunha que Nicholas estava tentando recuperar o atraso causado pela dor de cabeça. Não que ele tivesse discutido o assunto. Pelo contrário, havia se aborrecido muito quando ela tentara abordar o tema.

As costas de Faith doíam e ela sentia-se extremante fatigada. Mas não se entregaria assim tão facilmente, pois estava determinada a provar para o marido que era uma perfeita esposa de soldado. Para tal, agüentaria todos os desafios e desconfortos; simplesmente para ter o gostinho de dormir todas as noites nos braços de seu querido Nicholas.

Aquela vida podia até não ser confortável, porém Faith nunca se sentira tão feliz antes. Nick podia falar o tanto que quisesse sobre se apegar ou não, mas ela se sentia amada. Mais que isso, sentia-se protegida. Mesmo quando ele discursava sobre sua teoria do amor, Faith percebia que por detrás havia algo de proteção, apesar de ela não ter idéia do que Nick tentava protegê-la. Seus propósitos podiam até estar encobertos com um ar de indiferença militar, mas não era indiferença que Faith tinha sentido quando ele a levava às alturas, na noite anterior.

Se Nick chamava aquilo de construir castelos na areia, então ela não perderia tempo com discussões infrutíferas. Felicidade era felicidade, e durante toda a sua vida Faith sempre soubera que a felicidade era passageira.

Assim que entraram na pequena vila, perceberam uma agitação logo adiante. Havia tochas acesas e gritos. Uma mulher estava sendo perseguida.

Eles hesitaram.

— Não devemos interferir em assuntos locais, capitão — Mac alertou.

Enquanto ele falava, um grito feminino de dor ecoou.

— Nicholas? — Faith estava horrorizada com a sugestão de Mac. — Eu passei por um apuro como esse.

— Eu sei — Nick respondeu, segurando a mão dela. — Vamos verificar o que está

acontecendo. Você fica aqui. Nós iremos até lá.

— Mulheres! — Mac reclamou.

Uma multidão de mulheres se acotovelava na praça central da vila, e no centro uma única criatura era alvo de xingamentos e tapas. Alguns homens observavam ao redor sem se manifestar.

— Elas parecem bravas o suficiente para matar aquela mulher, capitão — Mac observou.

Os três se entreolharam.

Faith assistia ansiosa, dizendo para si mesma que eles eram soldados e que estavam acostumados a lidar com situações de conflito. À medida que a multidão se movimentava, era possível ver a garota que se encontrava no centro da confusão. Parecia ser muito jovem e estava sozinha contra todas. As mulheres a chutavam, davam socos e puxavam os cabelos da pobre moça. A cena era horrível.

Nicholas e Stevens tinham descido dos cavalos e tentavam falar com as mulheres que, enlouquecidas, não davam a mínima para eles e continuavam atacando a vítima indefesa.

Depois de os dois muito insistirem, uma das mulheres desferiu um soco em Nicholas e errou. Mas isso deu início a algo. Algumas delas se voltaram contra os forasteiros. Nicholas se esquivava dos ataques sem grandes problemas, mas Stevens não escapou de alguns arranhões. Mesmo assim, nenhum dos dois revidava os ataques.

Mac, com seu incurável ódio pelas mulheres, nem se abalava. Continuava em seu cavalo, olhando com uma expressão vazia para a garota que estava no centro.

Ela se defendia arranhando e dando socos. Mas não era páreo para uma dúzia de mulheres enfurecidas.

— Vamos, Nicholas, faça alguma coisa! — Faith gritou. Vendo que o marido não reagia, ela empunhou sua pistola e se aproximou.

— Parem com isso imediatamente! — Faith gritou com todas as forças, mas o barulho era tanto que ninguém lhe deu atenção. Então deu um tiro para o alto. Houve um silêncio inusitado e todos se viraram para ela. Os rostos hostis eram assustadores.

— Pegue-a! — Nicholas gritou para Mac. — Tire-a daqui. Ele queria dizer para pegar Faith, porém Mac entendeu errado.

Como uma fera selvagem, ele entrou com o cavalo no meio da multidão, apanhou a garota e saiu em disparada para fora da vila; sem se importar com os gritos de protestos.

Stevens montou em seu cavalo e o seguiu em disparada.

— Vamos sair daqui! — De alguma maneira Nick já estava em seu cavalo e ao lado de Faith. — Venha por aqui. — Ele apontou a direção e deu uma chicotada na montaria da esposa.

— Para onde estamos indo?

— Continue me seguindo! — ele respondeu.

— Mas...

— Cale-se e corra!

A expressão de Nicholas nesse momento era de pura fúria. Faith então se calou e o seguiu.

Eles galoparam em silêncio, correndo como se ainda estivessem sendo perseguidos. Mas, na verdade, ninguém os seguia. A velocidade do galope era um reflexo do humor de Nick. Os cascos dos cavalos ecoavam no silêncio da noite.

Assim que o susto passou, o medo começou a tomar conta de Faith, que nunca tinha visto a ira fria de seu marido. Aquilo era algo para se temer: o ódio parecia brotar da pele dele com uma frieza assustadora.

Quando criança, ela aprendera a lidar com a ira de seu avô escondendo-se num

armário que havia embaixo da escada. Mas, agora, estava a céu aberto, galopando pela escuridão da noite, rumo ao desconhecido.

Finalmente os cavalos se cansaram e era impossível continuar. Eles pararam numa pequena clareira, no meio de uma floresta; ao fundo havia o barulho de água. Nicholas desceu do cavalo e o deixou livre para descansar. Em seguida, ajudou Faith a desmontar e soltou seu cavalo também. Os dois animais seguiram direto para o riacho.

— O que deu em você de resolver entrar no meio daquele bando de mulheres enfurecidas, quando eu tinha lhe dito para permanecer onde estava? — Nick segurou-a pelo braço. — Não percebeu o risco? Aquelas mulheres estavam ensandecidas e podiam ter matado você.

— Eu sei. Mas queria salvar a garota.

— Sua tola! O que acha que Mac, Stevens e eu íamos fazer? Nós somos soldados!

— Mas vocês não estavam fazendo muito.

— Para começar, você nem deveria ter ficado lá para ver! — O tom dele parecia um rugido.

Um tremor de medo percorreu todo o corpo de Faith.

— Sim, mas eu estava lá. E pude ver que o seu cavalheirismo o impedia de lidar com aquelas mulheres.

— Cavalheirismo!? — Os olhos de Nick brilharam de fúria. — Pare de achar que cada ato meu está embasado em puro cavalheirismo.

— Eu fiz o que achei que precisava fazer.

— Você não raciocinou! Ninguém ali raciocinava! Aquelas mulheres estavam fora de si e tinham perdido a razão. E quando as pessoas perdem a razão, tudo pode acontecer. Elas podiam ter se voltado contra você, e nem quero imaginar o que mais poderia ter acontecido.

— Eu sei. Foi por isso que usei a minha arma. — Faith sorriu para ele. Seu medo de enfrentar o marido ia desaparecendo aos poucos.

Nick a encarava, espantado por ver o sorriso no rosto de Faith enquanto ele esbravejava. Ela mal podia acreditar em sua própria coragem.

— Eu estava louco quando lhe dei aquela maldita arma. Você só tinha um tiro, sabia disso? — Ele a encarou com olhos enfurecidos e, em seguida, a abraçou com ternura e paixão. — Nunca mais me assuste daquela maneira, Faith. — Nick a abraçava com tanta força que ela mal podia respirar. Faith sentia o calor do corpo dele, a força.

Momentos depois, os lábios de Nick tocavam os dela, e aquilo era o mesmo que estar no céu, sentindo-se amada e protegida como nunca se sentira antes.

— Eu não vou com você, seu monstro! — A voz furiosa da garota ecoava na noite.

Mac cavalgava com a jovem resgatada presa em seus braços até a clareira onde Faith e Nicholas se encontravam. Ela não demonstrava nenhum sinal de gratidão; pelo contrário, tentava se esquivar e reclamava numa mistura de inglês, espanhol e francês.

— Não vou com você! Eu o odeio!. Vou matá-lo! Solte-me!

— Ponha na sua cabeça, mulher, que eu a salvei e que não vou machucar você. — Quando a moça lhe deu outro soco, Mac falou alto como se fosse para si mesmo: — Devo ter minhocas na cabeça.

A garota tentou arranhar o rosto dele com suas garras afiadas. Mas seus dedos se enrascaram na imensa barba e Mac riu, satisfeito, enfurecendo-a ainda mais.

— Solte-me!

— Está bem. — Ele abriu os braços e a jovem caiu no chão. Mas ela não caiu esparramada na poeira, como Faith imaginou que seria; caiu como uma gata, de quatro. Em seguida, se levantou com um movimento rápido, encarando Mac, cheia de fúria.

Então olhou para Faith, Nicholas e Stevens, com as mãos na cintura e uma

expressão que não demonstrava medo.

A garota tinha uma aparência vistosa. Sua saia longa e franzida expunha um pouco dos tornozelos, e seus pés estavam descalços, exceto por uma correntinha de prata ao redor de um dos tornozelos. Tinha uma beleza selvagem, meio cigana, com olhos negros brilhantes e cabelos muito pretos e cacheados. A estatura era baixa, e seu porte, pequeno, mas bem-feito e com curvas generosas.

Mac desceu do cavalo e disse algo que ninguém entendeu. A jovem respondeu em espanhol; algo abusivo, pelo tom. Mac respondeu na mesma língua.

A moça estranhou.

— Como você sabe a minha língua, inglês?

— Não sou inglês. Meu nome é McTavish. Morei na Espanha durante alguns anos com o exército e aprendi um pouco de espanhol.

— Eu odeio soldados!

Ele deu de os ombros, ignorando-a, e tirou a sela de seu cavalo.

— Odeio ingleses também.

— Já disse que não sou inglês.

— Conheço os soldados. Se você tentar me tocar, eu o mato! Mac não fez nenhum sinal de que estava prestando atenção e continuou tratando de seu cavalo. A garota deu um passo à frente e o cutucou com força nas costas.

— Você me ouviu, inglês? Eu disse que se você me tocar, eu o mato!

Ele se virou.

— Pela última vez, eu já disse que não sou inglês, sua maluca teimosa.

Os outros membros do grupo assistiam à cena fascinados e divertindo-se muito com a dupla.

— Não sou maluca nem teimosa. Meu nome é Estrellita e não aceito desaforo de nenhum homem, inglês ou não! Conheci os ingleses durante a guerra e não...

— Eu não sou inglês! — Mac rosnou.

Faith e Nicholas riam a valer. Stevens vertia lágrimas de tanto rir.

Estrellita olhou com desdém para Mac.

— O que você é, então? Não parece ser português ou espanhol e nem francês, não com essa moita vermelha na cara. Os porcos franceses fedem como todos os soldados, mas eles são elegantes.

— Eu sou escocês, mulher!

— Escocês? Ah, já sei, são aqueles que usam saia. Você também usa saia?

— Não é saia, é kilt!

— Mas o que é um kilt exatamente? Mac procurou as palavras com cuidado.

— Eles são confeccionados com um tecido de lã, num xadrez tradicional e de acordo com o clã a que a pessoa pertence. O kilt é preso ao redor do corpo do homem. Em volta da cintura são formadas pregas, e um cinto faz o acabamento.

A moça ergueu uma sobrancelha e declarou:

— É uma saia. Não sei como você tem coragem de usar saia com essas pernas peludas!

— Como sabe que as minhas pernas são peludas?

Ela o olhou de baixo para cima, silenciosamente indicando que se as partes visíveis dele eram tão peludas, as pernas com certeza também o seriam.

— Então você usa saia, mas não tira essa barba horrível. Isso é muito estranho.

Mac respondeu num rosnado:

— Eu não uso mais o kilt.

— E uma pena. Acho que você deve até ficar engraçadinho de saia, Tavish.

Estrellita olhou então para Stevens e Nicholas, que ainda riam da situação. Ela observou Nick por um momento com um olhar estranho, como se um pressentimento

tivesse lhe passado pela cabeça. Então voltou-se para Faith.

— Eu sou Estrellita. Você atirou para me ajudar na vila, não foi? Sou muito grata a você por ter me ajudado.

Faith se aproximou e pousou o braço no ombro da moça.

— Estou muito feliz que você não tenha perdido o bom humor. Que coisa terrível lhe aconteceu. Aquelas mulheres pareciam enlouquecidas. Meu nome é Faith, quero dizer, sra. Blacklock, mas você pode me chamar de Faith, pois tenho certeza de que seremos amigas.

Amigas? O sorriso de Nicholas desapareceu. Ele sabia que sua esposa era do tipo amigável, mas oferecer amizade a uma desconhecida com jeito de cigana, alguém que havia sido atacada por uma multidão ensandecida de mulheres que ele presumia serem, em situações normais, senhoras de respeito, isso já era ir longe demais. Nick limpou a garganta.

A garota olhou desconfiada para ele por sobre o ombro amigo de Faith, que a abraçava calorosamente.

Faith continuou as apresentações:

— O homem alto que está limpando a garganta é meu marido. Aquele com um lenço é Stevens, e esse é o sr. McTavish, que você já conheceu, é claro. Saiba que está segura agora e que cuidaremos de você. Meu marido é um perfeito cavalheiro, assim como Stevens e... — Ela olhou para Mac. — O sr. McTavish irá protegê-la. Aliás, como já o fez.

A garota bufou ao olhar para Mac.

— Deixe-me dar uma olhada nesses seus arranhões — disse Faith. — Stevens, você ainda tem um pouco de pomada? E conhaque para acalmar os nervos. — Faith tomava as providências que julgava necessárias. — Precisamos também de água para Estrellita se lavar. Nicholas, você poderia acender uma fogueira?

A resposta dele foi um olhar sarcástico.

— Então? — Faith fez um gesto com as mãos para que o marido se mexesse. — Precisamos de água quente e logo!

Após o jantar, Nicholas resolveu que já era tempo de falar com a misteriosa garota.

— Por que aquelas mulheres a atacaram?

Estrellita enrijeceu-se ao ouvir a pergunta pela qual esperara durante várias horas. Faith não permitiu que ninguém importunasse a garota até que todos os machucados fossem tratados, que ela estivesse banhada e alimentada.

— Não sei por que aquelas malucas me atacaram. Por que o senhor não perguntou para elas?

Mac entrou na conversa:

— Não fale dessa maneira com o capitão, garota. Agora responda à pergunta dele. Nós não vamos machucá-la, mas o fato é que você deve ter feito alguma coisa para provocar a ira de toda uma vila.

Faith ficou surpresa com o tom de voz de Mac. Desde que ela chegara, o tom dele sempre havia sido áspero e rude, mas com essa garota até parecia gentil.

Estrellita se controlou ao ouvir o tom de Mac, jogou os cabelos para trás e respondeu rispidamente:

— O que eu fiz? Eu enfeitei os homens, envenenei a água, azedei o leite, transformei o vinho em vinagre e curei os bebês delas, isso foi tudo.

Mac ergueu uma sobrancelha e disse, num tom mais brando:

— Isso foi tudo? Você não amaldiçoou os recém-nascidos, amaldiçoou?

Ela o encarou.

— Não, mas vou amaldiçoar você, seu grande urso vermelho! Para o assombro de todos, um sorriso surgiu no rosto de Mac.

— Qual era a doença dos bebês que você curou?
— Febre.
— E o que você fez?
— Eu os alimentei com sapos e, depois disso, dancei nua com o demônio. O que acha que eu fiz?
— Mas o que, exatamente, você usou para curar a febre?
— Algumas ervas com um pouco de raiz de alcaçuz.
— Muito bem. Então por que as mulheres estavam tão bravas? Os olhos negros de Estrellita brilharam de raiva.
— Porque eu enfeitei os homens delas, é claro, e me deitei nua com eles na praça central da vila.
Mac franziu a testa, pensativo.
— Então o problema foi com os homens. — Ele a olhava com curiosidade. — Mas o que eles queriam fazer com você?
Estrellita o encarava com fúria e Mac continuou calmamente:
— Você é bonita, garota, mas eles não iriam tentar seduzi-la na frente das próprias esposas. Tentaram levá-la para algum lugar?
— Para a estalagem. Pensei que iam me pagar pela cura dos bebês, mas eles queriam... eles queriam. — Ela baixou os olhos, envergonhada. — Queriam fazer comigo o que não faço com nenhum homem!
— E então as mulheres descobriram. A moça estremeceu.
— Elas culparam você, não foi? — Faith interferiu. — Aconteceu o mesmo comigo! Estrellita a encarou, espantada.
— Com você?
Faith concordou veementemente, inclinou-se e tocou na mão da jovem.
— Sim. Quando uma mulher bonita se encontra sozinha, os homens querem... que a gente lhes conceda favores... Mas por alguma razão, todos culpam as mulheres. O que não é justo.
— Sim, senhora, a culpa sempre recai sobre as mulheres. Nick percebeu um brilho de lágrimas nos olhos de Estrellita e se surpreendeu com isso. Talvez ela não fosse o que ele tinha imaginado.
— Quantos anos você tem? — Nicholas perguntou.
— Dezenove — Estrellita respondeu, desconfiada.
— De onde você é?
— Por que quer saber?
— Nenhuma razão em particular.
— O que meu marido quer dizer é que estamos viajando para o sul, para Bilbao — Faith entrou na conversa. — E se a sua casa for naquela direção, nós poderemos acompanhá-la até lá. Não é seguro para uma mulher viajar sozinha.
Nick olhou para a esposa um pouco irritado. Não era exatamente isso que ele planejava oferecer à moça. Para começar, a garota era uma cigana, e se ele conhecia algo sobre os ciganos, era a fama de ladrões.
Estrellita olhou para Faith, depois para Mac e, em seguida, posou seu olhar em Nicholas.
— Estou indo visitar minha avó, que mora perto de Bilbao — ela explicou.
— Então você está indo para Bilbao. Mas onde exatamente vive sua avó?
— Nunca vou lhe dizer! — O olhar dela era desafiador.
— Por que você está indo visitar sua avó? — Faith perguntou.
— Já está muito velhinha e eu não a vejo há alguns meses. Ela me enviou uma carta pedindo para eu voltar para casa. E agora que o vi. — Ela apontou para Nick. — Sei por que minha avó me chamou de volta.

Nick ignorou a estranha insinuação de Estrellita. Ela era apenas uma garota assustada e rebelde. Ele gostaria de perguntar como a tal carta havia chegado, pois tinha certeza de que nem a garota nem a avó sabiam ler e escrever. Mas os ciganos tinham seus meios de se comunicar, isso Nick sabia.

Ele olhou para Mac, que não tirava os olhos de Estrellita, e tomou sua decisão. Mac com certeza daria conta de vigiar a cigana rebelde, e se ela tentasse roubar algo, ele a pegaria. Além do mais, a moça parecia ser inofensiva e o seu relacionamento com Mac era divertido. Para completar, Faith já tinha se apegado a ela, cigana ou não, ladra ou não. Nick não tinha muita escolha.

— Você sabe cavalgar?

Estrellita bufou em vez de responder. A resposta era óbvia demais, pois os ciganos eram famosos por suas habilidades com cavalos.

— Stevens, você se importaria de dividir a sela com Estrellita?

— Não vou cavalgar com ele. Prefiro o outro. — Ela apontou um dedo na direção de Mac.

— Isso eu vou decidir — Mac declarou.

— Já tenho de carregar a bagagem, capitão — Stevens interveio.

— Eu vou com ele — a moça insistiu num tom de desafio.

Nick já estava quase concordando. Pois não fazia mesmo sentido colocá-la junto da bagagem e correr o risco de que algo fosse roubado.

— Mac?

— Esta bem, capitão. Mas tenho certeza de que ela vai me enlouquecer.

— Ótimo! — Faith exclamou. — Agora, não sei sobre vocês, mas eu adoraria que Nicholas tocasse seu violão. Você tocaria, por favor?

Não tinha como negar um pedido tão doce, então ele tocou por cerca de meia hora. Em sua maioria, as músicas que foram executadas naquela noite era espanholas, que Nicholas aprendera nos tempos do exército. Ele pensou em perguntar para Estrellita se ela conhecia alguma, mas no instante em que ela percebeu o olhar de Nick, ergueu os ombros e virou o rosto com rispidez. Era mesmo uma garota petulante!

Mas então ele viu os olhos sonolentos de sua esposa e decidiu que era hora de guardar o instrumento e ir se deitar.

Assim como na primeira noite em que Faith se juntara ao grupo, eles iriam dormir no chão ao redor da fogueira, com os homens trocando turnos de vigília. Mac foi o primeiro.

Estrellita parecia não conseguir se ajeitar e o escocês apanhou seu cobertor e o jogou para ela.

— O que você está querendo? Pois vou logo avisando que eu não vou...

Mac a interrompeu no mesmo instante, olhou na direção onde Nick e Faith estavam e disse baixinho:

— Cale-se, sua mal-educada! Não quero nada com você e, de qualquer maneira, não é decente usar esse tipo de palavreado.

— Mas os soldados ingleses sempre falavam assim, e os franceses também. Não que eu fizesse sexo com eles.

Ele tampou a boca de Estrellita.

— Chega!

— Como eu devo falar, então? Que palavra os escocês usam para...

— Não precisamos de uma palavra para isso!

— Mas eu precisei quando os homens que conheci queriam fazer comigo.

Mac pensou por um momento, antes de responder.

— Você pode dizer nhenhém. Ela considerou e então disse:

— Bem, então fique sabendo que eu não vou fazer nhenhém com você, inglês!

— Quando você vai enfiar nessa sua cabeça que eu não sou inglês? Meu nome é

McTavish, mulher.

— Como vai, Tavish? Meu nome é Estrellita. E eu não faço nhenhém com nenhum homem. Entenda isso e nós poderemos ser amigos.

— Deus me livre!

— Espero que Ele o livre mesmo — ela disse educadamente. — Mas então por que você está me agradando se não quer fazer nhenhém comigo?

— Eu só trouxe o cobertor para você porque durante a noite vai esfriar.

— Pensa que eu não sei como é dormir no chão e ao relento? Não sou uma flor frágil e delicada.

— Não mesmo, você é uma garota muito teimosa e durona!

Faith observava a discussão a distância, pronta para interferir a qualquer sinal de hostilidade de Mac.

— Não se preocupe — Nick sussurrou no ouvido da esposa. — Ela parece ser uma garota acostumada a se defender sozinha.

McTavish se aproximou de Estrellita, parecendo um grande urso feroz.

— Não quero saber se já dormiu numa árvore ou numa toca, nesta noite você vai dormir com o meu cobertor!

— Mas ele é seu — ela retrucou.

— Sim, sua menina teimosa, porém hoje estou de vigília! Não vou precisar do cobertor! Além do mais, tenho o meu casaco! Agora pegue o cobertor. Se durante a ronda eu perceber que você não o está usando, agüente as consequências! Não vou tentar fazer nhenhém com você, mas não posso prometer que não lhe darei uma surra!

Depois da ameaça, Mac virou as costas e seguiu para seu posto de guarda.

Estrellita ficou observando-o se afastar. Só então ela abriu o cobertor e se acomodou. Logo ao lado, Beowulf a observava atentamente.

Faith se indagava se convinha avisar a garota de que o horrível animal odiava mulheres. Mas quando ia abrir a boca para falar, o cão já estava aceitando docilmente os carinhos da pequena cigana. Era assombroso!

— É uma pena que aqueles dois não se entendam. Isso dificultará a nossa viagem.

Nick a abraçou carinhosamente antes de responder.

— Pelo contrário, minha inocente esposa, será extremamente divertido.

Ela o olhou pensativa, mas não questionou a afirmação do marido e decidiu que já era hora de se aconchegar na confortável cama que ele tinha preparado para ambos.

— Como Mac disse, a noite será fria. Por isso, dormir assim juntos é mais uma questão de necessidade e sobrevivência.

— Sim, é claro, por necessidade — Faith concordou, escondendo sua satisfação. Eles não teriam nenhuma chance de desfrutar carinhos mais íntimos, mas mesmo assim Nick fazia questão de dormir juntinho dela.

Seus corpos se ajustaram tão naturalmente que Faith sentiu um pequeno tremor de contentamento. Aquela era a maneira como ela queria dormir pelo resto de sua vida; bem, não no chão, mas abraçada com Nicholas Blacklock.

Faith suspirou profundamente.

— O que foi isso? — ele perguntou.

— Nada. Eu apenas acho que devo lhe agradecer por... por... Oh, Deus, lá vem a declaração!, Nick pensou.

— Devo lhe agradecer por haver me ensinado a viver o momento, sem pensar no passado ou no futuro. Você não pode imaginar que diferença isso fez na minha vida.

A tensão de Nick se aliviou.

— Que tipo de diferença?

— Olhe para o céu. Você já viu tantas estrelas e tão brilhantes? A noite está linda e tão calma. Só de estar aqui, segura, aquecida, bem alimentada e protegida já é o

suficiente para mim. É tudo de que eu preciso no momento para ser feliz.

Nick não respondeu nada; ele não conseguia. Havia um nó em sua garganta. Ela sempre o surpreendia, sua querida esposa. Poucas mulheres se dariam por satisfeitas com uma cama no chão, ao relento.

Faith continuou:

— Antes de você me ensinar a viver o momento, eu costumava me preocupar. Quer dizer, costumava amargar o passado e planejar exaustivamente o futuro. — Ela fez uma pausa. — Foi por isso que caí tão facilmente na conversa de Felix.

Nick não disse nada e apenas aguardou que Faith continuasse. Ele queria saber qual era o atrativo do maldito.

— Minha irmã gêmea e eu sonhamos com os nossos futuros maridos e como seria o nosso futuro. No sonho, ele seria cheio de alegria, de música e de amor; tudo que não tivemos quando crianças. — Ela sorriu. — Você não tem idéia de quanto sonhei com aquele futuro. Ele seria a confirmação do nosso sonho de encontrar o verdadeiro amor como o de meus pais e como o que minhas irmãs Charity e Prudence encontraram. Até mesmo minha irmã gêmea, Hope, encontrou o amor inesperadamente. Eu nunca a vi tão feliz. — Mais um momento de silêncio e Nick achou que provavelmente Faith tinha lágrimas nos olhos.

Nos últimos tempos, Nicholas já havia se esquecido de como era sonhar, pois sabia como os sonhos poderiam ser esmagados com facilidade. No fundo, ele até desejava que as coisas fossem diferentes, mas uma terrível convicção de que nada mudaria no final pairava no ar.

A princípio, Nick imaginara que poderia encarar aquela viagem sozinho. A solidão já fazia parte de sua vida, mas desde a chegada de Faith, tudo havia mudado.

— E quando Felix apareceu, ele era o melhor músico que eu já tinha conhecido, e era tão bonito e, bem, nunca procurei olhar para além das aparências. Eu simplesmente o encaixei no papel. Não sabia qual era a diferença entre sonho e realidade.

Ela se recostou contra o peito de Nick e suspirou de novo.

— Mas agora eu sei. Isso é real.

Nick sentiu-se desolado. Desejava poder dar a Faith a vida que ela queria. Cheia de música, alegria e amor. Mas isso não seria possível. Não para eles.

— A realidade é cheia de bons momentos se você souber valorizá-los. — Os olhos de ambos se encontraram. — O presente que você me deu não tem preço, Nicholas Blacklock, e lhe agradeço do fundo do coração. Graças a você, eu sei que seja lá o que o futuro me prepara, minha vida nunca mais será triste e vazia.

Nick não conseguia dizer nada. Nem podia suportar o olhar terno e honesto de Faith. Puxou-a para mais perto e a beijou profundamente.

Na manhã seguinte, Nicholas despertou com o sol nascendo e deparou com a cigana parada ao lado dele, com as mãos na cintura.

— É você! — Estrellita o acusou. Nick se sentou.

— Bem, quem mais poderia ser? — ele retrucou, irritado.

— Você é o escolhido!

— Que escolhido? — Nick coçou a cabeça. As palavras da garota não faziam sentido, e ele só queria que ela saísse dali e não acordasse Faith, que dormia profundamente.

— Você é aquele que veio para tirar a vida da Anciã.

— Que Anciã?

— Da Anciã, minha avó.

— Você acha que eu vim para matar a sua avó? Que grande bobagem é essa?

— É verdade! Eu sinto aqui! — Estrellita bateu no próprio peito.

— Ouça, sua garota tola, eu nunca machuquei uma mulher em toda a minha vida, e se você acha que vou começar a fazer isso agora, justamente com uma senhora idosa... Bem, tudo que posso dizer é que você tem minhocas na cabeça!

— Minhocas? — Curiosa, Estrellita olhou para Mac em busca de uma explicação. Ele respondeu com uma batidinha na cabeça. — Eu não estou louca. Você é o escolhido. Percebi isso na noite passada, quando vi os seus olhos frios como gelo. Então sonhei outra vez com a profecia.

— Que bobagem é essa de profecia?

— Minha avó disse: "Estrangeiros chegarão. O primeiro, com seu próprio sangue na terra aos meus pés; o segundo, um homem de fogo, sangue do meu sangue; e o terceiro com olhos de gelo, cujo sangue vai tirar a minha vida". — Estrellita olhou para Stevens, Mac e Nick. Três estrangeiros, e um deles, o homem de fogo.

— Quanta bobagem! — Nick exclamou. — Profecia antes do café da manhã! Agora basta, ou todos teremos indigestão. Veja, garota tola, eu não vou machucar sua avó, e como você pode ver por si mesma, Mac não solta fogo, apesar de eu ser obrigado a admitir que com essa barba vermelha, até parece que está pegando fogo!

Estrellita disse num tom perturbado:

— Vou alertá-lo, capitão, que não permitirei que mate minha avó.

Nick virou os olhos.

— Tire-a daqui, Mac, antes que eu perca a calma.

Mac conduziu Estrellita pelo braço, com ela ainda resmungando sobre a tal profecia.

Nicholas ficou aborrecido. Aquela era a companhia de viagem que faltava, uma cigana maluca. Como se ele já não tivesse problemas o suficiente para encarar.

Olhou para sua querida esposa, que ainda dormia, e beijou-a suavemente na testa. Em seguida, apanhou algumas coisas e seguiu para o rio. Um banho era tudo de que ele precisava para espantar o mau humor.

O café já estava pronto quando Nicholas voltou do rio. Vendo-o retornar, descalço e somente de calça e camisa, Faith se arrependeu de não ter ido se encontrar com ele. A camisa desabotoada, os músculos à mostra, os cabelos ainda molhados e o rosto barbeado atiçavam ainda mais o desejo dela. Faith teve uma visão do marido, seu deus grego, nadando nu.

Sua reação imediata foi correr ao encontro de Nick para o cumprimento de sua obrigação matinal.

— Bom dia, sr. Blacklock. — Ela ficou na ponta dos pés, pousou os braços ao redor do pescoço dele e beijou-o suavemente.

Nick passou a mão livre em torno da sua cintura e retribuiu o beijo. A pele dele ainda estava fresquinha do banho de rio e cheirava a sabonete.

— Bom dia, sra. Blacklock, espero que a senhora tenha dormido bem.

Um belo sorriso se abriu no rosto de Faith.

— Eu sempre durmo bem nos seus braços, mesmo que seja no chão. — E essa era a pura verdade, Faith pensou, maravilhada. — Casar com o senhor foi bom para mim, sr. Blacklock.

O sorriso de Nick desapareceu e ele a soltou abruptamente.

— Você já tomou seu café da manhã?

— Ainda não. Estava esperando por você.

— Então se apresse. Quero pegar logo a estrada. — Nick se afastou, deixando Faith parada no mesmo lugar, pasmada e indagando-se sobre o que dissera de errado.

Quando então ela percebeu uma trilha de sangue por onde ele tinha passado. Nicholas estava ferido!

— Nick, espere! — Faith correu até ele. — Você se cortou?

— Do que está falando?

— Você está sangrando! — Ela apontou para a trilha de sangue no chão. — Acho que cortou o pé.

— Não deve ter sido nada, pois não estou sentindo dor. Nicholas ia se afastar, mas Faith o segurou.

— Não discuta comigo e deixe-me dar uma olhada no seu pé. Ela o fez se sentar e pediu para Stevens trazer um pouco de água quente e um pano. Stevens veio, e Estrellita o seguiu, observando, curiosa.

Assim que a sujeira foi retirada, um corte profundo apareceu, e sangrava profusamente.

— Você deve ter se cortado em alguma pedra afiada ou num caco de vidro. Não entendo como não sentiu nada.

— Acho que a água fria adormeceu o meu pé. Coloque uma atadura nisso e vamos embora.

Stevens se inclinou por sobre o ombro de Faith para dar uma olhada.

— Creio que será necessário dar uns pontos, capitão. O corte foi bem profundo.

Nicholas deu de ombros.

— Então faça isso logo. Não quero me atrasar ainda mais.

— Vou buscar o material.

Faith sentiu um pouco de náusea ao imaginar que teria de dar alguns pontos no pé de seu marido. Para disfarçar, disse:

— Você está sendo muito corajoso. Se isso tivesse acontecido comigo, tenho certeza de que já estaria chorando.

Nick balançou a cabeça, mas havia uma ruga entre suas sobrancelhas. Talvez o ferimento estivesse doendo muito.

Stevens retornou com agulha e linha, o pote de ungüento e uma garrafa de conhaque. Entregou-a a Nicholas, que a colocou de lado, impaciente.

— Não preciso disso.

Stevens franziu a testa, mas não disse nada. Ele fez um gesto para que Faith se afastasse.

— Pode deixar que eu cuido disso, senhora.

— Pensei que talvez eu pudesse fazer. Essa é uma das obrigações de uma esposa de soldado, não? — A voz dela estava trêmula.

— Será mais rápido e menos dolorido para o capitão se eu o fizer. A senhora pode observar para aprender, e da próxima vez que ele precisar levar alguns pontos, saberá como fazer.

— Está bem — Faith respondeu, aliviada, e deu espaço para que Stevens pudesse trabalhar sossegado.

Ele lavou o corte com um pouco de conhaque. Nicholas nem se mexeu. Sua fronte, contudo, se contorceu. Stevens franziu a testa também, mas quando ia dizer algo, Nick o interrompeu:

— Vamos logo com isso.

Estava claro que Stevens estava familiarizado com aquele tipo de desafio; suas mãos moviam-se rapidamente e com precisão. Faith sentia uma pontada de dor cada vez que a agulha penetrava na carne de Nicholas. No terceiro ponto, ela sentiu tontura e quase caiu.

Nicholas percebeu, segurou em sua mão e disse baixinho:

— Não fique olhando, se isso lhe causa mal-estar. Eu estou bem. Vá tomar seu café. E uma ordem.

Mas Faith meneou a cabeça. Estava determinada a se manter firme. Se ele podia agüentar, ela podia assistir, pois acima de tudo estava determinada a provar para o marido

que servia para o estilo de vida duro dele.

Durante todo o procedimento, Nicholas não emitiu nenhum som ou gemido. Os soldados eram diferentes, Faith pensou. Com certeza, a dor que ele sentia era grande, mas continuava sentado, imóvel, sem nenhum sinal de sofrimento, exceto por uma ruga na testa.

A mão de Nick apertava a de Faith, como se fosse ela a necessitar de conforto. Observava-a; e Faith podia sentir o olhar do marido como um carinho caloroso, desviando-lhe a atenção do ferimento para ele.

— A senhora conhece plantain?

Faith piscou, surpresa com a pergunta de Stevens. Botânica nunca fora seu forte.

— É um tipo de erva, não?

— Sim, e muito útil. A senhora seria capaz de reconhecê-la se a visse?

— Não conheço muito de ervas, só aquelas que Cook usava para fazer xarope para nós quando éramos criança. Plantain não é uma que dá flores vermelhas?

— Essa mesma. No exército, costumamos chamá-la de erva do soldado. Se a senhora pudesse encontrar um pouco, ela servirá como um ótimo cicatrizante para o capitão.

— E mesmo? Então vou procurar agora mesmo. — Faith olhou para Nick. — Você ficará bem?

— Sim. Pode ir.

— Vou ajudá-la a procurar — Estrellita se ofereceu. — Você precisa de uma planta para estancar o sangramento, não é? — ela pediu a confirmação de Stevens.

— É isso mesmo. Você estará fazendo um grande favor ao capitão.

Estrellita torceu o nariz.

— Não estou fazendo isso por ele, só vou com Faith para que ela não se perca.

Nicholas observou as duas se afastarem e entrarem na floresta. A dupla formava um par estranho; a cigana o desprezava, mas parecia gostar de Faith.

— Espero que o senhor não se importe, capitão, mas achei que era melhor para a sra. Faith sair um pouco de perto.

— Eu sei.

— Estava determinada a passar por tudo a seu lado. Ela é uma boa esposa, sr. Nick.

— Sei disso, Stevens.

— A cigana vai ficar de olho na sra. Faith, para ter certeza de que não se perca na floresta. A moça é esperta. É interessante a maneira como Mac a trata, não é?

— É interessante como ela o trata, também — Nick respondeu. Stevens continuou o trabalho em silêncio durante alguns minutos. Então finalmente amarrou o último ponto com muito cuidado.

— É minha imaginação ou o senhor realmente não sente o que estou fazendo?

— Não é sua imaginação, Stevens.

— Isso não é nada bom.

— Depende do ponto de vista. Alguns diriam que é uma bênção. Stevens não gostou do que ouviu, e Nick preferiu não pensar sobre o assunto.

As duas não estavam muito distante quando Estrellita conteve Faith pelo braço.

— Eu não vim para ajudá-la a encontrar a erva — a moça disse num tom brando.

— Então por que veio?

— Vim para lhe pedir pela vida da Anciã.

— O quê? Você quer dizer pela vida da sua avó? Mas nenhum de nós pretende feri-la, Estrellita. Por que nós faríamos isso?

A garota, obviamente, não acreditava em Faith.

— Tenho observado você com seu marido e percebi que ele a escuta e se importa

com o que você pensa. — Ela apertou o braço de Faith. — Por favor, peça para ele não ferir minha avó. Peça-lhe para não se aproximar dela.

A angústia da garota era intensa, mas Faith, melhor do que ninguém, sabia quanto Nicholas era bom. Segurou nas mãos de Estrellita e disse:

— Nicholas não vai machucar a sua avó. Eu prometo. Ele pode parecer bravo, e às vezes é mesmo, mas nunca contra as mulheres. Meu marido é a criatura mais gentil que eu conheço.

— Não! Seu marido não fere você porque a ama. Mas a Anciã ele não conhece, não ama.

— Nicholas me salvou de uma situação de perigo quando nem mesmo sabia quem eu era. Acredite, ele é um bom homem.

Estrellita não estava convencida.

— Você é linda. É claro que ele a iria salvar. A Anciã é velha, cheia de rugas e nenhum homem a acha bonita. — Os olhos da jovem se encheram de lágrimas. — Ela é a única pessoa que resta da minha família.

— As aparências não fazem diferença para Nicholas. Quando ele me salvou, estava escuro e mal podia ver o meu rosto. Além do mais, se Nicholas fosse do tipo capaz de ferir uma mulher, teria batido naquelas que estavam atacando você na vila.

Os olhos da cigana ainda demonstravam medo e dúvida.

— Tive um sonho. Nele, a Anciã estava no chão sangrando, e o seu marido, ao lado dela com as mãos sujas de sangue. O que mais isso pode significar? Meus sonhos nunca mentem. — Estrellita continuou num tom trágico: — A Anciã e eu somos as últimas da nossa linhagem. Se ela morrer, estarei sozinha no mundo.

Faith mordeu o lábio. No rosto da garota pairava a certeza de que não era possível dizer que alguns sonhos eram apenas sonhos. Além do mais, Faith também acreditava na força dos sonhos. Por outro lado, sua vida tinha sido arrasada justamente por causa de um sonho.

Depois de um abraço terno, ela declarou:

— Estrellita, eu lhe asseguro que meu marido não vai machucar a sua avó.

A moça chorava compulsivamente.

— Ele vai matá-la; sei disso.

— Não, Nicholas não fará isso. Eu prometo.

— Vamos acampar aqui esta noite — Nick anunciou quando eles chegaram a uma clareira na floresta, aos pés de uma montanha.

Faith se ajeitou na sela, desapontada. Desde que Estrellita se juntara ao grupo, eles vinham acampando a céu aberto. Faith não tinha certeza se era porque Nicholas achava que nenhuma hospedaria aceitaria a cigana, ou se ele simplesmente preferia assim. A temperatura nos últimos dias estivera agradável e Faith tinha de admitir que gostava de dormir sob as estrelas.

Mas temia que a decisão de o marido de acampar novamente fosse apenas para mantê-la afastada. Pois quando acampavam, ela e Nicholas não tinham oportunidade de estar juntos mais intimamente.

Nicholas se aproximou para ajudá-la a desmontar.

— A viagem já está chegando ao fim — ele afirmou. — Sei que você deve estar cansada.

Mas Faith não queria que a viagem terminasse nunca. Tudo que desejava era ficar com Nick para sempre.

— Acho que chegaremos a Bilbao em três dias.

— Três dias! — Faith se espantou. Faltava pouco para ela ser obrigada a embarcar num navio para a Inglaterra. Isso significava que agora lhe restavam apenas três dias para

convencer o marido de não mandá-la de volta para casa.

Ela evitou as mãos de Nick e segurou as rédeas com firmeza.

— Não quero acampar aqui — Faith declarou. — Estou cansada e minhas costas doem. Preciso de um banho e quero dormir numa cama de verdade.

— Eu lhe falei que a viagem não seria fácil.

— Sim, você falou. E tenho agüentado sem reclamar. Mas agora quero um banho e uma cama. — Ela deu um sorriso carinhoso. — Você pode ficar aqui se quiser. Ainda tenho o dinheiro que me deu em Calais. Será suficiente para pagar por um quarto e um banho quente, na cidade mais próxima. — E antes que Nicholas pudesse responder, Faith puxou as rédeas do cavalo e voltou para a estrada.

Minutos depois, Nicholas a seguia, correndo como um raio, assim como ela imaginou que ele o faria.

— O que você pensa que está fazendo?

— Estou indo em busca de uma hospedaria. Você não me ouviu? — Era uma pena que seu cavalo já estava cansando, pois disputar uma corrida contra seu marido seria muito divertido.

— Você se casou com um soldado e, sendo minha esposa...

— Mas você não é mais um soldado. A guerra já acabou. — Faith respondeu com um olhar desafiador. Se Nick queria ser tratado como um soldado, então que explicasse qual era a sua missão na Espanha e em Portugal.

— Eu lhe falei desde o começo...

— E eu escutei. Acho que tenho me saído muito bem. Aprendi a pescar, e apesar de Stevens ter cuidado do preparo dos peixes, eu o ajudei em quase tudo.

— Sim, eu me lembro de uns pedaços de carvão que você chamou de torradas.

— A culpa não foi minha. Além do mais, aprendi a tomar banho de rio, a arrumar um acampamento, a dormir no chão e a tratar de ferimentos; ou, pelo menos, aprendi como eles são tratados.

— Mas...

— Portanto, como fui uma boa esposa de soldado até hoje, agora me vejo no direito de ter um banho quente e uma cama. Isso não é pedir muito, é?

Nicholas hesitou a princípio, mas acabou cedendo ao pedido da esposa.

A banheira era de cobre e foram preciso dois homens para carregá-la escada acima até o quarto. Baldes com água quente eram trazidos para o banho. Depois de tudo pronto, uma criada abriu um biombo em torno da banheira.

Em seguida, o pequeno quarto ficou vazio. Restaram apenas Nicholas e sua esposa. Ele deitou-se na cama, descalço e em mangas de camisa, observando atentamente os preparativos finais que Faith fazia para o banho. O universo feminino o fascinava.

Sentia-se privilegiado por poder participar desse mundo, ainda que apenas na posição de observador. Ele havia tido algumas amantes antes, não muitas; a vida nos campos de batalha era complicada e Nick nunca quisera se envolver emocionalmente com ninguém. Por isso a maioria não passou de casos rápidos, coisa comum entre os soldados.

Agora, tudo era novidade, a rotina... a intimidade. A intimidade de conhecer todas as peças de roupas dela, de sentir seu pequeno corpo enrascado ao dele todas as noites. Dos dias cheios de beijos apaixonados e carinhosos, de pequenos gestos de afeição: um toque, um olhar, algumas palavras trocadas, um sorriso.

Intimidade. Isso o aterrorizava. No entanto Nick não conseguia evitar.

Faith tirou os sapatos, as meias, o vestido e entrou atrás do biombo para tirar as peças íntimas. Nick sorriu diante da timidez. Na cama, já tinha explorado cada centímetro do corpo de Faith, e ela, do dele. Na cama, Faith havia aprendido a deixar a timidez de

lado e fazia amor com tanto entusiasmo e paixão que o deixava sem fôlego.

No entanto, agora, depois de apenas algumas noites sem se amarem, a timidez estava de volta. A contradição da esposa era adorável para Nick: dessa esposa que fizera amor no mar e que havia dormido nua com ele noite após noite, e agora estava atrás de um biombo para terminar de se despir.

E se eles nunca tivessem se encontrado? E se Faith tivesse corrido para outra direção, naquela noite? Nick se arrepiou só de imaginar o que poderia ter acontecido a ela. E se Faith tivesse seguido no navio de volta para a Inglaterra?

Ele nunca teria aprendido como era ter intimidade com uma mulher.

Apenas a silhueta de Faith aparecia contra a luz fraca que vinha da lareira. Nick a viu desabotoando a chemise e tirando-a. Sua boca secou quando ela se abaixou, tirou uma perna da roupa de baixo e depois a outra. Em seguida, espreguiçou-se, e depois disso ele ouviu o barulho da água se espalhando ao redor. O som seguinte foi um suspiro de satisfação emitido por Faith, e isso foi o bastante para Nick.

Ele entrou atrás do biombo e pousou as mãos sobre os ombros da esposa. Com um sobressalto, ela cobriu os seios instintivamente.

— Nicholas, o que você está fazendo?

— Vou dar um banho em você. Isso faz parte dos privilégios de um marido. — A voz dele soou rouca. A pele de Faith era rosa, e suas curvas sedutoras pediam que ele a tirasse da água, jogasse na cama e a possuísse sem preliminares, sem fineza alguma. Mas Nick tinha consciência do poder da demora e do divino prazer da sedução.

Ele apanhou o sabonete e começou a passá-lo na pele branca e delicada, a partir dos ombros. Faith estava tensa. Nick a massageou e, gradualmente, a tensão foi cedendo e os músculos, relaxando.

— Ah, que delícia... — ela disse. — Acho que estou um pouco dura.

— Eu também — Nick respondeu com ironia. Uma parte específica de seu corpo estava dura como uma rocha.

Faith não tinha percebido.

— Incline seu corpo para a frente, que eu vou esfregar suas costas. — As mãos dele continuavam com a massagem, seus dedos eram mágicos, e ela gemeu de prazer.

Sem aviso, as mãos de Nick atingiram os seios. Os bicos enrijeceram e ele acariciava-os delicadamente, seduzindo, provocando.

Faith suspirou e se movimentou na água, espalhando-a pelas laterais. Nick pegou a esponja e a passou nos seios, e ela gemeu e se recostou contra os ombros dele.

Nick jogou a esponja de lado e arrumou os cabelos de Faith que estavam espalhados pela nuca. Não eram muito longos, porém sedosos, cacheados, e ele amou a textura em seus dedos ao ensaboá-los.

— Isto é muito relaxante. Acho que daqui para a frente sempre vou querer que você me dê banho, Nicholas.

Ele massageou o couro cabeludo, e Faith tocou sensualmente nas mãos do marido, de olhos fechados, levando-o à loucura, até Nick não resistir mais e suas mãos seguirem para as coxas, aí ensaboando os pelos loiros que havia entre elas. A princípio ele massageava com delicadeza, e em seguida com mais intensidade. Faith gemia e segurava nas mãos dele, inclinando-se para a frente e beijando todas as partes do corpo de Nick que estavam ao seu alcance. A água se espalhava para todos os lados.

— Agora... Nicholas... agora... — Faith implorou, mas ele sabia quanto a demora era valiosa.

— Só vou terminar de lavar os seus cabelos — Nick disse, e ela abriu os olhos e o encarou, quase indignada, como se não pudesse acreditar no autocontrole do marido. Mas Nick estava firme como uma rocha, apesar de todo seu corpo arder de necessidade. Ele se concentrou então na tarefa que estava desempenhando, passo a passo, sabendo que

logo, assim que Faith estivesse pronta... O prazer da demora seria recompensador.

Cuidadosamente, enxaguava todo o corpo da esposa.

— Incline a cabeça para a frente para eu terminar de tirar a espuma. — E ela obedeceu sem discutir. — Agora levante-se.

Faith tentou se levantar, mas seus joelhos fraquejaram e ela se agarrou nele, molhando-o todo e ainda mais o chão. E se Nick achou que estava torturando a si próprio antes, aquilo não era nada comparado à sensação de ter de segurar o corpo molhado e nu de sua querida esposa.

— Ah, chega dessa história de enxaguar! — Ele a ergueu em seus braços e carregou-a até a cama. Faith tirou a camisa do marido com violência e, em seguida, cobriu o peito dele de beijos. Então ela o mordeu de leve, e Nick quase foi ao chão devido à agradável sensação que percorria todo seu corpo. Faith continuou mordiscando-o enquanto lhe desabotoava a calça.

— Finalmente! — ela exclamou, triunfante, quando suas mãos o tocaram da forma mais íntima.

Nick ouviu o próprio gemido.

Era muito para sua querida e tímida esposa. Um viva às contradições!

Faith despertou com uma sensação estranha. Algo estava errado. Nick dormia largado ao seu lado. Ela o cutucou, mas não obteve nenhum sinal de resposta. O que não era de surpreender depois da noite de amor que eles tiveram. Mas a estranha sensação não ia embora, então Faith o cutucou novamente.

— Nicholas, não sei o que é, mas... — A voz dela falhou ao perceber que ele não respondia. Nick estava largado na cama, imóvel, respirando lentamente.

— Nicholas! — Faith o chacoalhou outra vez, com mais força.

Levantou-se e pegou um pouco de água de uma jarra que estava no criado-mudo e molhou o rosto do marido. Nick nem se mexeu. Ela o chacoalhou com mais e mais força, mas ele continuava imóvel.

Aquilo não era sono; Nick estava inconsciente.

Faith saiu do quarto em busca de ajuda. Uma criada trouxe um pouco de sais de cheiro, mas eles não surtiram nenhum efeito.

No meio de toda a confusão, Stevens, Mac e Estrellita chegaram. Faith explicou o problema para eles, e todos permaneceram ao redor da cama.

— Você sabe o que é isso Stevens? — Faith perguntou.

— Não exatamente, mas acho que devemos deixá-lo descansar.

— Como podemos deixá-lo assim sem fazer nada? Ele está doente, você não percebe? Temos de ajudá-lo! — Ela estava desesperada e precisava fazer algo, qualquer coisa. Mergulhou uma toalha na água, torceu-a e, quando ia colocá-la na testa do marido, Mac a segurou pelo pulso.

— Ele já me parece muito molhado, senhora. Faith corou.

— Eu tentei despertá-lo com água fria.

— Posso perceber. — Mac se aproximou de Nicholas e o examinou cuidadosamente.

— Stevens está certo. Vamos deixá-lo dormir.

— Ele não está dormindo! — Faith quase gritou. — Está inconsciente e precisa de um médico. Um de vocês tem de encontrar um médico imediatamente.

Mac e Stevens trocaram olhares, e o escocês respondeu por ambos:

— Não. O capitão deu ordens para nunca fazermos isso.

— Mas como ele poderia saber?

Stevens bateu carinhosamente no ombro de Faith.

— É apenas mais uma daquelas dores de cabeça do sr. Nicholas; não precisa se desesperar.

Faith se esquivou da mão dele, irritada. Como Stevens podia dizer que aquilo não era nada? Nicholas estava inconsciente!

— Mas ele não teve dor de cabeça na noite passada. Estava muito bem. Se você não for procurar um médico, eu vou!

O dono da estalagem resolveu entrar na conversa.

— Não temos médico aqui, senhora. O mais próximo fica em Bilbao e ele não é muito bom. — O homem fez um gesto, indicando que o doutor era um beerrão.

Faith cruzou os braços e ficou olhando para o marido, tremendamente frustrada. Estava assustada e não sabia o que fazer.

Mac, que falava com o dono da estalagem, ergueu o tom de voz:

— O café-da-manhã será servido em vinte minutos, no andar de baixo. A senhora não vai poder fazer nada pelo capitão. Lave o rosto, vista-se e desça para tomar seu café. Estrellita lhe fará companhia.

— O senhor espera que eu tome café-da-manhã? — Faith declarou, incrédula.

— Sim. O capitão despertará quando for o momento. Enquanto isso, o melhor a fazer é ir se alimentar, pois passar fome nunca fez bem a ninguém. Não discuta comigo e faça o que estou dizendo.

— Mas eu não quero que Nicholas fique sozinho.

— Eu ficarei ao lado dele — Stevens se ofereceu. — Pode tomar seu café sossegada, senhora.

— Está bem — Faith respondeu, contrariada. — Mas logo que eu terminar de comer, voltarei.

Nicholas permaneceu inconsciente pelo resto do dia. No final da tarde, Mac forçou Faith a deixar o quarto e dar uma volta com Estrellita. Quando ela argumentar, o escocês simplesmente a arrastou para fora do quarto, dizendo:

— Estrellita não está acostumada a permanecer tanto tempo num local fechado. A senhora estará fazendo um favor para ela e para si mesma. Stevens e eu ficaremos aqui com o capitão. Leve o cachorro com vocês e ninguém irá importuná-las.

Colocado daquela forma, Faith aceitou, apesar da relutância.

Estrellita não deixou a oportunidade escapar e foi logo puxando Faith. Fora da estalagem, a garota deu um assovio agudo e, para o horror de Faith, o enorme cachorro apareceu como do nada.

— Tome cuidado que ele morde! Estrellita riu.

— Este aqui, não! — Ela acariciou o cão, falando com ele em sua própria língua. Para espanto de Faith, o animal esfregava a cabeça na perna da jovem, demonstrando que estava apreciando o carinho.

— Isso é espantoso.

— O quê?

— Pensei que o cachorro odiasse todas as mulheres. Ele sempre late para mim.

Estrellita abraçou o imenso cão pela altura do pescoço.

— Você tem latido para Faith, seu malvado? Não faça mais isso, Wulf, ouviu? — O cão balançava o rabo.

Faith não pôde conter o riso.

— Vamos passear um pouco, pois aquelas nuvens de chuva não vão demorar a chegar aqui.

O passeio foi curto. As nuvens negras logo encobriram o céu, fazendo-as voltar para dentro da estalagem um pouco antes da chuva cair.

Faith já ia seguindo na direção do quarto de Nicholas, mas Estrellita a deteve com uma pergunta:

— Nós somos amigas, não somos?

— Sim, é claro, Estrellita.

— Preciso lhe perguntar uma coisa. Mas não quero que ninguém nos escute. Trata-se de um assunto pessoal.

— Pois não. No andar de cima há uma sacada com vista para o mar. Ela é coberta, e lá poderemos conversar em privacidade.

Elas subiram até a sacada. O local estava úmido e um pouco frio, mas não suficiente para ser desconfortável.

— Agora pode me perguntar o que quiser, Estrellita.

— Quero saber se você gosta ou não de fazer nhenhém. Faith franziu a testa.

— Fazer nhenhém? Do que você está falando, Estrellita?

— Daquilo que você e o capitão fazem. — A garota fez um gesto rude com as mãos.

Faith levou algum tempo para se dar conta do que se tratava.

— Estrellita! — Ela encarava a moça com uma mistura de surpresa e embaraço, mas logo percebeu que a cigana também ficara sem jeito. — Desculpe, mas eu não esperava. Nunca vi ninguém se referir a isso dessa forma. Na verdade, nunca ouvi ninguém falar a esse respeito, exceto minha irmã mais velha, que falou superficialmente sobre o assunto conosco.

Alguns anos antes, logo depois do casamento de Charity, Faith e Hope encheram a irmã de perguntas acerca do assunto. A irmã tinha ficado muito corada, dizendo-lhes apenas que, quando se casassem, o marido de cada uma se encarregaria de explicar tudo, e que elas não teriam nada a temer.

— Eu não tenho nenhuma irmã a quem perguntar — Estrellita alegou.

Faith tinha consciência de que, provavelmente, ela própria estava vermelha. Indagava-se até onde iria a necessidade de detalhes da moça. Pois uma garota capaz de fazer gestos tão obscenos com as mãos, com certeza já sabia muito da vida.

— O que você quer saber?

— Quando faz aquilo com o capitão, você gosta ou não?

— Eu gosto.

— Gosta muito ou acha apenas suportável?

— Gosto muito. — Faith segurou as mãos de Estrellita. — É maravilhoso. É a melhor sensação do mundo.

— Melhor do que estar de barriga cheia?

Faith sentiu pena de Estrellita; a pobre moça com certeza estava familiarizada com a fome.

— Sim. Às vezes sinto que estive com fome durante toda a minha vida, e agora, com ele, nunca mais sentirei.

— É melhor do que beijar?

— Sim, é melhor do que beijar. Na verdade, pode-se beijar ao mesmo tempo.

A garota ficou surpresa com a afirmação. Em seguida, ela deu alguns passos no balcão, perdida em seus próprios pensamentos. Então se virou.

— Só fiz isso uma vez e foi horrível.

— A primeira vez é um pouco desconfortável mesmo. Estrellita olhava para o mar e evitava o olhar de Faith.

— Um soldado me violentou.

Faith se aproximou e abraçou a garota.

— Oh, Estrellita, eu sinto muito!

— Foi durante a grande batalha. Acho que o covarde estava se escondendo; talvez estivesse fugindo da luta, e então ele me encontrou num esconderijo. Na Espanha, todas as garotas sabiam que os soldados costumavam fazer isso quando encontravam uma mulher sozinha. — Ela estremeceu. — Mas eu fui boba e não me escondi direito. Nem imaginava que tipo de risco estava correndo.

— Quantos anos você tinha?

— Catorze.

— Oh, meu Deus!

Estrellita chorava compulsivamente e falou entre soluços:

— Eu o matei em seguida, enquanto ele dormia. Cortei-lhe a garganta.

Faith ficou horrorizada.

— Fico feliz que você tenha feito isso, Estrellita. Ele mereceu!

— Perdi a minha honra, mas me vinguei do maldito.

— Eu também perdi a minha honra — Faith disse suavemente. — Isso foi antes de Nicholas. Fugi com outro homem e pensei que havíamos nos casado, mas ele me enganou. Não foi um estupro, porém perdi a minha honra do mesmo jeito. Depois disso, pensei que nenhum homem decente iria querer se casar comigo. — As lágrimas molhavam seu rosto. — Mas Nicholas se casou. Ele mal me conhecia, então eu lhe contei a minha história, e mesmo assim se casou comigo.

Elas permaneceram ali por um bom tempo, apenas olhando para o mar. Então Estrellita perguntou:

— Você gostava de fazer aquilo com aquele homem que a enganou?

Desde aquela primeira noite com Nicholas, Faith não tinha pensado sobre a questão.

— Era razoável — ela respondeu. — Mas depois eu me sentia solitária. Com Nicholas é diferente. Depois de tudo, ele me abraça e eu me sinto tão feliz que às vezes acho que o meu coração vai explodir. — Os olhos de Faith se encheram novamente de lágrimas.

— Você o ama muito e por isso está preocupada. Mas ele não vai morrer, Faith. Não aqui e agora — Estrellita falou com uma certeza solene.

Faith olhou no fundo dos olhos da cigana, tentando desesperadamente acreditar nas palavras dela.

— Desculpe, Estrellita, espero que você não se importe se terminarmos a nossa conversa agora. Preciso ver como meu marido está.

A moça deu um sorriso triste.

— Não me importo. Você já me ajudou, Faith. Obrigada. Devo muito a você.

Faith entrou, mas antes se virou para dizer que amigos não têm dívidas. Mas as palavras que saíram foram outras:

— Estrellita, eu tenho quatro irmãs e sinto muita falta delas. Não posso imaginar como seria a vida sem minhas irmãs. No momento, preciso de uma irmã a meu lado, e acho que você também. Se quiser, nós podemos ser irmãs... irmãs de estrada.

A cigana mal podia acreditar no que acabara de ouvir.

— Você quer mesmo isso?

Faith concordou, emocionada demais para falar.

Os olhos de Estrellita se encheram de lágrimas; ela se aproximou de Faith e a abraçou ternamente.

Nicholas ainda ficou inconsciente por mais um dia e uma noite. Faith não saía do lado dele e insistiu várias vezes para que Stevens procurasse um médico, mas este respondia apenas que cumpria as ordens do capitão.

Nem mesmo as fitas vermelhas que Estrellita colocou ao redor do pescoço de Beowulf serviram para distraí-la um pouco. Nem a explosão de fúria de Mac quando viu as fitas em seu cachorro e disse que ele estava se transformando numa mulherzinha! Nada a distraía, seus pensamentos só tinham lugar para Nicholas.

Ele despertou somente na manhã seguinte, por volta das oito horas. Desorientado a princípio, mas depois de comer e tomar um pouco de café, parecia estar voltando ao normal.

— Acho que devemos consultar um médico, Nicholas — Faith sugeriu, ansiosa, ao

marido.

— De jeito nenhum! Já ouvi besteiras o suficiente dessa gente.

— Mas...

— Não! — A palavra explodiu no ar, e Faith cedeu. Arrependido por haver gritado com sua adorada esposa, ele se desculpou.

— Perdoe-me por ter gritado com você. Quando estas dores de cabeça começaram, eu consultei vários médicos na Inglaterra, na verdade consultei os melhores. Sei qual é o meu problema, e não é nada de preocupante. É só uma indisposição.

— Mas...

— Só perdemos um pouco de tempo, isso é tudo.

Faith não tinha outra opção senão aceitar as palavras do marido.

Capítulo VII

De acordo com os cálculos de Nicholas, eles chegariam a Bilbao em um dia. Após uma discussão, ele e Faith resolveram passar a última noite num acampamento na praia, perto da vila de pescadores de Biarritz.

Era uma noite morna e pairava um cheiro agradável no ar. Stevens tinha comprado alguns peixes dos pescadores locais e Faith o ajudara no preparo de um magnífico jantar, que eles comeram em torno da fogueira.

Após o jantar, atendendo a pedidos, Nicholas pegou seu violão e tocou várias melodias conhecidas: as favoritas de Faith, pelo menos uma para Stevens e uma em especial para Mac, encerrando com uma alegre canção espanhola. Logo aos primeiros compassos, Estrellita se levantou e começou a dançar.

Faith nunca tinha visto nada parecido. Instintivamente, sabia que aquela era a verdadeira dança cigana, e não a ridícula imitação que Felix costumava executar em suas apresentações. Aquilo parecia ter acontecido havia muito tempo. A figura de Felix lhe parecia patética agora, e Faith o baniu para sempre de sua memória.

Estrellita dançava descalça na areia, seus pezinhos batiam com força no solo e ela rodopiava de um lado para outro. Aquilo era paixão e disciplina, tradição e fogo de momento, tudo embrulhado no mesmo pacote. Cada parte de seu corpo era pura magia; os movimentos das mãos, às vezes batendo palmas, às vezes marcando o ritmo.

A música terminou e, antes que qualquer um pudesse aplaudir, ela falou, entusiasmada.

— Toque outra — a garota ordenou como uma rainha. Nicholas obedeceu; mal dava para ver seus dedos dedilhando as cordas freneticamente.

Estrellita dançou uma música após outra: as rápidas com um ritmo enlouquecido, as lentas eram as mais sensuais.

— Você é bom, capitão — Estrellita disse depois de três músicas. — Mas conhece esta? — E ela disse um nome que Faith não conseguiu entender.

Nicholas pensou um pouco.

— É esta? — Ele tocou alguns acordes.

— Isso mesmo, capitão. Então toque! — Estrellita pediu com um gesto soberano e se posicionou, altiva, de cabeça erguida, como se estivesse num palco de uma grande capital.

Nicholas tocou, e Estrellita deu início à sua dança. A música começou num ritmo lento. Os movimentos dela eram hipnóticos, vagarosos a princípio e, em seguida, mais rápidos.

Estrellita estava contando uma história de inocência e traição, de orgulho e desejos sem esperança. Seus movimentos acompanhavam os acordes, cada gesto era carregado de um significado. Emocionada, Faith tinha lágrimas nos olhos quando a garota bateu um pé na areia, exausta, e a música chegou ao fim.

Houve um longo momento de silêncio, e depois disso Estrellita ergueu a cabeça com um movimento lento e preciso; seus olhos se encontraram com os de McTavish e ela saiu correndo do acampamento.

Ele a seguiu no mesmo instante.

— Você foi magnífica, moça. — Mac tocou no ombro de Estrellita.

Ela respondeu com um tapa e um empurrão.

— Não me toque! — Ainda estava ofegante devido ao esforço da dança. Mac nunca tinha visto uma mulher tão bonita e tão sensual em toda sua vida.

— Mas o que foi que eu fiz? — Estrellita o seduzira com aquela dança sensual e agora ele nem mesmo podia beijá-la.

A garota se afastou nas sombras.

— Sou uma mulher de respeito, Tavish. — A voz dela ecoou na escuridão.

Mac suspirou. Sedução? Teria sido tudo fruto da imaginação dele?

— Eu sei, e não vou pressioná-la. Depois, por que iria querer alguém como eu? Você é tão bonita, e eu sou apenas um grandalhão feio e desajeitado.

Estrellita se aproximou um pouco, onde ele pudesse vê-la melhor.

— Você não é feio, Tavish. É vistoso. Só essa sua barba que é feia.

— O que tem de errado com a minha barba? Gosto dela. Levou anos para crescer assim.

— Você é homem e os homens gostam de barba. Mas nós, mulheres, não gostamos. E você não é desajeitado. Eu o vi manejando a sua faca. Tem mãos grandes e hábeis.

As esperanças de Mac se reacenderam. Ele se aproximou de Estrellita e dessa vez ela permitiu ser abraçada, ainda que estivesse dura como uma pedra. O escocês a beijou gentilmente, e aos poucos Estrellita foi relaxando. Os lábios dela, inexperientes, mas naturalmente sensuais, se abriram para os dele. Quando Mac, porém, tocou-lhe os seios, num segundo ele tinha uma fera em seus braços, mordendo, arranhando, se esquivando.

Mac a soltou, e Estrellita o encarava ofegante, com os olhos arregalados de medo e paixão.

— Calma. Eu não vou machucá-la. — Ele se aproximou novamente. — Agora vamos tentar outra vez. Não precisa temer, que eu não farei nada que você não queira.

Estrellita deu um passo para trás, cheia de suspeita.

— Por que você fala comigo assim?

— Assim como?

— Como se estivesse falando com um animal selvagem. Acha que eu preciso ser domada? — Ela o encarou. — Você falou com Faith a meu respeito?

— Não, nunca falei com ninguém sobre você.

— Mentiroso! — Estrellita deu um soco no braço dele. — Você sabe de tudo, não sabe?

— Sei do quê? — Mac indagou num tom evasivo, esfregando o braço. — Seu soco foi forte.

— Você sabe o que me aconteceu durante a guerra.

— Para ser franco, sim. Ouvi sem querer quando você contou tudo à esposa do capitão, lá na sacada.

— Então sabe que não sou mais virgem!

— Sim, mas isso não é problema. Eu também não sou virgem.

Estrellita deu outro tapa no rosto dele.

— Não zombe da minha situação, Tavish, ou cortarei a sua garganta do mesmo jeito que fiz com aquele porco inglês que me estuprou.

— Eu não estou brincando com coisa séria. Você fez bem em matar aquele maldito, ele merecia isso e muito mais. Você é uma moça muito corajosa e é tão linda como o brilho do luar. Não estou interessado num relacionamento passageiro. Sou jovem, forte e trabalhador. Tenho um pouco de dinheiro guardado. Cuidarei bem de você.

Houve um grande silêncio, e Mac pensou ter ouvido um choro baixinho.

— Eu tenho consideração por você, Tavish. Porém isso é tudo. — Depois de uma pausa, Estrellita acrescentou: — Mas não posso prometer nada!

— Você ouviu? — Faith perguntou. — Alguém levou um tapa.

Nicholas respondeu calmamente:

— Tenho certeza de que foi a srta. Estrellita batendo em Mac, e não o contrário. Não se preocupe, ele não a machucaria.

— Tem certeza?

— Sim, eu tenho. Você não percebeu como o escocês está atraído pela cigana?

— Ele se importa com ela, você não acha?

— Tenho certeza que sim. Desde que se conheceram, os dois não tiram os olhos um do outro. Todos aqueles arranhões e xingamentos fazem parte do jogo da sedução.

Eles ouviram uma voz com sotaque escocês e um murmúrio feminino. Nick se levantou e estendeu a mão para Faith.

— O que você acha de nadar um pouco ao luar, sra. Blacklock?

— Eu adoraria, sr. Blacklock.

Ele pegou um cobertor, sacudiu a areia e o dobrou no próprio braço.

— Por que o cobertor? Não está frio.

Nick piscou, mas não respondeu.

Eles caminharam até a praia. A areia era branquinha, a água brilhava e refletia como um espelho à luz do luar, e os dois resolveram tomar um banho de mar. Nick abriu o cobertor na areia e se despiu. Faith tirou o vestido e ficou de chemise e calça de baixo.

Ele sorriu ao dizer:

— A senhora sabe o que acontecerá com essa chemise e com a calça. E desde já informo que se alguma peça sair boiando, eu não vou atrás para recuperá-la.

Faith olhou ao redor, preocupada.

— Não há ninguém por perto — Nick assegurou. — Pode tirar tudo.

Lentamente, ela desabotoou a chemise, então olhou em volta várias vezes e finalmente a tirou. Desamarrou a calça, esperou que esta escorregasse até o chão e saiu correndo para a água.

A visão de Faith, nua à luz do luar, teve um efeito imediato em Nick, e ela sorriu diante do evidente sinal do desejo dele.

— O que pretende fazer a respeito disso, sra. Blacklock?

Faith observava o marido, admirando-o. Ele continuava parado no mesmo lugar com água até a altura dos joelhos, nu, esperando por uma resposta; excitado ao máximo. Ela se abaixou e o examinou mais de perto. Abrindo um sorriso, Faith sussurrou:

— Se o senhor pretende continuar me ensinando a nadar, acho melhor primeiro tomarmos uma providência quanto a essa situação.

— Creio que a senhora tem razão.

— Muito bem, tomarei uma. — Ela se aproximou ainda mais e seus lábios rosados deram um beijo na parte mais íntima do corpo do marido.

Então jogou água nele e saiu correndo. Nick levou um momento para se recuperar.

— Sua bruxinha!

Dando gargalhadas e espirrando água para todos os lados, os dois se divertiam numa perseguição sensual, em que um não queria realmente escapar do outro.

— Por causa da sua arte, eu terei de puni-la! — Nick a pegou e beijou-a intensamente. Faith entrelaçou as pernas e os braços ao redor dele e retribuiu o beijo.

— Sou sua escrava, senhor.

— Mentirosa, não há nenhum sinal de arrependimento em você.

Ela riu e tentou parecer arrependida, mas soou tão falso que Nick foi obrigado a beijá-la novamente como punição.

Fizeram amor no cobertor, na praia, como amantes prestes a se separarem para sempre. O ato deles foi completo, glorioso e fantástico, mas depois que acabou, Nick afundou em pura melancolia, como se aquela fosse a última vez dos dois, apesar de ele saber que não seria. Não ainda.

O casal retornou para o acampamento em silêncio, de mãos dadas, e foram para a cama pela primeira vez sem trocar um beijo de boa-noite. Abraçavam-se com força na escuridão e ainda levou um bom tempo para conseguirem dormir.

Estava chovendo quando eles chegaram a Bilbao, uma chuva fina, intermitente, que escondia com um véu cinza as montanhas que ficavam atrás da cidade. Avistaram a única estalagem existente e se dirigiram para ela com a intenção de tirar as roupas encharcadas quanto antes. Porém foram surpreendidos por uma voz, antes de entrarem:

— Srta. Faith!

Faith virou-se, surpresa em ouvir seu nome num lugar como aquele e mal pôde acreditar quando viu o homem que se aproximava em passos arrastados. Era o sr. Morton Black, o procurador de seu cunhado, Sebastian. Mas o que ele estaria fazendo na Espanha?

— Sr. Black? É o senhor mesmo?

Morton Black pegou a mão dela, fez uma reverência e a beijou.

— Sou eu mesmo, srta. Faith, e estou muito feliz em encontrá-la tão bem.

— Também estou feliz em vê-lo, sr. Black, mas o que o trouxe aqui? Aconteceu alguma coisa com Hope?

— Não aconteceu nada a ela. Pelo contrário, sua irmã está muito bem.

— E quantos às outras, Charity, Prudence e Grace? Elas estão bem?

— Não aconteceu nada a elas também. Todos os membros de sua família passam muito bem.

— Então por que o senhor está aqui? Veio cuidar de algum negócio de Sebastian?

— Não, senhorita, eu vim à sua procura. Sua irmã está muito preocupada com a senhorita, e o sr. Sebastian me pediu para procurá-la.

— Você poderia nos apresentar, querida? — Nicholas, que estivera o tempo todo ao lado ouvindo a conversa, pousou uma mão possessiva ao redor da cintura da esposa.

— Ah, sim, é claro, desculpe. Nicholas, este é o sr. Morton Black, o procurador de meu cunhado. Sr. Black, meu marido, sr. Nicholas Blacklock.

Os dois trocaram um aperto de mão e olhares desconfiados.

— Mas por que Hope está tão preocupada comigo? — Faith se dirigiu a Nicholas e explicou: — Minha irmã gêmea e eu temos uma conexão especial e sentimos quando uma está triste ou ferida. Por isso ela deve sentir que estou feliz. — Muito corada, virou-se para o sr. Black. — Além do mais, escrevi para Hope. Ela não recebeu as minhas cartas?

— Recebeu, senhorita, e foi por meio delas que eu vim encontrá-la em Bilbao. Por

falar em cartas, suas irmãs enviaram várias para a senhorita. — O olhar dele se voltou para Nicholas, e Faith, então, percebeu que apesar de ter assegurado nas cartas que estava bem, sua família não acreditava que Nicholas fosse mesmo um bom homem. Ela não estava surpresa. A maneira como ele a resgatara era boa demais para ser verdade.

— O senhor não vai parar de chamá-la de senhorita? Faith é uma mulher casada. — Nicholas declarou, irritado. — Ela é minha esposa!

Faith ficou surpresa com a reação inesperada do marido.

— Queira me desculpar — Morton Black disse. — Mas o senhor não é o Blacklock que era capitão sob o comando do general Cotton, em Talavera?

— Sim, sou eu mesmo. O senhor também serviu em Talavera?

— De fato, servi. Eu fazia parte da sexagésima infantaria. Lutei em Waterloo e me lembro do senhor lá também. — Ele bateu na própria perna de madeira. — Eu não tinha feito a ligação até ouvir o senhor falando mais alto. O senhor era bem mais jovem na época, e não estou me referindo apenas à idade. Mas que mundo pequeno, não é?

Nicholas lançou um olhar frio para o homem.

— Vamos, fale logo o que o senhor veio fazer aqui. Mas esse não era o método de Morton Black.

— Depois da guerra, eu não conseguia arranjar trabalho; não até que o sr. Sebastian Reyne me ofereceu um emprego. Sou capaz de fazer qualquer coisa pelo sr. Reyne. — Ele encarou Nicholas e completou: — E o sr. Reyne é capaz de fazer qualquer coisa pela esposa dele; e o que ela quer é ter sua irmã gêmea de volta sã e salva.

Nick pensou um pouco e então tomou uma decisão.

— Ótimo. Nesse caso, o senhor pode acompanhá-la de volta para a Inglaterra com a minha bênção.

Faith interveio:

— O quê?

Nicholas a ignorou e continuou a conversa como se ela não estivesse presente.

— Eu estava pensando em enviar Stevens com Faith, mas ele quer visitar o túmulo do filho em Vitória. Eu não confiaria a segurança de minha esposa a qualquer um. Mas agora me lembrei do senhor. Perdeu a perna ao salvar um dos seus companheiros, não foi?

— Isso mesmo. Não que eu tivesse feito grande coisa pelo pobre sujeito, pois ele morreu logo depois e eu fique sem a perna.

— O senhor me parece muito bem e a sua chegada foi bastante oportuna, sr. Black.

— Desculpe, mas gostaria de informar que eu não vou a lugar algum! Ficarei ao seu lado, Nicholas! — Faith interveio, indignada.

Como se ela não tivesse dito absolutamente nada, Morton Black continuou:

— Há um navio que parte amanhã. É uma pequena embarcação que transporta vinho para a Inglaterra, mas possui duas cabines. Tenho certeza de que poderemos conseguir duas passagens.

Faith ficou furiosa. Ela entrou no meio dos dois homens, que a estavam despachando como um pacote indesejável, e disse:

— Compre quantas passagens quiser, sr. Black, mas eu não vou embarcar!

Nicholas segurou-a pelo braço.

— Discutiremos isso em particular, senhora.

— Não me venha com essa conversa de senhora, Nicholas! Não discutiremos isso e pronto. Eu não vou para a Inglaterra.

Calado e contrariado, Nicholas conduziu a esposa, pelo braço, ao quarto da estalagem que eles ocupariam.

— Agora, vamos conversar. Você já sabia que esse dia chegaria, mais cedo ou mais tarde. Eu ficaria grato se a senhora não fizesse nenhuma confusão e partisse com

dignidade.

— Mas eu já disse que não quero partir. Ele fez um gesto demonstrando impaciência.

— Você sabe que eu tenho uma missão a cumprir.

— Sim, eu sei, e estou preparada para acompanhá-lo.

— O que quer dizer com isso? Eu não lhe contei nada a respeito da minha missão!

— Imagino que deva ser um tipo de missão militar secreta, e sei que, seja lá o que for, deve ser algo muito difícil e perigoso. Mas aprendi muito nessas últimas semanas, Nicholas. Tenho certeza que você pôde perceber que estou apta a acompanhá-lo.

Nicholas a encarava com um olhar perdido.

— Aprendi a cozinhar num acampamento, não muito bem, mas digamos que a minha comida seja razoável; aprendi a pescar e a limpar o peixe. Estrellita me ensinou algo sobre ervas medicinais, e embora eu não tenha conseguido dar pontos no seu ferimento, tenho certeza de que, se precisar, estarei pronta. Sei atirar também. — Faith segurou as mãos dele. — Quando você se casou comigo, eu era uma criatura inútil e sem esperança, mas agora sei que posso ser uma boa esposa de soldado. Não o atrasarei nem exigirei a sua atenção. Sei que essa missão que você tem deve ser muito difícil e importante, por isso prometo que não vou atrapalhar em nada. Não me mande de volta, Nicholas, por favor!

Ele ficou arrasado com as palavras da esposa. Faith já tinha falado sobre seu aprendizado antes, mas Nick não dera muita atenção. Não tinha notado que ela havia aprendido muitas coisas com ele, todas aquelas novas habilidades; treinando para ser uma boa esposa de soldado. De costas, Nick esfregou os olhos, mal conseguindo suportar a dor que a consciência disso tudo lhe causava. Faith queria ser uma boa esposa de soldado. Que ironia!

— Você está com dor de cabeça? — ela lhe perguntou. Ele segurou as duas mãos de Faith e beijou-as.

— Não desta vez. — Não que a dor não tardasse a chegar novamente, e Nick não tinha idéia de como seria sua próxima crise.

Então começou a pensar numa maneira de resguardar a dignidade de Faith e, ao mesmo tempo, afastá-la dele e enviá-la à Inglaterra para a sua amada família.

— Desculpe, minha querida, mas você tem de partir. Não poderá estar a meu lado quando eu tiver de cumprir a minha missão.

Faith ia argumentar, mas Nick a puxou para mais perto e disse gentilmente:

— Você se tornou uma ótima esposa de soldado. Nenhum homem poderia esperar uma melhor, soldado ou não. O problema não é você, sou eu. Se você estiver ao meu lado, eu me desviarei do meu objetivo. Você me distrai até mesmo quando não faz força para isso. O problema, meu amor, é que você se tornou a pessoa mais importante no mundo para mim.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Desculpe. Fiz de tudo para não me apaixonar. — A voz de Faith embargou na última palavra. — Mas não consegui evitar.

Nick suspirou e acariciou-lhe um dos cachos dourados.

— Eu sei. Eu também tentei, mas não pude evitar.

— Você se apaixonou também? — Ela mal podia acreditar no que acabara de ouvir.

— Sim, mas não deveria ter me permitido. Tentei esconder isso de você, impedi-la de me dizer o que sentia por mim. Pensei que se as palavras não fossem ditas, seria mais fácil. Mas as palavras são apenas parte de um todo. Elas são importantes, porém as ações estão carregadas de verdade também. Portanto, falando ou não de amor, o sentimento ainda está presente. E esse é o problema.

— Como o amor pode ser um problema?

— Um soldado deve se concentrar apenas na sua missão. A sua presença iria complicar as coisas imensamente.

— Você quer dizer que se eu ficar, será mais difícil para você conseguir cumprir o seu dever?

— Muito mais difícil.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Faith.

— Não tem nada que eu possa aprender? Nick enxugou-lhe as lágrimas.

— Não é uma questão de habilidades; é uma questão de quem você é. Você é Faith, por quem sou capaz de fazer qualquer coisa. A Faith que eu amo de corpo e alma.

— Nicholas! — Uma cascata de lágrimas descia dos olhos dela. — Eu o amo tanto, meu querido! Acho que não suportarei viver longe de você.

— Você vai conseguir. Você deve.

Ele a amava. Tanto que temia negligenciar seu dever em função dela. Para Nicholas, que prezava sua honra e dever com muita seriedade, aquilo devia ser algo terrível.

Morton Black conseguiu as passagens e retornou para informar que se o tempo permitisse, o navio partiria antes do alvorecer. Aquela seria a última noite deles juntos, e apesar de não terem discutido isso, Faith e Nicholas estavam de acordo: não desperdiçariam seus últimos momentos dormindo.

Faith o recebeu na cama vestindo a camisola que a sra. Marthe tinha lhe dado, a fina cambráia bordada à mão, amarelada pelo tempo e costurada com amor.

Nicholas a acariciou por cima do traje, do delicado tecido que cobria sua pele macia. Com mãos trêmulas, como se fosse a primeira vez para ambos, ele desabotoou cada pequeno botão de pérola, um a um, cuidadosa e lentamente, até a altura da cintura. Em seguida, beijou-lhe os seios por cima do tecido, uma, duas vezes. Então tirou a camisola de Faith e fez amor com ela com uma concentração que era de quebrar o coração, acariciando-lhe o corpo todo, como se quisesse memorizar todas as partes, cada curva, provando o sabor da sua pele.

Eles permaneceram na cama abraçados, trocando carícias suaves, murmurando coisas inconseqüentes.

Mais tarde foi a vez de Faith fazer amor com Nick, sentando-se no colo dele, saboreando-o como ela nunca tinha feito antes, sugando-o onde jamais imaginara que fosse possível. Estava cheia de orgulho feminino e amor ao vê-lo gemendo de prazer devido às suas carícias, até que Nick a virou de costas na cama e a penetrou novamente; e Faith sentiu o jato quente da semente do marido dentro de si.

— Acho que talvez tenhamos um bebê, Nicholas. Você gostaria?

— Eu adoraria. Dei instruções a Morton Black como encontrar meu procurador. Você e o nosso bebê ficarão amparados.

— Não precisa se preocupar comigo. Eu sou herdeira.

— Caso tenha um bebê, você o levaria para minha mãe conhecer?

— É claro que sim, mas nós iremos juntos, depois que você retornar, meu amor.

Nick a beijou com tanta ternura que Faith sentiu vontade de chorar. Estava, porém, determinada a não chorar. Aquela seria uma noite feliz. Se Nicholas estava seguindo para uma missão perigosa, ela iria garantir que ele levasse apenas boas recordações, não a imagem de uma esposa de cara inchada e olhos vermelhos de tanto chorar.

— Conte-me sobre sua mãe. Será que vou gostar dela?

— Minha mãe é uma mulher maravilhosa. Amava meu pai, apesar de ele ser muito bravo e não demonstrar carinho por ela. — Nick pensou por um momento antes de continuar: — Porém hoje eu me pergunto se na cama as coisas talvez não fossem diferentes. Eu não tinha pensado nisso até conhecer você.

Faith sorriu e esfregou seu rosto contra os pelos do peito do marido. Ela sonhara com aqueles momentos de felicidade. Antes de morrer, sua mãe prometera que todas as suas filhas seriam muito felizes e amadas. Nicholas tinha lhe dado isso e muito mais.

— Meus pais pareciam felizes o suficiente, e ela parecia gostar muito dele. Mas então meu pai sofreu um acidente. Ele sempre gostou de caçar, e um dia, quando ia pular uma cerca, seu cavalo empacou e meu pai caiu e quebrou a coluna.

— Minha nossa!

— Nós nunca nos tínhamos dado muito bem — Nick admitiu. — Mas esse acidente quase matou minha mãe.

— Em que sentido? Ela caiu também?

— Não, ela não montava. Meu pai levou mais de seis meses para morrer. E a morte dele foi lenta e dolorosa. Minha mãe quase morreu ao vê-lo naquela situação. Ela cuidou do marido até o fim.

Faith o abraçou em silêncio.

— Quando meu pai caiu, ela não tinha nenhum fio de cabelo branco. Mas quando ele teve a graça de morrer, ela estava envelhecida e grisalha. Ele não devia tê-la deixado passar por aquilo!

— Mas seu pai poderia evitar?

— Ele podia ter tomado algo para acabar logo com aquilo tudo, poupando-a de vê-lo sofrer e sem poder fazer nada para aliviá-lo, exceto pelo láudano. Mas nem isso meu pai aceitava. Ele estava determinado a se afundar no doloroso processo até o final, o maldito!

— Havia uma mistura de angústia e raiva na voz de Nick.

— Você o viu morrer?

— Não! Ele deixou tudo sobre os ombros de minha pobre mãe. Eu nem fiquei sabendo quando meu pai tinha se ferido, até receber a carta informando sobre a morte dele. A carta só chegou um mês depois do sepultamento.

Faith o abraçou.

— Mas sua mãe está bem agora?

— Sim, ela está.

— Eu a visitarei assim que chegar à Inglaterra. Talvez ela nem goste de mim, mas quero lhe contar quanto eu amo seu filho e como você está.

Nick a olhou com angústia.

— Mamãe gostará de saber que estou bem, e tenho certeza de que ela vai adorar você, Faith. E impossível não gostar de você.

Então eles fizeram amor de novo, silenciosamente, cheios de desejo e paixão. E depois que terminaram, Faith suspirou, distraída. Viva o momento, esqueça o passado, não se preocupe com o futuro. O momento era tudo que importava, ali naquela cama em Bilbao com Nicholas, seu marido, seu milagre, o amor de sua vida.

Eles caminhavam pelo porto de mãos dadas, iluminados pela luz fraca do dia que nascia. Stevens os seguia, carregando a bagagem de Faith e conversando com Morton Black. Mac e Estrellita vinham mais atrás, caminhando juntos, mas sem se tocarem. Até mesmo Beowulf veio se despedir de Faith. Provavelmente para ter certeza de que ela partiria mesmo, Faith pensou.

Uma brisa suave soprava e o céu estava limpo e calmo. Um dia perfeito para navegar.

Faith não queria partir e já não agüentava mais o esforço que fazia para conter as lágrimas.

— Por que não posso esperá-lo em Bilbao até que você resolva o que tem de resolver?

— Chega, meu amor. Nós já discutimos isso um milhão de vezes. Sua presença aqui só serviria para me distrair. Você tem de ir para a Inglaterra, para a sua família. Não ficará feliz de encontrá-los?

— Sim, é claro, mas esse não é o ponto. Eu poderia esperar por você e nós irmos

juntos.

De repente, Nicholas a soltou e se afastou. De costas, ele olhava fixamente para o mar. A brisa estava ficando mais forte, velas e cordas batiam enquanto marinheiros se agitavam de um lado para outro no convés do navio.

Stevens se aproximou e tocou no braço de Faith.

— Não dificulte ainda mais as coisa para ele, senhora.

O rosto dela se contorceu e as lágrimas reprimidas desceram.

— Eu sei. Desculpe. E que não suporto a idéia de deixá-lo, sobretudo agora que descobri que Nick também me ama. Ele me confessou, Stevens.

— Eu sei isso há muito tempo. Mas se a senhora o ama, então fará o que é melhor para ele e partirá.

Faith enxugou as lágrimas.

— Acho que isso faz parte de ser uma boa esposa de soldado, não é mesmo?

Mac interferiu:

— Exatamente, senhora. Agora faça com que o capitão se orgulhe da senhora. Vá e dê um beijo de despedida nele, e com um belo sorriso no rosto.

Faith sabia que os dois estavam certos. Nicholas tinha sua missão a cumprir, e a obrigação dela era partir com um sorriso e esperar em casa pela volta dele.

— Como estou?

— Linda e corajosa como sempre — Stevens respondeu.

— Sim, a senhora está ótima — Mac completou.

Havia bem pouco tempo aqueles dois homens eram apenas estranhos para Faith. Stevens tinha lhe ensinado muito, ele agira como o pai que ela não tivera na infância. Mac, que a princípio havia sido mais rude, agora se mostrava um grande amigo. Faith abraçou a ambos e depois Estrellita.

— Adeus, minha irmã de estrada — a cigana sussurrou-lhe no ouvido. — Nunca vou me esquecer de você, Faith.

Então ela seguiu para o local onde Nicholas se encontrava, tocou em seu braço, e ele se virou para ela. Usava sua expressão de soldado: frio, distante, controlado.

— Adeus, meu amor. Estarei esperando por você. — Lágrimas turvaram a visão de Faith novamente, mas agora não importava, pois Nick a abraçava com tanta força que ela mal podia respirar.

— Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. — A voz dele vacilou. — Eu a amarei até o dia da minha morte e por toda a eternidade. Lembre-se sempre disso, Faith.

— Tome cuidado, meu amor. Nos veremos na Inglaterra. Nick deu-lhe um último beijo apaixonado, virou-se e foi embora.

— Vamos, minha querida — Morton Black batia no ombro de Faith, e Faith permitiu que ele a conduzisse para o navio.

Assim que eles embarcaram, os marinheiros começaram a recolher a rampa e a prepararem o navio para zarpar. Faith olhava para o cais; não tirava os olhos de seu querido marido.

À medida que o navio se afastava, lágrimas desciam com mais intensidade e ela se curvou, chorando compulsivamente.

Eles estavam prontos para partir para a última etapa da viagem. Nick permanecia no mesmo lugar, observando o navio que levava sua esposa tornar-se cada vez menor.

— Você acha que o capitão vai se importar se nos desviarmos um pouco do caminho para deixar Estrellita na casa da sua avó? — Mac perguntou a Stevens.

— Depende do lugar. A garota ainda não disse onde é.

— Estrellita insiste naquela bobagem sobre o capitão matar a sua avó. Mas eu vou colocar um pouco de juízo naquela cabecinha teimosa. Nós estamos nos entendendo

melhor agora e pretendo me casar com ela.

— Parabéns. Acho que Estrellita será uma boa esposa para você, Mac.

— Ela ainda não disse se aceita o meu pedido. A garota é muito teimosa.

— Bem, acho melhor partirmos quanto antes. Não é bom para o capitão toda essa tristeza.

Quando Nick retornou, os três montaram em seus cavalos em silêncio. Ele parecia cansado e derrotado de uma maneira que Stevens nunca tinha visto antes.

— Capitão, o senhor se importa de acompanharmos Estrellita até a casa da avó dela?

Nick respondeu com indiferença:

— E claro que não. Onde fica a casa, Mac?

— Vou perguntar para Estrellita.

Mas a cigana havia desaparecido e Mac não a via em nenhuma parte.

— Stevens, você viu Estrellita?

— Não desde a partida do navio. Ela disse que precisava pegar algumas coisas na estalagem.

Eles a procuraram, porém logo ficou claro que a garota desaparecera. Mac não podia acreditar que havia sido abandonado mais uma vez.

— O que é aquilo ao redor do pescoço de Beowulf? — Stevens perguntou.

Mac assoviou e o cão veio balançando o rabo. Ainda usava a fita vermelha que Estrellita amarrara em torno do pescoço dele, mas junto havia outra azul. Mac sentiu um vazio profundo.

Ele retirou a fita do cachorro e disse:

— Pertence a Estrellita. Ela não sabe escrever, mas isto significa uma mensagem de despedida. — Mac guardou a fita azul no bolso e seguiu na direção dos cavalos. — Não precisamos esperar mais e nem nos desviar do nosso caminho. Podemos seguir direto para Vitória.

— Sinto muito, Mac — Stevens murmurou.

— Mulheres! Eu já devia esperar. Elas nunca gostaram de mim, mesmo.

— Estrellita é diferente.

Mac permaneceu calado por um momento.

— Sim, ela é. — Ele pegou o tecido azul, esfregou-o entre os dedos e o guardou no bolso da camisa, perto do coração.

— Ele é um bom homem, lady Blacklock — Morton Black disse depois que as lágrimas de Faith tinham secado. Em seguida estendeu-lhe um frasco. — Beba isto; a senhora se sentirá melhor.

Faith tomou um gole. Era xerez. O vinho adocicado não queimava tanto quanto o conhaque que Nicholas lhe dera para beber na noite em que eles se conheceram. Parecia que aquilo tinha acontecido havia tanto tempo... Ela devolveu o frasco ao sr. Black. Então se deu conta de como ele a tinha chamado.

— O senhor me chamou de lady Blacklock?

— Exatamente.

— Mas Nicholas nunca mencionou que possui um título de nobreza.

— Bem, talvez ele não quisesse chamar a atenção, mas não tenho dúvidas sobre isso. A família Blacklock é muito tradicional.

Faith lembrou-se da história que Nicholas havia lhe contado durante a noite. Ele ainda estava bravo com o pai. Talvez por isso rejeitasse o título.

Eles olhavam para a terra que ficava cada vez mais distante, e Bilbao parecia agora apenas um amontoado de construções. Faith sentiu um vazio por dentro. Era bobagem, disse para si mesma, toda mulher de soldado provavelmente sentia o mesmo, e apesar de

ela desconhecer a missão de Nicholas, devia confiar nele. Desde os dezesseis anos Nick já era um soldado; ele sobreviveria.

— A senhora irá se casar novamente? Faith ficou surpresa com a pergunta.

— Eu me casar novamente? Por quê? Pensei que o casamento na França tivesse valor legal na Inglaterra. Depois, nos casamos na igreja também.

— Sim, o seu casamento é válido na Inglaterra. — Morton deu um tapinha no ombro dela. — Acho que ainda é cedo para a senhora pensar nessas coisas. Mas caso esteja preocupada com a parte financeira, o sr. Nicholas a deixará bem amparada. O primo dele herdará o título, é claro, a menos que... — Ele tocou na própria barriga, insinuando uma possível gravidez dela.

— Não tenho idéia se estou esperando ou não um filho. — Mas Faith decidiu deixar essa idéia de lado e se concentrar no presente. O tom da conversa de Morton lhe soou estranho. — Por que está falando sobre quem herdará o título? O senhor mesmo acabou de dizer que o título pertence a Nicholas. Com certeza é um pouco cedo para se falar nisso.

— Quero dizer... depois de... Peço desculpas, acho que foi uma indelicadeza de minha parte abordar esse assunto agora.

— Por favor, não fale nesse tom negativo. O senhor não sabe quanto a missão de meu marido pode ser perigosa. Ele sobreviveu a várias batalhas, saindo com apenas alguns arranhões. Tenho certeza de que Nicholas vai sobreviver a essa missão. — Faith fez uma pausa. — O que está acontecendo? Por que o senhor me olha dessa maneira?

— A senhora não sabe? — o sr. Black perguntou, surpreso. — Pela maneira como a senhora estava chorando, achei que já soubesse de tudo.

— De tudo o quê?

Desconfortável, ele olhava para o horizonte.

— De tudo o quê? — Faith repetiu, ansiosa. — Sr. Black, o senhor tem algo a me dizer sobre meu marido?

— Não é fácil falar desse assunto, por isso vou dizer de uma vez. Ele está morrendo.

— Morrendo? Como pode ser? — Ela lembrou-se dos dias em que Nick passara inconsciente. — Não é possível! Nicholas não pode estar morrendo!

Morton Black deu um tapinha em seu ombro.

— É verdade. Ele tem uma doença no cérebro; os médicos não sabem bem do que se trata.

Faith tremia por inteiro.

— Mas são apenas dores de cabeça...

— Sinto muito, mas não há esperança.

— Sempre há esperança. Como o senhor descobriu isso?

— O sr. Reyne e sua irmã me pediram para investigar a vida do sr. Blacklock. A sra. Hope estava preocupada; ela queria descobrir com que tipo de homem a senhora havia se casado.

— E o que o senhor descobriu?

— A senhora disse que seu marido sofre de dores de cabeça. Essas dores não têm piorado mais e mais?

Faith concordou.

— Falei com a mãe dele e com o médico também. O doutor me disse que era apenas uma questão de tempo para que as dores ficassem cada mais freqüentes e piorassem... E, com o tempo, o capitão pode cair na... — O sr. Black se interrompeu, limpou a garganta e continuou: — Pode chegar à morte.

— Mas não era o que o senhor ia dizer, certo? Eventualmente. Nick pode enlouquecer, é isso?

— O médico não tem certeza absoluta quanto à loucura, mas os dias dele estão

contados.

— Então não existe nenhuma missão militar?

— Não que eu saiba. Conversei com Stevens na noite passada e ele me contou que eles iriam visitar todos os campos de batalha onde o sr. Blacklock lutou. Muitos amigos dele morreram em combate e foram enterrados em vários locais entre a Espanha e Portugal. O próprio filho de Stevens foi um deles. É um tipo de peregrinação.

— Então não existe nenhuma missão militar e meu marido está sofrendo de uma sórdida doença desconhecida que pode levá-lo à loucura de tanta dor.

— Sim, foi isso mesmo que o médico dele disse. O sr. Blacklock consultou outros médicos e as opiniões foram unânimes.

Então Nicholas se afastara de seu país e de seus familiares para morrer sozinho em algum vilarejo distante. Agora Faith entendia por que ele havia lhe contado a história de seu pai na noite anterior; de como sua mãe tivera de sofrer ao lado do marido.

— Por isso Nicholas me mandou de volta sem saber nada sobre os seus planos, para que eu não tivesse de presenciar a morte lenta dele.

— Devo dizer que foi um ato de consideração e cavalheirismo da parte de seu marido.

— Consideração? Cavalheirismo? — Os olhos de Faith estavam cheios de lágrimas e fúria. — Como ele ousou?

— Não estou entendendo, senhora...

— Como Nicholas ousou decidir o que eu posso ou não posso suportar!? Como ele ousou dar continuidade a esse plano de ir morrer sozinho, sem me consultar?!

— É uma atitude muito nobre da parte dele.

— Basta! Se meu marido está à beira da morte, ele não vai morrer sozinho! Terá todo o conforto que eu poderei lhe dar.

— Sei que é difícil de encarar, mas...

— Mande esse navio voltar imediatamente, sr. Black.

— Mas isso é impossível, senhora.

— Por que é impossível? Somos apenas dois passageiros e não estamos muito distantes da costa. Por favor, informe ao capitão que eu desejo retornar imediatamente.

Morton Black ia abrir a boca para argumentar, mas pensou melhor e seguiu em busca do capitão. Faith o observou conversando com o oficial. O homem olhou para ela e balançou a cabeça. Morton Black disse mais alguma coisa. O capitão meneou a cabeça novamente, enquanto gesticulava dando explicações.

— O capitão disse que os ventos não estão favoráveis e que não é possível voltar, senhora.

— Ofereça dinheiro a ele, sr. Black. Eu vou voltar.

— A senhora mudou muito.

— Sim, mais do que o senhor imagina. De agora em diante, me chame de sra. Blacklock. Como meu marido disse ontem, nós estamos casados — Faith lançou-lhe um olhar determinado — até que a morte nos separe. Somente a morte poderá me separar de Nick; não será um plano armado pelas minhas costas ou pela teimosia do capitão deste navio.

Dito isso, Faith foi falar pessoalmente com o capitão e se apresentou sem muita cerimônia.

— Capitão, acho que o sr. Black já lhe informou sobre a minha urgência de retornar para Bilbao.

O homem balançou a cabeça com fingida tristeza.

— Não será possível, senhora. Os ventos não estão favoráveis e eu não posso atrasar a minha viagem.

— E se eu lhe pagar por isso?

Faith ofereceu uma soma imensa de dinheiro que fez o capitão mudar de idéia no mesmo instante.

A estrada para Vitória era estreita e ia montanha acima, sinuosa. O ar estava frio e úmido, e o solo, coberto de lama escorregadia, atrasava o avanço dos três homens, apesar de eles não se importarem com isso. Não tinham pressa. E quando mais alto subiam, mais triste Nicholas ficava.

Deus, nunca mais iria ver a sua Faith. Mas era melhor assim.

Pois ela teria se oferecido para cuidar dele exatamente como sua mãe cuidara de seu pai. E a idéia de ver sua querida e alegre esposa se transformando numa mulher triste e sem esperança era algo insuportável para Nicholas.

Logo na frente, Mac ia carrancudo e sombrio. Talvez eles devessem ter procurado mais pela cigana. Mas por uma questão de orgulho, Mac nunca iria atrás dela, pois acreditava que não tinha sorte com as mulheres.

A neblina estava piorando e dificultando ainda mais as coisas. Mesmo assim Nicholas seguia indiferente aos avisos de Mac de que talvez fosse melhor pararem na próxima vila.

— Tem certeza de que este é o caminho que eles seguiram? — Faith perguntou pela terceira vez ao sr. Black, apressando seu cavalo.

— Não tenho certeza absoluta — Morton Black respondeu. — Mas Stevens disse que eles iam para Vitória. O filho dele foi enterrado lá.

— Isso é certo, mas, e se foram acompanhar Estrellita até a casa da avó dela?

— Pode ser. Não temos certeza de nada, sra. Blacklock. Porém eu sou bom em encontrar pessoas, e a minha intuição me diz que devemos ir para Vitória e esperá-los lá.

— Acho que o senhor está certo. — Após deixarem o navio, Faith tinha imaginado que conseguiria alcançar Nicholas como da última vez, surpreendendo-o. Mas os dois já viajavam havia um dia e ela estava cansada e deprimida. Parecia que subiam aquela montanha fazia uma eternidade e Faith estava molhada, com frio e com medo de se perder de Nicholas para sempre.

Depois de muito cavalgarem, a estradinha inusitadamente se abriu para um tipo de terraço natural com vista para um imenso vale. A paisagem era espetacular.

Morton Black disse baixinho:

— Acho que escutei vozes.

— Nicholas! — Faith exclamou, mas antes que ela pudesse se mover, o sr. Black segurou as rédeas do seu cavalo e a puxou para trás de um arbusto.

— Não seja tola! Muitos bandidos costumam se esconder nestas montanhas. Vamos investigar primeiro. Espere aqui e prepare a sua pistola. — O sr. Black nem esperou pela resposta dela e saiu sorrateiramente para tentar descobrir quem estava por perto.

Faith esperou, nervosa, segurando a pistola. De repente, houve um barulho. Ela preparou a pistola. Em seguida, ouviu uma voz.

— Faith? Faith? Onde você está? — Era Nicholas! O seu Nicholas!

Alegremente, ela apressou o cavalo e saiu detrás do arbusto que a protegia e seguiu ao encontro de seu querido e amado marido.

— Estou furioso com você. — Ele a abraçava e a cobria de beijos. — Olhe para você, toda molhada e morrendo de frio! — Nicholas tirou seu sobretudo e o colocou sobre as

costas dela. — Eu deveria castigá-la por me desobedecer, sra. Blacklock. — ele a beijou novamente. — Mas primeiro vamos procurar um abrigo para você.

Faith não respondeu nada. Ela ria e chorava ao mesmo tempo e o beijava de volta. Mais tarde, até poderia acontecer um ajuste de contas entre ambos, mas não naquele momento.

O casal foi ao encontro dos outros no mesmo cavalo. O grupo seguiu a viagem em fila única por pelo menos mais uma hora, com Beowulf à frente, abrindo caminho. De repente, o cão parou e começou a latir.

— Quietos, Wulf! — Mac o repreendeu. Mas o cachorro continuava latindo, abanando o rabo sem parar e ignorando as ordens do capitão.

— Qual é o problema desse cachorro? Tire-o do caminho, Mac! Preciso encontrar um abrigo para minha esposa.

— Eu nunca vi Wulf assim antes, capitão. Talvez a estrada principal apresente algum perigo, e o instinto dele quer que siga-nos por outro caminho.

— Está bem, vamos tentar o caminho do cachorro, mas vou logo avisando que se isso não nos levar a nenhum lugar, eu mesmo vou dar uma surra nesse cão! — Nick abraçou Faith, que estava sentada na frente dele, e ela sentiu-se quente e protegida. Sabia que seu querido Nicholas não teria coragem de bater no animal.

Eles seguiram Beowulf por uma trilha estreita que os levou a uma cabana, construída no que parecia ser uma caverna. De uma pequena chaminé saía uma fumaça fina, indicando que o local era habitado.

Nicholas não estava muito feliz com aquilo.

— Mac, vá perguntar ao dono se podemos passar a noite aqui, ou pelo menos até que a chuva diminua.

Mac desmontou e bateu na porta da cabana. Alguém abriu uma das janelas e espiou com cautela, sem que seu rosto pudesse ser visto.

— Wulf? Tavish? — Era Estrellita. — Onde está o capitão Nick?

— Estou aqui — Nick respondeu. — É você, Estrellita? Deixe-nos entrar; minha esposa está molhada e com frio.

A garota balançou a cabeça.

— Por que vocês me seguiram? Vá embora, capitão Nick. Você veio matar a Anciã.

— Nós não seguimos você; o cachorro nos trouxe até aqui — Mac resmungou. — Tenho coisa melhor para fazer do que seguir uma cigana fugitiva!

— E eu não pretendo ferir sua avó, sua garota tola! Quantas vezes terei de lhe dizer? Agora deixe-nos entrar. Faith está molhada e com frio.

— Somente Faith poderá entrar. Quanto a vocês, podem ir embora!

A cena estava se transformando numa comédia, com Estrellita gritando da janela e Mac e Nicholas gritando de volta, mas em meio a isso tudo, a porta se abriu e uma senhora vestida de preto apareceu.

De repente, todos ficaram em silêncio. Até mesmo o cachorro parou de latir.

A velhinha era pequena e frágil, e seu rosto, todo riscado de rugas.

— Bem-vindos à minha casa. Vocês eram esperados. — A senhora fez um sinal para que entrassem.

Eles desmontaram. Stevens segurou as rédeas de todos os cavalos e ele e o sr. Black conduziram os animais para um pequeno estábulo.

Estrellita correu para a porta e começou a discutir com a velhinha numa língua desconhecida para os outros. A idosa senhora disse algo e fez um sinal para Estrellita, que, apesar de parecer contrariada, se calou.

— Você está molhada, criança — a senhora dirigiu-se a Faith. — Venha. Aqui dentro está quente e seco.

Ela estendeu a mão para Faith, que sentiu um arrepio ao ser tocada pela anciã.

— Os senhores também são bem-vindos — a velha disse para os homens. — Minha casa está aberta para todos.

Mac entrou primeiro; a mulher o mediu dos pés à cabeça e disse muito séria:

— Já ouvi falar do senhor.

Mac estendeu a mão para a velha, que a segurou por um longo tempo e depois a soltou com um sorriso satisfeito, sem dizer nada. O escocês abaixou a cabeça e entrou na pequena cabana.

Nicholas entrou em seguida e estendeu a mão para cumprimentá-la, mas a senhora deu um passo para trás, evitando-o. Lembrando-se dos medos absurdos de Estrellita, Nick resolveu não se ofender. Ele simplesmente a cumprimentou com um gesto de cabeça e entrou.

A cabana era composta de um único cômodo e tinha pouca mobília. Num dos cantos havia uma cama; no meio, uma mesa e um banco comprido, e numa das paredes, um armário. Tapetes coloridos feitos à mão cobriam o chão. Eles estavam ali por uma questão de necessidade, Faith pensou, pois o piso era de pedra e devia ser muito frio.

No fogão, um caldeirão enorme com sopa de ervas fumegava e espalhava o delicioso aroma no ar. A senhora mandou Estrellita improvisar uma cortina com um lençol; atrás dele, Faith tirou as roupas molhadas, se enxugou e vestiu algo que a própria mulher lhe ofereceu. O vestido devia ser para ocasiões especiais, pois era todo bordado e cheio de babados coloridos.

Do outro lado do lençol, os homens também tiravam suas roupas úmidas e se enrolavam em cobertores. Mac ajeitou o seu como se fosse uma típica vestimenta escocesa, e os outros o copiaram.

Quando a cortina que dividia o cômodo foi removida, todos permaneceram em silêncio, apenas se entreolhando. Então Nicholas tomou a iniciativa de falar:

— A senhora se importa se eu e minha esposa formos conversar um pouco lá fora? Acho que temos algumas coisas que precisamos discutir.

Faith atendeu ao convite do marido sem discutir, pois ela também tinha muitas perguntas que precisavam de resposta.

Ainda chovia, mas a porta da cabana tinha ligação com o pequeno estábulo, onde eles puderam conversar secos, porém rodeados por cavalos, por alguns bodes e galinhas.

— Por quê, afinal, a senhora me seguiu?

— Não me venha com essa história de "senhora", Nicholas. Você mentiu para mim!

— Bobagem.

— Mentiu, sim. Você me fez acreditar que estava numa missão militar!

— Eu não falei tal coisa. Você disse isso.

— Mas não desmentiu.

— Achei que seria melhor para você.

— Já sei de tudo. O sr. Black me contou. Ele falou com o seu médico.

— Ele não tinha o direito!

— Você teme que eu sofra como sua mãe, e possivelmente será assim. Mas sofrerei mais se você me mandar embora.

Nicholas balançou a cabeça, porém Faith continuou determinada a fazer com que ele entendesse.

— Como acha que eu me sentiria quando descobrisse que você morreu sozinho, sem mim? Casei-me com você para estar ao seu lado na alegria e na tristeza, meu amor. Se fosse eu que estivesse morrendo, você me abandonaria?

Nick ergueu a cabeça e, apenas pela expressão de seu rosto, Faith pôde perceber que ele faria o mesmo por ela.

— Vou logo avisando que não será nada bonito!

— Bonito? — Faith sussurrou. — Como se eu me importasse com isso. Por você sou

capaz de encarar qualquer situação. Eu morreria em seu lugar, se preciso fosse. Eu o amo, Nicholas Blacklock. Se você tem de morrer, morrerá nos meus braços, onde é o seu lugar!

Capítulo VIII

— A Anciã falará com Stevens primeiro e depois com Faith — Estrellita anunciou, na entrada da cabana, na manhã seguinte.

— Comigo? O que ela pode querer falar comigo?

A velha senhora estava sentada num banco, perto do fogo. Quando Stevens se aproximou, ela ergueu a mão e a pousou sobre o peito dele; e parecia ouvir algo.

Após alguns minutos de silêncio, ela disse lentamente:

— O que você está procurando se encontra no vale, logo abaixo. Não dá para ver daqui. Desça até lá e leve seus amigos. Agora mande a garota inglesa entrar.

Stevens saiu muito impressionado e mandou Faith entrar, então contou aos outros o que a velha lhe dissera. Eles olharam para o vale. Lá embaixo, um rio serpenteava, prateado.

— Acho que aquele é o rio Zadorra. Estou certo, Estrellita?

— Sim, capitão, aquele é o rio Zadorra.

— Então a vila lá adiante é Vitória. Foi nesse vale que lutamos uma das nossas batalhas mais sangrentas. Se descermos acompanhando o rio até aquela curva fechada, tenho certeza de que conseguiremos encontrar o túmulo de Algy. — Nick olhou para Stevens. — Vamos dar uma olhada?

Quando os três homens e o cão estavam saindo, Estrellita se manifestou:

— Eu vou junto, pois vocês podem se perder lá embaixo.

Faith entrou na cabana devagar e com muita cautela. A idosa senhora a recebeu com um sorriso e a fez sentar em um banquinho.

— É você que chama minha Estrellita de irmã de estrada, não é?

Faith concordou.

A velha olhou bem no fundo dos olhos de Faith por um bom tempo.

— O grandalhão de barba vermelha é bom para a minha Estrellita?

— Meu marido disse que Mac ama a sua bisneta. Ele o conhece há anos e disse que Mac nunca seria capaz de ferir uma mulher.

A senhora considerou as palavras de Faith com cautela.

— E seu marido? Ele é um bom homem?

— Oh, sim. É um homem maravilhoso! — Os olhos de Faith se encheram de lágrimas, e a velha apenas a observava.

— Que bom, pois você me parece ser uma boa mulher. Tenho pouco tempo de vida e gostaria de saber se você continuará irmã de estrada da minha Estrellita depois que eu

partir.

— É claro que sim.

— Gostaria que você a levasse embora deste lugar, pois depois que eu partir, só restarão recordações ruins aqui.

Faith olhou ao redor, observando a casa simples e austera. A velha senhora pareceu ler seus pensamentos.

— Estrellita é a última da nossa linhagem; não temos mais nenhum parente. Ela gosta de dizer que é cigana, mas na verdade em nossas veias corre sangue basco, mouro, espanhol, português e francês. Este é o meu lar e sempre gostei daqui, mas uma coisa horrível aconteceu com a minha Estrellita no vale abaixo, quando ela era mais jovem. Por isso será bom para minha bisneta morar em outro lugar.

— Entendo e prometo à senhora que cuidarei dela. Estrellita pode vir comigo para a Inglaterra, depois... depois... — Faith piscava rápido e não conseguia terminar o que estava dizendo.

— Dê-me sua mão, criança. — A senhora apanhou a mão de Faith e fechou os olhos.

— Um bebê está a caminho. — Ela olhou para o ventre de Faith. — Lembre-se disso. Não tema o que está por vir. A vinda de seu marido a este lugar já estava prevista. Três estrangeiros viriam. O primeiro, com seu próprio sangue na terra aos meus pés; o segundo, um homem de fogo, que levaria o sangue do meu sangue; e o terceiro, com olhos de gelo, cujo sangue irá tirar a minha vida.

Faith prendeu a respiração. A velha bateu carinhosamente na mão dela.

— Isso foi dito no dia do meu nascimento, há mais de noventa anos. Lembre-se de ajudar a minha Estrellita a se lembrar da profecia. Agora, preciso dormir. Seu homem com olhos de gelo vai demorar a voltar. — Ela olhou para Faith e sorriu. — Acho que você derreteu o gelo dele. Restou apenas a cor, agora.

— Aqui está o túmulo. — Eles se encontravam de frente para um monumento de pedras empilhadas. Nick tinha passado a última hora contando com detalhes a Stevens tudo que acontecera na batalha de Vitória.

Finalmente haviam encontrado o túmulo de Algy. Nicholas tinha carregado sozinho o corpo do rapaz para aquele local e ajeitado cada uma das pedras com suas próprias mãos, protegendo a cova rasa de animais e humanos.

Nick levantou a lápide de madeira, que estava tombada ao lado da pilha de pedras. Nela estava escrito:

Algernon Stevens, 1792-1813. Um verdadeiro amigo.

Stevens se ajoelhou ao lado do túmulo. Nick pousou a mão sobre o ombro do amigo e se ajoelhou também. Eles rezaram pela alma do querido Algy. Depois disso, Stevens se levantou e comentou:

— A Anciã estava certa. Dá para ver a cabana daqui. Mas não dá para ver o túmulo de lá.

Ao redor do túmulo havia um canteiro de flores silvestres que não pareciam estarem ali por obra do acaso.

— Durante todos esses anos, alguém tem cuidado do túmulo de Algy. Estrellita, você sabe quem plantou estas flores? — Stevens indagou.

— Eu plantei.

— Mas por quê?

— Minha avó me pediu para manter este lugar bonito e bem cuidado. Mas nunca soube o motivo. Acho que tem algo a ver com uma profecia.

— Não entendi como a sua avó sabia que meu filho está enterrado aqui. Ela me disse lá em cima que eu iria encontrar o que estava procurando. — Stevens encarou Nick e depois olhou para o túmulo do filho. — Como ela podia saber?

O vento soprava no vale. Ninguém tinha a resposta.

De seu bolso, Stevens tirou uma correntinha de ouro com uma cruz que pertencera à mãe de Algy. Em seguida, ele a escondeu embaixo de uma das pedras do túmulo, abaixou a cabeça e fez uma prece. Os homens tiraram os chapéus e rezaram também.

— Seu homem está sentindo dor. Traga-o até mim — a Anciã falou para Faith, que teve um sobressalto. Como ela poderia saber?

Estrellita, que voltava com alguns ovos para o café da manhã, ouviu o pedido da avó e deixou cair a cesta de ovos, quebrando vários deles.

— Não, abuela! Não faça isso!

A senhora acariciou o rosto da bisneta.

— Cuide dos seus ovos, minha criança.

Estrellita chorava.

— Mas a senhora sabe como isso vai acabar.

A Anciã beijou o rosto da bisneta molhado de lágrimas e disse:

— Traga-o para mim. Vamos, Estrellita. Seja corajosa. Você sabe que essa profecia já existia antes do seu nascimento. Esse é o meu destino e estou pronta para ele.

Soluçando, Estrellita limpava a sujeira que ela havia feito com os ovos, enquanto Faith saía em busca do marido.

— A Anciã quer ver você, Nicholas. Acho que ela pensa que pode curar a sua dor de cabeça.

Ele respondeu bruscamente:

— Não estou com dor de cabeça.

— Você sabe que isso não é verdade, meu amor. Vamos.

— Ela não pode fazer nada por mim, e não acredito em curandeiros.

— Por favor, Nicholas, não custa nada. — Faith estendeu a mão para o marido. — Quando eu conversei com ela, senti algo bom. Não sei se a Anciã pode ajudar, mas você disse que os melhores médicos da Inglaterra não puderam fazer nada, então por que não tentar?

— Isso tudo não passa de uma bobagem, ninguém pode fazer nada por mim.

Os olhos de Faith estavam marejados.

— Por favor, Nicholas, deixe-a tentar. Mac se aproximou.

— Capitão, o que o senhor tem a perder?

— Mac, não venha me dizer que você acredita nessas tolices!?

— Não costumo falar muito sobre o assunto, pois a maioria das pessoas acha que é bobagem, mas meu pai tinha o poder de prever. Ele via coisas em sonhos que depois se revelavam verdadeiras. Por isso eu digo, capitão. Não sei o que a Anciã planejou para o senhor, mas se não funcionar, o que o senhor perderá? Depois... se o matar mais rápido... — ele deu de ombros — não perderá nada também.

Faith ficou horrorizada com a frieza de Mac. Mas antes que ela pudesse se manifestar, Nick a impediu:

— Ele quer dizer que uma morte rápida seria melhor. Os médicos me disseram que poderei agonizar de dor durante dias.

Houve uma longa pausa. Então Stevens deu seu palpite:

— A Anciã sabe das coisas. Eu também senti algo bom quando ela tocou no meu peito.

— Nunca permitirei que essa mulher encoste um dedo em mim.

— Quem sabe se por detrás de tudo isso não esteja a chave da sua cura, capitão — Mac declarou, muito sério.

Nick olhou para cada um deles, para as pessoas que ele mais confiava neste mundo.

— Está bem, se isso deixará vocês felizes, conversarei com ela.

A velha senhora estendeu a mão para Nick.

— Não!!! — Estrellita gritou e se colocou entre eles.

A Anciã a puxou e falou numa língua que ninguém mais entendia. Gradualmente, a garota foi se acalmando, apesar das lágrimas que desciam por seu rosto. A avó a abençoou com o sinal-da-cruz. Em seguida, ela tirou uma cruz de prata de seu pescoço e o colocou em Estrellita, depois beijou a bisneta três vezes.

Era obvio que aquilo era uma despedida.

A Anciã fez um sinal para que Mac se aproximasse. Ela disse algo para ele que os outros não puderam ouvir e depois colocou a mão dele sobre a mão de Estrellita. Mac murmurou algumas palavras; talvez fosse uma promessa. Estrellita olhou para Mac, balançou a cabeça e retirou a mão. Em seguida, beijou a avó e se afastou com dignidade.

Os outros trocavam olhares desconfiados.

— Será que tem algum perigo? — Faith indagou. A velha senhora se virou e respondeu gentilmente:

— Todos os ferimentos são perigosos. Estamos nas mãos de Deus.

Aquela não era a resposta que Faith esperava ouvir. Nick encarou a Anciã e sentiu um arrepio. Ele então se virou e beijou Faith ternamente.

— Nunca se esqueça de que eu a amo. — Em seguida, deu um passo a frente e se ajoelhou aos pés da Anciã.

A senhora deu uma última olhada em sua cabana, respirou fundo e segurou firme as duas mãos de Nicholas. Todos podiam ouvir os soluços de Estrellita, que assistia à cena em agonia.

A Anciã, então, colocou as duas mãos na cabeça de Nick, os dedos longos apoiavam a nuca, e os polegares pressionavam na altura das têmporas. Ela fechou os olhos e por um bom tempo permaneceu parada. Depois, começou a mover as mãos lentamente em torno da cabeça de Nicholas, como se estivesse sentindo algo. Isso durou alguns minutos, o suficiente para Faith começar a se preocupar se aquilo tudo não passava de encenação. Então, de repente, a Anciã se curvou para trás e teve um tremor assustador, como se uma flecha invisível tivesse transpassado seu corpo.

A senhora se curvou novamente, parecendo estremecer de dor. Então Nick começou a tremer também, como se ondas de dor passassem de um corpo para o outro. As mãos dele se ergueram e tentaram afastar a Anciã, mas parecia não ter força suficiente.

Faith deu um passo à frente, temendo que aquilo não acabasse bem, porém Mac a deteve.

— Uma vez que começou, não se pode interferir, ou o capitão pode morrer.

Com medo, Faith escondeu o rosto entre as mãos; mas então Nicholas gemeu e ela olhou, assustada. Era insuportável presenciar aquilo.

A Anciã tremia incontrolavelmente, mas mesmo assim ela não o soltava. Até que os dois caíram no chão, Nicholas imóvel, a velha senhora ainda tremendo muito. Seus dedos estavam grudados como tentáculos nas têmporas de Nick, e, de repente, Faith viu...

— Sangue!

Ela correu para soltar Nicholas, porém mais uma vez Mac a deteve.

— Já é tarde. Agora precisamos esperar até o fim.

Com um último tremor, a Anciã soltou Nicholas, e suas mãos pousaram largadas no chão. Um fio de sangue escorria das têmporas do capitão.

Faith se aproximou dele. Nick não se movia nem parecia respirar. Suas mãos e cabeça estavam cobertas de sangue.

Mac se ajoelhou ao lado do amigo.

— Acho que ela o matou.

A Anciã também permanecia imóvel. Suas mãos e peito estavam vermelhos e encharcados de sangue.

Stevens encostou a cabeça no peito de Nicholas.

— Ele está respirando! Ajude-me a colocá-lo na cama, Mac.

Eles o colocaram na cama com muito cuidado e, em seguida, puseram o pequeno corpo da Anciã ao lado de Nick.

— Ferimentos na cabeça costumam sangrar muito — Mac disse para Faith, que olhava, impressionada, para o marido.

Stevens encharcou uma toalha de conhaque e a colocou sobre o ferimento de Nick.

— Já vi coisa pior nos campos de batalha, senhora. Na verdade, o próprio capitão já sobreviveu a vários ferimentos.

Faith sentia-se culpada por tudo que estava acontecendo, pois o marido só se encontrava naquela situação por insistência dela. E agora, não podia fazer nada por ele.

— A Anciã quase o matou! — Faith exclamou.

— Não. Ela se matou. — Estrellita se aproximou do corpo da avó e limpou as manchas de sangue. Então ela percebeu que na palma da mão da velha senhora havia algo coberto de sangue. Era um objeto metálico e cortante.

Mac pegou o metal e o limpou.

— Meu Deus, é um estilhaço de bala!

— Isso saiu da cabeça do sr. Blacklock? — o sr. Morton Black perguntou.

— Sim — Estrellita respondeu. Ela ainda estava inclinada sobre o frágil corpo da avó. — Quando parar de sangrar, ensope um pedaço de linho limpo com o líquido daquele vidro e mantenha o capitão Nicholas aquecido.

Faith estranhou a calma da moça e olhava espantada para o objeto de metal que estava sobre a mesa.

— Como isso pode ter saído da cabeça de Nicholas?

Stevens explicou:

— Estilhaços têm um longo alcance, senhora. Esse pequeno pedaço deve ter passado despercebido aos cirurgiões que atenderam o sr. Nick em Waterloo. No entanto eu não consigo entender como a velha senhora sabia disso.

Stevens embebeu o pedaço de linho no líquido do vidro e o colou sobre o ferimento, conforme as instruções de Estrellita.

Todos passaram a noite na pequena cabana. Faith dormiu no chão ao lado de Nicholas. Do outro lado da cama, Estrellita fez o mesmo ao lado de sua avó.

Durante dois dias e duas noites Nick e a velha senhora continuaram em coma. Ninguém conseguia dormir.

Na manhã do terceiro dia, Stevens e Mac saíram para caçar, pois a comida estava ficando escassa.

À tarde, Morton Black lembrou a Faith que ele tinha trazido cartas enviadas por suas irmãs. Ela leu e releu as cartas, sorriu um pouco e leu alguns trechos para os outros.

De alguma maneira, as cartas lhe serviram de consolo, mas, por outro lado, serviram também para lembrá-la de quanto se encontrava distante de sua família. As preocupações

de Faith agora faziam parte de outro mundo. E o mundo de Faith continuava deitado na cama, em silêncio e inconsciente.

Então, na manhã seguinte, Nick despertou, murmurou algo, e Faith correu para o lado dele.

— Nicholas, você pode me ouvir?

Os olhos dele a encaravam fixamente.

— Bom dia, sra. Blacklock — Nick murmurou e fechou os olhos de novo.

— Bom dia, sr. Blacklock. Muito bom dia, meu amor! — Faith ria e chorava ao mesmo tempo. Ela permaneceu o resto do dia ao lado dele, apenas observando-o dormir. Finalmente, exausta, adormeceu segurando a mão do marido.

Na tarde daquele mesmo dia, a Anciã faleceu.

A primeira a perceber foi Estrellita, que murmurava e esfregava cinzas em seu próprio rosto.

Faith correu ao lado dela.

— Não chore, Estrellita.

A garota olhou para ela, seu rosto selvagem coberto de cinzas.

— Você prometeu que o capitão não iria matá-la, mas ele a matou. No meu sonho eu os vi cobertos de sangue.

As palavras de Estrellita atingiram Faith profundamente. Ela prometera que Nicholas não mataria a Anciã, mas não havia como negar: seu marido se fortalecia a cada minuto, e a Anciã estava morta. O sonho de Estrellita estava certo. A profecia se cumprira.

— Sinto muito — Faith sussurrou. — Eu não esperava que as coisas fossem terminar assim.

Mac interferiu:

— Olhe para o rosto da sua avó, Estrellita, e me diga o que você vê.

Todos olharam. O rosto da velha senhora parecia calmo, como se as marcas de seus noventa anos tivessem desaparecido. Em seu semblante, havia uma expressão de paz e felicidade.

— Quando você viu o capitão pela primeira vez, disse que a chegada dele já tinha sido prevista. Sua avó falou que a profecia havia sido feita no dia do nascimento dela. A Anciã sabia que isso seria inevitável.

— Como você pode dizer essas coisas? Quem quer morrer? Eu não quero. Você não quer. — Estrellita não se conformava.

— Sim, mas nós somos jovens e cheios de saúde. Temos a vida toda pela frente. Mas se fossemos velhos e tivéssemos pouco tempo de vida, como você preferiria partir? Lentamente, com suas forças se esvaindo, consumida pela dor e pela doença, até se tornar dependente, ou preferiria algo rápido e glorioso como o que vimos três dias atrás?

Estrellita olhou para Mac.

— Ela morreu como uma rainha guerreira — ele completou.

Lágrimas lavavam a face de Estrellita, deixando rastros nas cinzas que encobriam sua pele.

Estrellita pediu para que todos saíssem enquanto ela lavava e vestia sua querida avó.

Nick ainda não conseguia ficar em pé sozinho, por isso improvisaram uma cama para ele do lado de fora da cabana.

Mac andava de um lado para outro, impaciente e respeitando a privacidade de Estrellita. Mas quando a moça saiu, ela falou com ele indiretamente:

— Faith, diga a Tavish e a Stevens para cavarem a cova da abuela ao lado do túmulo de Algy.

— Ao lado do Algy? — Stevens perguntou, espantado.

Estrellita dirigiu-se a Faith:

— Sim, há muito tempo ela me disse que gostaria de ser enterrada naquele lugar.

Estrellita velou a avó durante três dias e três noites. Na manhã do quarto dia, ela saiu da cabana usando um vestido vermelho e brilhante.

— Está na hora de deixarmos a Anciã descansar em paz.

O funeral foi pequeno; somente Estrellita, Faith e os quatro homens. Apesar de todas as pessoas da vila gostarem e respeitarem bastante a Anciã por haver curado e ajudado muitos dos moradores de lá, era desejo dela mesma ser enterrada num local isolado, longe das pessoas que eventualmente acabariam transformando seu túmulo num ponto de peregrinação.

Antes do sepultamento, Estrellita fez um longo e emocionado discurso e, em seguida, jogou um pouco de terra sobre a cova ainda aberta. Aos poucos, cada um dos presentes se aproximou e repetiu o gesto, dizendo uma oração ou algumas palavras de consolo.

Mac foi o primeiro e desapareceu logo depois de sua homenagem. Nick ficou por último e demorou um bom tempo observando a cova. Aquele poderia ser seu túmulo, num país que não era o seu, ao lado de Algy, seu melhor amigo.

Quando ele terminava de proferir as últimas palavras de sua prece, um som agudo ecoou no vale.

— O que é isso? — Estrellita perguntou.

— Deve ser Mac tocando sua gaita-de-fole em homenagem à sua avó. Trata-se de uma tradição escocesa — Stevens respondeu.

— A música é linda — Estrellita disse. — Eu não esperava. A abuela iria adorar.

A música era mesmo muito bonita, apesar da melodia triste. Eles ouviram calados até o final.

Estrellita explicou para Faith que iria guardar luto pela avó durante nove dias e que o período prolongado fazia parte de uma tradição de família.

Durante os nove dias, a garota dirigiu a palavra apenas a Faith, apesar das várias tentativas de Mac. Ela não poderia se comunicar com ele ou com nenhum outro homem. Seu vestido vermelho do funeral logo estava em farrapos e coberto de cinzas, e Estrellita não se lavava nem se penteava.

A única coisa que ela fazia era limpar a cabana e tirar de lá todos os pertences da avó, queimando tudo numa grande fogueira. A moça não cozinhava e se recusava a comer o que lhe era oferecido.

A frustração de Mac aumentava cada vez mais; no sexto dia ele a encontrou sozinha e não resistiu:

— Quais são os seus planos, Estrellita? O capitão Nick e os outros planejam partir em cinco dias. A esposa do capitão disse que você guardará luto durante nove dias, portanto ele já terá acabado. Preciso saber se pretende ficar ou partir.

Ela o ignorou, agindo como se Mac nem mesmo estivesse ali. Ele a segurou pelo braço e insistiu.

— Vou lhe perguntar novamente, Estrellita. Você aceita se casar comigo?

A garota desviou o olhar e não respondeu.

— Você não tem por que continuar aqui. Venha comigo e nos casaremos.

Ela o afastou com fúria.

— Não fale comigo! Você está sendo desrespeitoso!

— Desrespeitoso? Por pedir em casamento uma bruxa imunda como você?

Como resposta, Estrellita jogou os cabelos para trás e saiu andando.

Inconformado, Mac se juntou aos outros.

— Estrellita não fala comigo. Não sei o que ela pretende fazer.

— Calma, Mac. Estrellita deve estar triste pela morte da avó e precisa de um tempo para tomar uma decisão — Nick disse para o amigo.

— Como o senhor pretende voltar para casa, capitão? — Stevens perguntou.

— Partiremos num navio do porto de Bilbao.

— De navio? — Stevens e Mac perguntaram ao mesmo tempo.

— Quero voltar o mais rápido possível. O sr. Black disse que minha mãe sabia sobre a minha doença. A pobre deve estar à espera de más notícias. Malditos médicos!

— Então o senhor não precisará mais de mim? — Mac perguntou.

— Nunca pensei que ficaria tão alegre ao dispensar um homem.

— E eu nunca pensei que ficaria tão feliz de ser dispensado de uma missão, capitão!

— Mas se você decidir ir para Inglaterra, saiba que sempre haverá trabalho para você ao meu lado, amigo.

Faith, que ouvia a conversa, perguntou:

— Qual era a missão de Mac, afinal?

Nenhum deles queria contar qual era a verdadeira missão de Mac e, apesar das perguntas insistentes de Faith, todos despistaram à sua maneira e foram saindo de mansinho até sobraarem apenas ela e Stevens.

—Vamos, Stevens, conte-me qual era, afinal, a missão de Mac.

Stevens hesitou e então começou a contar lentamente:

— Lembra-se daquela lebre, senhora? E o que Mac fez com ela? Ele não suporta ver uma criatura sofrendo.

Faith sentiu um nó no estômago ao entender o que Stevens queria dizer. Nicholas tinha vindo à Espanha para morrer, e Mac seria o encarregado de completar o serviço caso ele estivesse sofrendo.

Oh, Deus! Que missão triste aqueles três homens teriam de enfrentar! Um de morrer, o outro de matar e o terceiro de assistir à cena. Mas, por um capricho do destino, Estrellita cruzara o caminho deles, e por meio dela a avó pudera agradecer Nicholas com uma cura milagrosa.

— Não quero que fique aqui sozinha. Venha comigo, Estrellita. Se você não quiser, não precisa se casar comigo.

A moça encarou Mac e saiu sem dizer uma palavra. Ele a seguiu.

— Não quero pressioná-la, mas acho que vou enlouquecer só de pensar que você ficará aqui sozinha, sem ninguém para a proteger.

Estrellita falou para o ar:

— Por que eu iria acompanhar um barbudo que nem sabe o que é respeito?

Mac ergueu as mãos para o alto, frustrado.

— Se é isso que você quer! — ele gritou de volta e saiu como um tufão.

Quando os outros se reuniram ao redor da mesa de jantar, Estrellita percebeu a ausência de Mac, e o número de vezes em que ela olhou para os lados indicou para Faith que a moça estava preocupada.

Mac tinha desaparecido por dois dias, e a cada dia Estrellita parecia mais e mais preocupada. Mas todas as vezes em que Faith tentava tocar no assunto, a garota respondia com indiferença.

— Mas por que você nem mesmo quis falar com ele, Estrellita?

— Por uma questão de respeito, é claro. Homens e mulheres não devem se falar

durante os nove dias de luto — Estrellita explicou, como se aquilo fosse óbvio para todos.

— Mas esse tipo de tradição não faz parte dos nossos costumes. Estrellita. Por isso, Mac pensa que você está brava com ele.

— Estou brava mesmo, pois ele não demonstra respeito. Se Mac não pode esperar os nove dias de luto, então não serve para mim.

Na manhã do décimo dia, Estrellita saiu da cabana parecendo uma nova mulher. Tinha tomado banho e cheirava a flores silvestres. Seus cabelos estavam sedosos e escovados, e ela usava uma nova saia vermelha e uma blusa branca, enfeitada com bordados coloridos ao estilo do artesanato local.

— Estrellita, como você está bonita! — Faith exclamou.

— Tudo que estou vestindo hoje é novo. — Os olhinhos dela giraram ao redor como se buscassem por alguém em especial.

— Mac ainda não voltou — Faith se adiantou. — Mas tenho certeza de que voltará. Ele não iria embora sem lhe dizer adeus.

Estrellita não pensava o mesmo. Não via Mac desde o dia da última discussão.

— Partiremos amanhã, Estrellita. Você precisa decidir se virá conosco ou não. Eu gostaria muito que você viesse, minha irmã de estrada. Mas a decisão é só sua. Deixarei uma boa quantia em dinheiro para você.

— Não quero o seu dinheiro! — Estrellita respondeu, cheia de orgulho e um pouco ofendida.

Faith tocou carinhosamente em seu braço.

— Calma. Prometi à sua avó que tomaria conta de você. Não posso forçá-la a me acompanhar para uma terra estrangeira. Mas insisto em lhe deixar dinheiro suficiente para uma vida tranqüila.

A atitude de Faith comoveu a garota.

— Por favor, aceite, Estrellita. Digamos que este dinheiro será o seu dote. Um presente meu por sua avó ter salvado a vida de meu marido.

Após alguma hesitação, a garota aceitou o presente da amiga. Mac ainda não tinha dado nenhum sinal e, conforme o dia ia chegando ao fim, Estrellita ficava cada vez mais preocupada e ansiosa.

O sol havia se posto atrás das montanhas e as estrelas brilhavam no veludo escuro do céu. O jantar tinha sido delicioso e, finalmente, Estrellita voltara a se alimentar. Seus olhos, contudo, mostravam tristeza pelo desaparecimento de Mac.

Ninguém tinha coragem de tocar no assunto, mas todos estavam começando a ficar preocupados. Porém, quando a lua mostrou sua face pálida acima das montanhas, um som agudo cortou o silêncio da noite. Era uma gaita-de-fole.

Estrellita ergueu seu rosto, iluminado de alegria.

— Só pode ser Mac! — No mesmo instante ela saiu em disparada, seguindo a direção de onde vinha a triste melodia.

Faith suspirou, extasiada.

— Espero que eles se entendam, Nicholas.

— Eu também, meu amor. Mas sabe o que realmente me perturba? E que estamos sentados aqui, numa noite linda como esta, enquanto poderíamos aproveitar melhor a luz do luar.

O coração de Faith se encheu de alegria. Ela sabia o que o marido queria dizer.

— É claro, meu amor. Vamos caminhar um pouco e apreciar o luar. — Enquanto eles se moviam, de braços dados, Nicholas apanhou um cobertor.

Estrellita seguiu o som da gaita. Numa clareira, cercada de árvores, viu o gaiteiro

solitário, alto e imponente nas sombras da noite. Mas permaneceu parada no mesmo lugar, apenas apreciando a bela música. Mac notou a presença da moça, porém não se moveu, e Estrellita percebeu que dessa vez ela teria de ir até ele. Aproximou-se o suficiente para ver o rosto de Mac e parou, espantada.

Era um estranho.

— Quem é você? O que você fez com o meu Tavish?

— Sou eu, Estrellita.

— Mas você não se parece com o meu Tavish.

O estranho esfregou o queixo lisinho e barbeado.

— Quando você me desprezou, tirei a barba. Eu não faria isso por nenhuma outra mulher.

— Você tirou a barba por mim? — Ela examinou o novo visual de Mac. — Adorei, Tavish. Você ficou bem. Preciso me desculpar com você por tudo que aconteceu. Meu povo tem a tradição de guardar luto por nove dias e durante esse tempo homens e mulheres não se falam. Isso é uma maneira de demonstrar respeito.

— Então foi por isso que você não queria falar comigo?

— Faith me explicou que no seu país as pessoas não têm essa mesma tradição. Por isso pensei que você estava sendo desrespeitoso quando insistia em falar comigo. Espero que me perdoe, Tavish.

A resposta de Mac foi um abraço carinhoso em sua amada.

Faith e Nick estavam deitados sobre a terra fresca, observando as estrelas. Eles tinham feito amor e agora descansavam abraçados, aproveitando a tranquilidade da noite.

— Você sabe o que estou pensando?

— O quê? — Faith indagou, curiosa.

— No futuro. Estou fazendo planos! Nunca fiz isso antes. Um soldado não costuma fazer planos, ele vive para o presente. Mas agora eu tenho um futuro. Graças a você, meu amor. Você é o meu futuro.

— Oh, Nicholas! Você fez o mesmo por mim. Você me deu a oportunidade de um novo futuro, de uma vida decente e ao lado do homem que eu amo.

— Mas agora me conte o que está pensando. Você olhava para as estrelas, pensativa.

— Eu pensava na escuridão.

— Mas a lua e as estrelas não estão brilhando o suficiente para você, meu amor?

Faith sorriu.

— Não é isso. Eu estava lembrando do meu sonho, aquele especial que lhe contei; o que me fez pensar que Felix era o meu destino. Eu me esqueci da escuridão. No meu sonho, a música vinha da escuridão, tocada por um homem nas sombras.

— É mesmo?

Faith sentou para se explicar melhor.

— Você não percebe? Felix nunca esteve na escuridão. Ele sempre brilhou sob as luzes dos palcos. Você era o homem da escuridão.

— Com certeza eu estava na escuridão, mas você me trouxe para a luz, Faith.

— Não, o que eu queria dizer... Nicholas a interrompeu:

— O que você queria dizer é que este luar está muito lindo e que se pensa que vou passar o resto da noite discutindo o seu sonho, enquanto podemos fazer coisas bem mais interessantes, você está muito enganada. — Nicholas rolou por cima dela, e eles começaram a fazer amor novamente, cheios de paixão e desejo. Agora tinham um futuro juntos e queriam aproveitar cada momento de felicidade que a vida estava lhes oferecendo.

Epílogo

**Carradice Abbey,
Novembro de 1818**

Cercada de suas irmãs, Faith acabava de contar para elas todas as suas aventuras e desventuras vividas em terras distantes.

Ao seu lado estava Hope, que não se desgrudava dela desde sua chegada. Prudence e Charity estavam esparramadas em poltronas confortáveis perto da lareira. A pequena Aurora engatinhava num tapete aos pés delas, assistida de perto por Grace e Cassie. A tia mais nova, Dorie, mostrava o mais novo membro da família, Alexander, para a viúva, lady Blacklock.

Faith via a cena satisfeita e cheia de alegria. Como era bom estar de volta!

— Não tenho certeza, mas acho que logo aquela senhora será avó — Faith sussurrou no ouvido de Hope, apontando para a sra. Blacklock.

Hope olhou para a irmã gêmea, surpresa.

— Eu também acho que estou esperando — Hope revelou, e as duas se abraçaram satisfeitas.

Quando os outros perguntaram qual o motivo de tanta comoção, Faith respondeu que era apenas segredos de irmãs gêmeas. Ela queria ter certeza antes de dar a notícia para Nicholas. Mas com sua irmã era diferente. As duas sempre fizeram tudo juntas e nunca guardaram segredo entre elas.

Todas as mulheres da família Merridew encontravam-se de novo juntas em Carradice Abbey, não para cumprimentar Faith pela sua chegada de surpresa, mas para conhecer o mais novo membro da família, Alexander Gideon Oswald Carradice, nascido havia três semanas.

Quando haviam chegado a Londres, Faith e Nicholas não encontraram ninguém na casa de tio Oswald. Seu mordomo informara que todos tinham ido para Carradice Abbey por causa do nascimento do bebê.

Em seguida, o casal foi direto para a casa da mãe de Nicholas, que caiu em lágrimas quando viu o filho, que ela imaginava morto, vivo e ao lado de sua bela esposa. Eles, então, a trouxeram para Carradice Abbey para ela conhecer os outros membros da família de Faith.

Estrellita e Mac encontravam-se Escócia, onde a moça estava conhecendo o clã McTavish. Mas logo Mac viria trabalhar para Nicholas, e as irmãs de estrada estariam juntas novamente.

Stevens tinha voltado para a França e se instalara na mesma hospedaria onde trabalhava a famosa chef. Os dois se entendiam muito bem e Stevens dizia que estava se inspirando na atmosfera romântica da França para preparar seus pratos. O casamento entre o dois seria para logo e o casal estudava a possibilidade de se mudar para a Inglaterra e abrir uma hospedaria.

A conversa das damas seguia animada e, pelo que tudo indicava, o assunto não se esgotaria tão cedo. De repente, os cavalheiros entraram na sala, com tio Oswald na frente,

seguido por Gideon, Edward, Sebastian e Nicholas, todos conversando e rindo como se fossem velhos amigos.

— Está esfriando — tio Oswald declarou ao se aproximar da lareira. — Minha querida Faith, você encontrou um ótimo marido, ainda que ele não consiga ganhar de mim no bilhar! Devo confessar que quando recebi a sua carta, contando que havia se casado com um estranho, pensei que você estava entrando em outra encrenca! Pensou no risco que correu ao desposar um estranho? Faith se levantou do sofá e correu para os braços de Nicholas.

— O risco valeu a pena, tio.

Tio Oswald olhou para cima.

— Como você costuma dizer, Gussie, vale a pena correr o risco.

— Isso mesmo, Oswald. Depois, vejo que o moço tem mãos grandes. — Tia Gussie piscou para Faith, que corou ao se lembrar da teoria escandalosa da tia sobre homens de mãos grandes...

Faith recostou-se no peito do marido, sentindo-se a mulher de mais sorte do mundo.

— O senhor acabou de dizer que Nicholas era um estranho, tio Oswald, e era mesmo. Mas um estranho absolutamente perfeito para mim. — Faith olhou para as irmãs e completou: — E ao lado de Nick encontrei o verdadeiro amor, exatamente como mamãe nos prometeu.

Nicholas olhou para a sua amada esposa.

— Seja lá o que eu tenha lhe dado, você me deu em dobro, meu amor. — E na frente de toda a família, ele a abraçou e beijou-a com profunda paixão.

FIM

Anne Gracie passou a infância e a juventude viajando. O estilo de vida nômade lhe ensinou que o humor e o amor são linguagens universais e que os bons livros têm o dom de nos fazer sentir em casa seja qual for o lugar onde estamos.